

COELHO NETTO

O PATINHO
TORTO
OU
OS MISTÉRIOS
DO SEXO

COMÉDIA EM 3 ATOS

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

SERVIÇO NACIONAL DE TEATRO
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
RIO DE JANEIRO — 1973

IRACEMA - Para a Casa de Saúde?

CUSTODIA - Parece que tem de ser operada.

IRACEMA - Operada? Ah! (CAI DESMALÇOIDA)

CUSTODIA - Virgen mãe do céu! (AOS GRITOS) Bibi! Donaria! Acudam-me!

CENA XIV

BIBI - Que foi?

CUSTODIA - Iracema teve uma coisa. Olha como está esfriando. Chama Donaria.

BIBI - Minha pobre irmã! (CORRENDO AO FUNDO EM GRANDE AFLIÇÃO) Donaria! (VOLTA AJORNHA JUNTO DE IRACEMA E PÔE-SE A BATER-LHE NAS MÃOS A ESPREGAR-LHE OS BULSOS) Iracema! Minha irmã!

CUSTODIA - O coração dela está parando, Bibi. Vá-lhe-me Nossa Senhora! (DONARIA ENTRA APOQUEADAMENTE PELO FUNDO, DE AVENTAL, AS MANGAS ARREGAÇADAS)

DONARIA - Que é? (VENDO IRACEMA DESMAYADA) Misericórdia! Mas que foi, minh'ama?

CUSTODIA - Foi porque eu disse que Sinhá vai ser operada.

DONARIA) (COM AS MÃOS NA CABEÇA) Virgen! Operada... Sinhá! (DESAFA A CHORAR DESESPERADAMENTE)

CUSTODIA - Que é isso, rapariga! Você em vez de me darem coragem... já se viu uma coisa assim?... Cala a boca, Donaria!

DONARIA - Coitada de Sinhá. Aquêlê diabo do cheira-cheira... Não é a tã que eu embirro com êle. (IRACEMA VOLTA A SI, SENTTA-SE, OLHANDO EM VOLTA AJRADA)

CUSTODIA - Iracema!

BIBI - Min'ã irmã! (CHAMADA AO TELEPHONIO, BIBI CORRE A ATENDER)

CUSTODIA - (A IRACEMA, MAS VOLTADA PARA O TELEPHONIO) Está melhor, minha filha?

DONARIA - Petrezinha de nhá Eufemia. Nas mãos dequêlê diabo que não enxerga.

BIBI - (AO TELEPHONIO) Beira-mar: 8, 9, 6, 4. (DESLIGA)

CUSTODIA - Chega de chorar, Donaria. (A IRACEMA) Est'as melhorsinha? (A BIBI) Quem é?

BIBI - (SENTANDO-SE AO LADO DE IRACEMA) Foi engano.

IRACEMA - Que fatalidade! (ABRÇA-SE EM CUSTODIA, SOLTANDO)



ACTO SEGUNDO

CUSTODIA - (SENTADA NO SOPA COM AS MÃOS AMBIDUAS NO COLO, SUSPIRA COM DESESPERAMENTO) Aii! Aii! (A DONARIA, QUE ESTÁ ENCOSTADA A UM DOS UMBRAIS DA PORTA DO FUNDO) Já acendeste a lamparina do oratório?

DONARIA - Já sim, senhora. Mas eu achava que para uma coisa assim era melhor uma vela de cêra. Lamparinã a gente acende todos os dias, j'ã não tem força; os santos nem ligam. Cêra é cêra, minh'ama

BIBI - Tudo é luz, Donaria.

DONARIA - Eão, seu Bibi: a vela não é azeite. A prova é que ninguém manda lamparina para a igreja, o que se manda é cêra. Eu não mandei uma barriga? mandei. Vocemê pensa que os santos não vêm essas coisas? Ora se vêm... é Sant'Antonio entã!...

CUSTODIA - Pois vai buscar a vela, rapariga. Vai d'uma vez.

DONARIA - De quanto?

CUSTODIA - De dez tostões. Pois n'ao chega?

DONARIA - De dez tostões? Uma vela de dez tostões é pouco mais do que um phosphoro.

- DOMARIA - De dez tostões?! Uma vela de dez tostões é pouco mais do que um phosphore.
Eu, para mim, costume comprar de mil e quinhentos.
- CUSTODIA - (IMPACIENTE) Pois compra, rapariga. Compra!
- DOMARIA - Hum! Minh'ama fica sangada. Eu tenho culpa?! Está tudo pela hora da morte.
- CUSTODIA - (ENFRENADA) Morte, morte... Andas sempre a falar em morte. At'o parece agouro
- DOMARIA - (RESMUNGANDO) Hum! Nessa Senhora! (SAI PELO FUNDO, USQU RDA)

CENA II

- BIBI - (CONSULTANDO O RELÓGIO) Vinte minutos para a uma.
- CUSTODIA - Está demorando muito. E o compadre nada. Se voc'e tocasse para lá, Bibi?
- BIBI - Não. Se papai não fala é porque a operação ainda não terminou.
- CUSTODIA) (ALARMADA) Operação! Que operação!? Pois ela vai ser operada? (COM AS MÃOS
NA CABEÇA) Bem que eu estava adivinhando! (PÕE-SE A ANDAR DE UM LADO PARA
OUTRO, DESESPERADA)
- BIBI - Espere, D. Custodia. Tenha calma. Eu queria dizer exame.
- CUSTODIA - (AVO'DA) N'ao! N'ao! (CHAMADA AO TELEPHONIO, ALVOROÇADA) Vaiver, Bibi.
- BIBI - (CORRE AO APARELHO. CUSTODIA FICA EM ATITUDE ESPECTANTE) Alô! Como? Aqui é:
Beira-mar: 8, 9, 6, 4. (UM INSTANTE) Beira-mar.

CUSTODIA - Que é?

BIBI - Pois não. (DESLIGA)

Custodia - Que é?

BIBI - Engano. (PAUSA)

CUSTODIA - Como irá Iracema? Estou com esta cabeça que nem sei! Também 'e tanta coisa
em cima da gente.

BIBI - Olhe, D. Custodia, para mim, quer a senhora saber? Para mim a doença da
Eufenia é o cinema.

CUSTODIA - (SEM ENTENDER) Como cinema?

BIBI - Essas moças vão aos cinemas, v'em coisas, impressionam-se, o é isso.

CUSTODIA - Mas que coisas terá ela visto para ficar assim?

BIBI - Quem sabe lá? Eu só lhe digo que muita cabeça de moça tem virado por cau-
sa do cinema. Quando nos casarmos ela só irá aos cinemas comigo e ainda
assim só depois de eu / haver visto a fita.

CUSTODIA - Ora, Bibi, se cinema virasse cabeças, ent'ao, meu filho, não sei o que se-
ria desta cidade. Qual! Eufenia tem coisa muito séria. Queira Deus que eu
me engane, mas para mim... (SUSPIRA) ainda esta noite um cachorro uivou lá
na vizinhança que parecia o diabo.

BIBI - Ora! Os cachorros uivam sempre que há luar. Tristeza.

CENA III

IRACEMA - (ENTRANDO PELA DIREITA) Nada ainda?

CUSTODIA - Qual, minha filha! E você como vai? (FÁ-LA SENTAR-SE AO SEU LADO)

IRACEMA - Estou preocupada! (TOCANDO A MÃO DE CUSTODIA E ENCOSTANDO-A AO PEITO) Olhe
meu coração como est'a.

BIBI - Não há nada. (BUERICA: CHAMADA AO TELEPHONIO)

CUSTODIA - Vai ver, Bibi. (BIBI VAI ATENDER, AS DUAS MULHERES LEVANTAM-SE E AGERCAM-SE
DO APARELHO, ANSIOSAS. BAIXO A IRACEMA) Estou com medo.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- BIRI - Ale!... (Safrego) É papai? Sim, sou eu. Entã? (Movimento das mulheres) Como? Um terço? Aqui? Só se fôr o meu. E eu? Um pijama que o senhor comprou? Com Iracema? (A IRACEMA) Você tem ali um pijama de papai?
- IRACEMA - Tenho, um que ela comprou ontem. Pedir-me que lhe regressasse os botões.
- BIRI - (AO TELEFONIO) Mas para quem é o termo, papai? (ESPANTADO) Como? Para Eufemia?
- CUSTODIA - Que é?
- BIRI - (ATONITO) É papai que está pedindo um termo para Eufemia.
- CUSTODIA - (COM UMA RABANADA) Ora! Tu pai está maluco.
- BIRI - (AO TELEFONIO) Mas porque, papai? Que extravagância é essa? Não vem? Porque? Como? (NERVOSO) Que di! Não é Eufemia? Heim? Eu... que? Emacho? Não compreendo. (VIVISSIMOS SINAIS DE ASSOMBRO) Heim? Oh! (DEIXA CAIR O FONE E FICA ESTATELADO DIANTE DAS SENHORAS, D'OLHOS ESCOZINHOS).
- CUSTODIA - (NUM GRITO) Morreu! Minha filha morreu!
- BIRI - (ARFANDO, VOZ SURDA) Sim. Sua filha morreu. A senhora está com a filha e eu sem noiva, viúvo!
- CUSTODIA - (CAINDO PESADAMENTE DE UMA GADEIRA) Ah! (IRACEMA PROSTRADA DE JOELHOS, MÃOS POSTAS, OLHOS NO CEU).
- BIRI - Morreu Eufemia, mas nasceu-lhe um filho.
- CUSTODIA - (DESCANDALIZADA) Como? Pois ora... E não aparecia. (A IRACEMA) Vai lá para dentro. Iracema (DE PUNHOS FECHADOS, POR ENTRE DENTES) Mas quem será o mió servel? Eu esgamo...? (IRACEMA FICA PARADA NO MEIO DA SALA, A OLHAR CERRA UM ORA OUFRO, A ELBI) Menino ou menina? (PALANDO-LHE EM ROSTO, VOZ TRÁGICA) Quem sabe se não foi você, BIRI!
- BIRI - Eu? Eu que? RUBRICA: IRACEMA, DE PE'NO MEIO DA SALA, OLHA OS DOIS DESCONFIA-PIADA)
- CUSTODIA - Menino ou menina?
- BIRI - Menino? Menina?
- CUSTODIA - (FRENÉTICA) Pois você não disse que ela...?
- BIRI - Ela? Não h'á mais ela. É ele.
- CUSTODIA - (FRENÉTICA) Ele? Que é? Homem, Biri, eu não te entendo. Ele quem?
- BIRI - Eufemia.
- CUSTODIA - Então Eufemia é ele, Biri?
- BIRI - É sim, senhora. O médico examinou.
- CUSTODIA - O médico examinou... e médico examinou. E d'ahi...?
- BIRI - É isso.
- CUSTODIA - Isso que?
- BIRI - Ela só pode vir paracasa...
- CUSTODIA - (ADIANTEANDO-SE) Carregada, já sei. (DEPOIS DE UMA VOZ) Se 'e por causa de pequeno...
- BIRI - Que pequeno?
- CUSTODIA - Que pequeno?... O do infame!
- BIRI - E a senhora a dar-lhe com um infame. Que infame? (A IRACEMA) Vai lá para dentro, Iracema. (RUBRICA: IRACEMA ENTRA À DIREITA, DESCONFIA-PIADA)

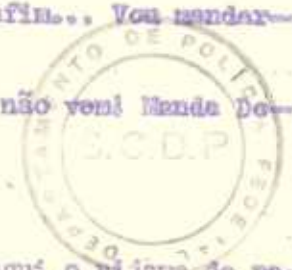


CENA IV

- CUSTODIA - E agôta?
- BIBI - Pois a senhora não compreende? (CUSTODIA APAIARDAMENTE UM GESTO NEGATIVO)
Eu vou mandar o meu terno para Eufemia.
- CUSTODIA - Para Eufemia... teu terno, esse... (SARCASTICA) Então Eufemia h'á de vir por ahí vestida de homem?
- BIBI - Naturalmente, porque esse é o traje que eladeve usar, (CUSTODIA ENCLA -- VINHA AS MÃOS E ENCARA-O DOCTABERTA, EXPLICANDO COM MISTÉRIO) D. Custodia, Eufemia é um erro da natureza que nos enganou a todos: á senhora, a mim...
- CUSTODIA - Erro da natureza?... (RUBRICA: DONARIA ENTRA PELO FUNDO).
- DONARIA - Está aqui a vela.
- CUSTODIA - (IRRITADA) Deixa-me com essa vela, repariga!
- DONARIA - (Á PARTE) Crede! (RUBRICA: ENTRA Á ESQUERDA COLOCANDO, DE PASSAGEM, O FONEIO NO GANCHO)
- BIBI - (MISTERICAMENTE) Papai acaba de communicar-ME-me que Eufemia é homem.
- CUSTODIA - (DUM JACRO) Seu pai perdeu a cabeça. (AMEAÇANDO-O COM OS PUNHOS) Então minha filha?...
- BIBI - É homem, tanto que, para voltar para a casa, faz quest'ao de um terno e, como não há outro, vou vestir o pijama de papai para mandar-lhe o meu.
- CUSTODIA - (GIRO-GIRANDO ATORRADA) Não! Não 'e possível! Vocês todos perderam a cabeça ou então sou eu que não estou regulando. Pois minha filha... Eufemia... Isso l'a 'e possível! (CHAMADA AO TELEFONEIO. BIBI ADIANTA-SE, MAS CUSTODIA TOMA-LHE A FRONTE). Não! Eu mesma fale. (AO TELEFONEIO). Quem fala? Aqui é Custodia Arrobas. (IRROMPENDO) Não seja malcriado, sabe? (DESLIGA).
- BIBI - (ESCARAPELANDO-SE) Que hei de eu dizer aos meus íntimos...! Com que cara vou eu aparecer em público!... Isto vai ser um escândalo!
- CUSTODIA - Mas como foi?
- BIBI - Sei lá como foi! (RUBRICA: CHAMADA AO TELEFONEIO. CUSTODIA ACODE).
- CUSTODIA - Alô! Sim, senhor. É o compadre? Ah! o Dr... Ent'ao, Dr.? (PAUSA, O ESPANTO VAI, POUCO A POUCO, DECOMPENDO-LHE O ROSTO). Mas não 'e possível, Dr. O senhor viu bem? Mas... Não sei, Dr... S'ó se foi coisa feita. Qual! Sim, senhor. Do primo, o noivo. Calcule! Est'a inconsolável! Sim, senhor. (RUBRICA: DESLIGA E FICA APATETADA, OS BRAÇOS CAIDOS AO LONGO DO CORPO, MENEANDO COM A CABEÇA DESOLADAMENTE);
- BIBI - Então, D. Custodia? (ELA ENCARA-O COM AR DE IDIOTA). Está convencida?
- CUSTODIA - (ACENA NEGATIVAMENTE COM A CABEÇA; DEPOIS DE UMA PAUSA) Olhe, Bibi, eu vou fazer cincuenta e dois annos, tenho visto muita coisa neste mundo, mas assim... (BATE COM AS MÃOS NAS FACES. OUTRO TOM) E agora? Que vou eu fazer de toda essa roupa que ela tem ahí?
- BIBI - Ora a roupa!... A roupa é o menos, o resto é que é. Enfin... Vou mandar-lhe o terno.
- CUSTODIA - É... Que remédio! Está lá teimando - que não vem! que não vem! Manda Donaria levar.

CENA V

- TRACEMA - (ENTRANDO PELA DIREITA COM UM ENROLHO, A BIBI) Está aqui o pijama de ve-



CENA V

- IRACEMA - (Entrando pela direita com um embrulho. A Bibi) Está aqui o pijama da papai. (A CUSTODIA) Então ela operou-se mesmo?
- CUSTODIA - (DEPOIS DE A ENCARAR, COM ABATIMENTO) Sei lá! Sei lá se se operou. Olha, o que eu digo, depois disto, é que, d'hoje em diante, n'ao se fio em mais ninguém.
- IRACEMA - Nem em mim, D. Custodia? (RUBRICA; BIBI ENTRA A DIREITA COM O EMBRULHO)
- CUSTODIA - Nem em ti. Em ninguém! Pois se minha filha... (PERSIGUENDO-SE) Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo! Uma menina que era um lirio... burba! honra. Eu sei l'á! (RUBRICA; ENTRA A ESQUERDA Gesticulando).

CENA VI

(RUBRICA; Iracema senta-se junto à mesa, folheando distraidamente as revistas. DONARIA aparece ao fundo, seguida de AUGUSTA que traz uma bolsa de couro).

- DONARIA - Há! Minh'ama não está ahí. Está D. Iracema.
- AUGUSTA - (DIRIGINDO-SE PARA IRACEMA, DE MÃO ESTENDIDA, MUITO LAMPEIRA E SARACOTEANDO) A senhora! Então como vai? Não sabia que estava por cá.
- IRACEMA - (PRIANTE) Como vai a senhora, D. Augusta?
- AUGUSTA - Rolando... (FAZENDO-LHE NIÇOS). Cada vez mais bonita, benza-a Deus! (P'oa A BOLSA EM UMA CADEIRA). Já sei que veio tratar do enxoval, hein? (IRACEMA ENCOLHE OS OMBROS COM INDIFERENÇA) Quando chegou?
- IRACEMA - No sábado.
- AUGUSTA - Está aqui mesmo?
- IRACEMA - Sim, senhora: eu e papai. Bibi continua na pensão.
- AUGUSTA - Pois não imagina como eu tenho pensado na senhora. Recobi um sortimento de Norte que 'e mesmo uma beleza! Rendas, bicos, crivos, lalgrinto, at'e nhanduty. E barras de saias, golas, cabeções, lengos... Tenho vendido muito. Já viu as rendas de fibra de bananeira? Pois olhe, nem em Paris se faz coisa igual. (RUBRICA; FAZ MENÇÃO DE ABRIR A BOLSA. IRACEMA DETÉM-NA)
- IRACEMA - Não, D. Augusta; depois. Estou com uma dor de cabeça que nem posso abrir os olhos.
- AUGUSTA - (TIRANDO DO BOLSO UM VIDRO DE SAIS) Cheire isto. É um santo remédio. (A D. DONARIA) Donaria, minha negra, você é capaz de arranjar-me uma omeirinha de café?
- DONARIA - Pois não, D. Augusta.
- BIBI - (A DIREITA, CHAMANDO) Donaria!
- DONARIA - Senhor! (ENTRA A DIREITA)

CENA VII

- AUGUSTA - Pois é verdade... (PAUSA) Venho da casa de uma freguesa. Estou estropada! Ah! menina... esta minha vida é uma penitência, não imagina. Para fazer negócio tenho de fiar; uma pagaa, mas há por aí uma certa gentinha que eu nem sei mesmo... É automóvel, Municipal, festas, sêdas, Petrópolis, colares de pérolas e uma porcarias de vinte cinco mil réis é um horror para a gente receber. Só em passagens de bondes tenho gasto mais do que fiar. Vou lá, bato e é aquela cortezar: "Não está. Está no banho." Há dias fui lá de

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



lá, bato e é aquela certeza: "Não está. Est'a no banho." Há dias fui lá de manhã. Veio um sujeito de cara raspada e disse-me que ela tinha ido para São Paulo. À tarde encontrei-a na Avenida. Pois quer saber? Quem teve vergonha fui eu; fiz que não vi. (INSISTINDO COM O VIDRO DE SAIS) Cheire um pouco. (IRACEMA ACENTA, DOBRIA, COM UM EMBRULHO, ATRAVESSA A CENHA DA DIREITA PARA O FUNDO, POR ONDE SAI A CORRIER) A senhora sofria e enche-seas? (ANIMA-A)

IRACEMA - As v'ezes.

AUGUSTA - Isso 'e estômago. Já sofri muito. Curei-me com banhos de mar. Porque n'ao experimenta? (COM MALICIA) E olhe, na sua idade os banhos de mar fazem bem a tudo. Tenho uma fregueza que achou marido, e que marido! ali na praia do Flamengo. Foi uma pesca e tanto!

IRACEMA - (ABORNECIDA) Não pense em casamento, D. Augusta.

AUGUSTA - (COM DELEVO) É porque a senhora não sabe como é boa. Pois olhe, quando a gente tem a sorte de achar um bom marido, não há nada melhor neste mundo.

IRACEMA - A senhora é casada? (AUGUSTA FAZ TRISTEMENTE COM A CABEÇA UM GESTO NEGATIVO) Viúva? (MESMO GESTO) Como sabe então?

AUGUSTA - (COM UM ARRANGADO SUSPIRO) Por informações, meu bom. Perdi o meu tempo de moça com maluquices. Não conhecia o mundo, que quer a senhora? E n'ao me faltaram partidos bons! mas tanto escolhi, tanto escolhi que aqui estou. A vida era boa e eu não sentia o tempo, que 'e como um morcego que, surpreendo esperança, vai levando a mocidade. Quando dei por mim era tarde: estava com a cabeça branca, sem dentes e cheia de rugas.

IRACEMA - Nem por isso, Dona Augusta. A senhora também não está tão velha assim.

AUGUSTA - Ora, coraçõzinho... N'ao estou velha... Eu é que sei verdade que um qui-tandeiro lá da minha rua (n'ao se enxerça, o porcaria!) andou com histórias comigo: presentinhos de laranjas, de bananas... mas eu, pois sim! (REPUXAN-DO A PALPEIRA INFERIOR DE UM DOS OLHOS) Eu vejo longe! Comigo não há lambança. O que ele queria sei eu... mas isso...! (TOCANDO, COM A MÃO ESPALMADA, ORA UMA ESPADUA, ORA OUTRA) pr'a o'a, mais pr'a cá'. N'ao, que me tem custado!

CENA VIII

CUSTODIA - (ENTRANDO PELA PORTA DA ESQUERDA, ANUADA, AUGUSTA LEVANTA-SE COM ALVOROÇO E VAI-LHE AO ENCONTRO, FRIAMENTE) Como est'a, Dona Augusta? (A IRACEMA) Falarem para cá?

IRACEMA - Não, senhora.

AUGUSTA - Eu trouxe a sua encomenda,

CUSTODIA - Que encomenda?

AUGUSTA - Para o enxoval da menina.

CUSTODIA - Ah! (FICA UM MOMENTO COMO ALHEADA, DE REPENTE) Olhe, Dona Augusta, o dito por n'ao dito. Eis agora tenho muito que fazer. Desculpe-me.

AUGUSTA - (RESSENTIDA) A senhora parece que está sentida comigo, Dona Custodia.

CUSTODIA - Sentida... Não, Dona Augusta.

AUGUSTA - Nem tem razão. Bem sabe que, negócios à parte, eu fui sempre sua amiga. Conhecemo-nos a mais de vinte anos.

CUSTODIA - (PALANDO À TOA) É verdade.



Fls. 17 - O PATIBULO TORPO

AUGUSTA - Pois então?

CUSTODIA - É... mas... (DESORIENTADA) Eu nem sei... Se eu lhe contar a minha vida a senhora há de pensar que é mentira. A senhora está me vendo aqui assim, não 'e? pois eu nem sei mesmo...

AUGUSTA - Mas que tenho?

CUSTODIA - Que tenho? Eu sei lá, Dona Augusta.

AUGUSTA - Não será algum embaraço no estômago?

CENA IX

(BIBI APARECE À PORTA DA DIREITA DE PIJAMA E ESTACA AO VER D.AUGUSTA; FAZ UM GESTO DE CABEÇA A IRACEMA A PERGUNTAR: QUEM É?)

IRACEMA - Entra. Não faz mal, é D.Augusta. (BIBI ADIANTA-SE COM ACANHAMENTO)

BIBI - Não repare.

AUGUSTA - Reparar em quê? O senhor está t'ao bom. (A IRACEMA) É o seu irmão, não?

IRACEMA - Sim, senhora.

AUGUSTA - Ora, com cerimônia... Pois não está decente? Eu tenho uma freguesa, e bem bonitinha, que anda assim em casa.

IRACEMA - De pijama?

AUGUSTA - Sim, senhora. Fica uma gracinha, não imagina.

CUSTODIA - (BAIXO A BIBI) Você já mandou a roupa, Bibi?

BIBI - Já sim, senhora.

CUSTODIA - E agora, com esta mulher metida aqui... como há de ser? Isto é uma língua!

BIBI - Que se há de fazer? (OUTRO TOM) Mas eu ainda não acredito, D. Custódia. Só vendo.

CUSTODIA - E eu, Bibi.

AUGUSTA - Mas então, D. Custódia, quer vêr ou não as rendas para a menina?

CUSTODIA - Que menina?

AUGUSTA - Sua filha...?

CUSTODIA - (COM UM MUCUCHO) Pois sim...

(IRACEMA LEVANTA-SE E VAI DEBRUÇAR-SE À JANELA. BIBI BATE UM CIGARRO NA MESINHA, TIRA A CAIXA DE FOSFÓROS DO BOLSO, MAS NÃO FICA COMO ESQUECIDO. AUGUSTA, INTRIGADA, SEM COMPREENDER OS MODOS MISTÉRIOSOS DOS QUE A CERCAM, OLHA ORA UM, ORA OUTRO. CUSTODIA PASSEIA NERVOSAMENTE PELA SALA, ESTRINCANDO OS DEDOS. VAI AO TELEFONE COMO PARA FALAR, DETÉM-SE DIANTE DO APARELHO E, SUCANDO OS OMBROS, TORNA À SALA, AUGUSTA DISPARÇA O SEU NAU INSTAR ABRINDO A BOLSA E EXAMINANDO-LHE O CONTEÚDO. RUMOR FORA. NO-VILLENTO NA SALA).

CENA X

DOMINARIA - (APARECENDO AO FUNDO, ESGAZADA) Minh'ama! (VAI A CUSTODIA, PROMPTA A FALAR, ESTA, PORÉM, IMPÕE-LHE SILENCIO COM UM GESTO. PALANDO-LHE EM SEGUITA) Sinhá passou debaixo do arco da velha, minh'ama.

(RUBRICA: CIENTENTE APARECE AO FUNDO E, logo em seguida, EUPENIA, VESTINDO O TERNO DE BIBI. ESPANTO MUDO).



- CLEMENTE - (A PORTA DO FUNDO, SOLIETE) Ecce homo ! ! !
- IRACEMA - (RINDO) Qué é isso, gente?
- CUSTODIA - (ATRINDO-SE PARA EUFEMIA DE BRAÇOS ABERTOS) Minha filha!
- EUFEMIA - (SOLIETE) Filho, mãe. Filho!
- AUGUSTA - E não é que ela fica bem assim ?
- EUFEMIA - (ARROGANTE) Ela, quem ?
- AUGUSTA - (SORRINDO ENLEADA) Quem há de ser ?
- EUFEMIA - (COM SUPERIOREDADE) Ele, minha senhora. Eu sou ele. D'ela restou-me ape-
nas os cabelos, que vou mandar cortar hoje mesmo. (A CLEMENTE) Onde 'e
seu cabeleireiro, padrinho?
- CLEMENTE - Eu certo por ahí...
- EUFEMIA - Isto 'e a corrente que ainda me prende á outra vida. (INTE FURIOSAMENTE
OS DEDOS PELO PENTEADO, SOLTANDO OS CABELOS QUE SE LHE DESPENHAM PELAS
COSTAS, SACUDINDO A CABEÇA TRIUMFANTE) Enfim!... (A DONARIA) Vai ali á
esquina e dise ao cabeleireiro que venha aqui imediatamente cortar-me
os cabelos).
- CUSTODIA - (ENERGICA) Nunca! Isso nunca !
- EUFEMIA - (TRANQUILAMENTE) Vai, Donaria!
- BIBI - Eufemia ! (RUBRICA; EUFEMIA FURINA-O COM UM OLHAR FURIBUNDO).
- IRACEMA - Sinhá!
- EUFEMIA - (A DONARIA, COM UM GESTO IMPERATIVO) Vai!
- AUGUSTA - (BAIXO A CUSTODIA) Se foi promessa, D. Custodia... Tive uma freguesa...
- CUSTODIA - Qual promessa, D. Augusta! Deixe-me, pelo amor de Deus!...
- DONARIA - (HESITANTE) Mas, então...
- EUFEMIA - Vai, Donaria! E que venha já! (DONARIA SAI PELO FUNDO).

CENA XI

- AUGUSTA - (Á PARTE) Se não foi promessa, então, coitadinha! Está aqui, est'a no
hospício.
- EUFEMIA - A vida agora sorri-me. (A IRACEMA) Não imaginas o que é isto cá deste lado.
Respiro outro ar e sinto-me livre, enfim!... (A BIBI) Dá cá um cigarro.
Os meus ficaram no sacco. (BIBI DÁ-LHE UM CIGARRO E ACEDE-O) Obrigada!
- CUSTODIA - (DEIXANDO-SE CAIR NO SOFÁ) Eu não digo? Ninguém acredita.
- AUGUSTA - (Á PARTE, PASMADA) Fuzando! Como est'a este mundo! Rio de Janeiro, quem
te viu e quem te vê!...
- CUSTODIA - (CORRE A CLEMENTE ESCANDALISADA E DIZ-LHE BAIXO) Compadre, tenha paciên-
cia... Veja se leva D. Augusta lá p'ra dentro. Eu já não tenho cara.
- IRACEMA - (MUITO MEIGA, ESTENDENDO OS BRAÇOS A EUFEMIA) Sinhá !
- EUFEMIA - (AFASTANDO IRACEMA) Iracema, cavou-se um abismo entre nós: tu, és uma;
eu, sou outro. O passado morreu para nós.
- BIBI - E eu? Afinal que papel represento eu em tudo isto ?...
- CLEMENTE - (BAIXO A CUSTODIA) Pois não... (A AUGUSTA) Desculpe-me, D. Augusta, mas a
senhora não podia esperar um instantinho lá dentro, só enquanto resolvemos
aqui uma questão de família ?



- AUGUSTA - Não, eu vou indo, já é tarde e tenho de ir à Gávea, levar uns bicos a uma freguesia. (MISERICORDIOSAMENTE) Mas diga-me aqui uma coisa. (APINHA OS LÁBIOS INDICANDO EUFEMIA) Cabeça virada, não?
- CLEMENTE - Cabeça? Não, senhora: coisa pior, muito pior! Não foi a cabeça que ~~virou~~ virou...
- AUGUSTA - Então que foi? (CLEMENTE FALA-LHE EM SEGREDO. AUGUSTA HUGUA FORMALISADA) Senhor! eu sou donzela, sabe? (TOMA A BOLSA E VAI DESPEDIIR-SE DE CUSTODIA, INIETO DIGNA) D. Custodia... (VOZ LACRIMOSA) a senhora conhece-me: sou pobre, é verdade, mas honrada. Não admito que me faltem com o respeito. Isto não!...
- CUSTODIA - (ESPANTADA) Mas quem lhe faltou aqui com o respeito, D. Augusta?
- AUGUSTA 6 Aquela senhor, sua filha... todos, enfim. (RUBRICA: ENXUGA LAGRIMAS) (RUBRICA: TODOS, A UM TEMPO) Eu?
- AUGUSTA - Aquela senhor diz-me coisas que eu nunca ouvi. Hum! hum!
- CLEMENTE - (BAFENDO NO PRITO) Eu?
- CUSTODIA - (BAIXO A CLEMENTE, EM TOM DE REPROCHE) Sempre a boca suja, compadre. O senhor não se emenda.
- CLEMENTE - (INDIGNADO) Boca suja! Perdão... (A AUGUSTA) Que disse eu? Eu sou um pai de família. O que eu lhe disse repito em voz alta, diante de todos.
- AUGUSTA - O senhor não repete!
- CUSTODIA - (BAIXO A CLEMENTE) Olhe as meninas, compadre.
- AUGUSTA - Não é capaz!
- CLEMENTE - Não repete!
- AUGUSTA - Não repete!
- CLEMENTE - Ora essa! (FURIOSO) O que eu lhe disse é a pura verdade, minha senhora, tão pura como esta luz que nos alumia. (A EUFEMIA) Você que é, menina? Diga aqui a esta senhora. Que é? Homem ou mulher?
- EUFEMIA - Homem!
- AUGUSTA - (DEPOIS DE RELANÇAR POR TODOS UM OLHAR AIRADO, TOMANDO ESTABANABAMENTE A BOLSA) Sabem que mais? Eu não me presto a debiques. Troças comigo, não! (ESPANTO GERAL) Tenham paciência! (A CUSTODIA, SENTIDA) Eu não mereço ser tratada assim em sua casa, D. Custodia. Não mereço, não. (RUBRICA: CAMINHA PARA O FUNDO MENEANDO COM A CABEÇA EM GESTO NEGATIVO)
- AUGUSTA - Acreditar em que, D. Custodia? Então eu sou tola?
- CLEMENTE - (DIRIGINDO-SE PARA O FUNDO) Mas... minha senhora.
- IRACEMA - (DINHEIRO JOGO) D. Augusta...
- CUSTODIA - (ANDANDO DE UM LADO PARA OUTRO DESOLADA) Eu não digo!
- BIMI - D. Augusta...
- EUFEMIA - (ENCOLHENDO OS OMBROS) Não quer acreditar, melhor. (RUBRICA: AUGUSTA SAI)
- BIMI - REALMENTE...

CENA III

- CLEMENTE - (IRRITADO) Está danada, porque perdeu uma freguesia e atira a culpa para cima de mim. É boa!
- CUSTODIA - (DANDO DE MÃO DIANTE DOS OLHOS) Ninguém acredita... Ninguém! (SENTA-SE COM OS COPOVELOS NOS JOELHOS, A CABEÇA ENTRE AS MÃOS)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- EUFEMIA -- (SERVANDO-SE DE PERNAS CRUZADAS) Mas afinal, que há nisto de extraordinário?
- CUSTODIA -- Olha, Eufemia... seja como fôr, o melhor é você ficar como estava. Você tem vivido até hoje assim, para que há de mudar? Isto vai ser uma atrapalhão para todos.
- EUFEMIA -- Como atrapalhão?
- CUSTODIA -- Pois então! Todo o mundo conhece-te como Eufemia e eu hei de agora andar participando, explicando a uns e outros que não és mais Eufemia? Põe o pé se em ti, minha filha. A gente também tem vergonha. E depois... ninguém toma a sério coisa assim. Ninguém. Eu, por mim, deixava as coisas como estão. Ninguém sabe. D. Augusta pensa que foi pagode. Melhor. Você continua como dantes, casa-se... (OLHA ESPERNECIDAMENTE PARA BIBI. A CLEMENTE)
Não acha, compadre?
- CLEMENTE -- (PUOINDO A QUESTÃO) Isto agora, comadre... é lá com eles.
- EUFEMIA -- (LEVANTANDO-SE D'IMPETO) Casar-me com Bibi... Eu?
- CUSTODIA -- Depois aquele médico, um catacego. Sei lá! Eu só digo que ainda pareo a cabeça nesta barafunda.
- CLEMENTE -- (ATRAPALHADO) E esta menina aqui a ouvir estas coisas... (A IRACEMA, ACARIANDO-A) Vai lá para dentro, filhota.
- IRACEMA -- (INGENUAMENTE) Ora... Por que? Que pensam então? Eu sei tudo.
- CLEMENTE -- (ATERRADO) Sabes tudo!
- IRACEMA -- (BAIXANDO OS OLHOS) Ent'ão? E não 'e de hoje.
- CLEMENTE -- (AGARRANDO-A POR UM BRAÇO) Hei?
- CUSTODIA -- Como? (COM AS MÃOS NA CABEÇA. À PARTE) Virgem!
- IRACEMA -- Sinhá nunca teve segredos para mim.
- CLEMENTE -- Mau! mau! (SEVERO) ¶ Tu... ent'ão? (AGENO AFIRMATIVO DE IRACEMA)(A CUSTODIA) Sua filha, minha senhora... ou filho...
- CUSTODIA -- (ENTESADA) Olhe, compadre, quer saber de uma coisa? é melhor não bolir comigo. Já estou cheia! (A EUFEMIA, ANUADA) Você faz lá as suas malquices e sou eu que pago.
- EUFEMIA -- Que malquices?
- CLEMENTE -- (A EUFEMIA COM VOZ SORRIDA) A senhora... e Senhor!... Ah! mas eu vou pôr essa história em pratos limpos.
- EUFEMIA -- Mas afinal... que há?
- IRACEMA -- Eu dei a entender a Bibi.
- BIBI -- A mim?
- IRACEMA -- Sim, senhor. Mais de uma vez.
- BIBI -- A mim, não. Tu nunca me disseste nada.
- CUSTODIA -- (DE MÃOS POSRAS, À PARTE) Que vergonha, meu Deus!
- IRACEMA -- Como não disse?
- CUSTODIA -- E por que não me disseste, a mim?
- CLEMENTE -- E a mim...?
- IRACEMA -- Ora... porque!... porque os senhores faziam quest'ão do casamento, fosse como fosse. Mas a Bibi eu disse. Se elle teins é porque quer. (A BIBI) Então eu não te disse, mais de uma vez, que Sinhá não gostava de ti? Não disse?



BIBI (APARVALHADO) Sim... isso dizeste.
EUFEMIA -(IMPREVINDO) Perdão... expliquemo-nos.
CLEMENTE-(DESAFOSADO) Mas então é isso que sabes que ela...?
EUFEMIA -(IMPERATIVO) Ele!
CUSTODIA-Deixa, minha filha, é o costume.
CLEMENTE-(INSISTINDO) ... que ela! (A EUFEMIA) Eu refiro-me ao passado. (A IRACEMA)
... que ela não gostava de Bibi?
IRACEMA - Pois então? (CLEMENTE RESPIRA DESAFOGADAMENTE) E para mim tudo isso que
Sinhá está fazendo não passa de pagode.
EUFEMIA -(MUITO GRAVE) Engana-te, Iracema. Isto é tudo que há de mais sério nesta
vida.
IRACEMA -(SORRINDO COM IMPENÇÃO) Pois sim. (OUTRO TOM) Eu quero muito bem a Bibi,
mas acho que Sinhá tem razão. Uma moça que se casa contra a vontade não pode
ser feliz. Eu cá ponço assim.
CUSTODIA-(BAIXO A EUFEMIA, ESPERANÇADA) Mas então é porque não te queres casar com
Bibi?
EUFEMIA -(SUPERIORMENTE) Não, mamãe.
CUSTODIA-Então porque é?
EUFEMIA - É porque é mesmo.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

CENA XIII

DOBRIA - (APARECENDO AO FUNDO) Já dei o recado; seu Baptista vem aí.
CUSTODIA- Que Baptista?
DOBRIA - O barbeiro da esquina.
CUSTODIA- O que vende o bicho? Que vem ele fazer aqui?
DOBRIA - Pois Sinhá não disse que queria cortar o cabelo?
CUSTODIA- (COM UM MUCHOCHO) Ora!
DOBRIA - (DE TROCELA) Eu faço o que me mandam. (VAI-SE PELLO FUNDO RESTUNGANDO)
CLEMENTE- (QUE TEM ESPADO A MANTAR A UM CANTO, A CUSTODIA, GRAVEMENTE) Cansada, a
senhora dá-me uma palavra em particular?
CUSTODIA- (FATIGADA) Pois não, compadre; Aqui mesmo?
CLEMENTE- Não. É melhor lá dentro.
CUSTODIA- Pois vamos. Estou às suas ordens. (CUSTODIA E CLEMENTE ENTRAM A ESQUERDA)
IRACEMA - (BAIXO A EUFEMIA) A mim é que você não engana. (ENTRA A DIREITA, RINDO)

CENA XIV

BIBI - (DEPOIS DE ESPERAR A TODAS AS PORTAS, PLANTA-SE DIANTE DE EUFEMIA E EXCLAMA
COM DESAFOGO) Enfim... só!
EUFEMIA - Dá cá outro cigarro, Bibi.
BIBI - Não! Agora, não! Tem paciência. Estamos sós e é necessário que resolvamos
a nossa situação. Isto não pode ficar assim. Somos noivos e o casamento,
Sinhá, é uma coisa séria!
EUFEMIA - De acordo; muito séria. É a base da família, o primeiro princípio fundamen-
tal da sociedade, etc. Mas dá cá o cigarro. Eu, sem fumar, não sou gente.
(BIBI DÁ-LHE UM CIGARRO) Phosphoro... (BIBI ATENDE, DEPOIS DE ACEENDER O CIGAR-
RO, CRUZANDO AS PERNAS) Muito bem. Estou às tuas ordens...
BIBI -(CRUZANDO OS BRAÇOS E ENCARANDO-A SEVERAMENTE) Que queres dizer isto? Como pi-
lhéria achou-a de mau gosto. Tens alguma queixa de mim? com franqueza?...



EUFEMIA - Buf não. Porque?

BIBI - Ent'ao que quer dizer isto? Explica-te.

EUFEMIA - (SEVERAMENTE) Isto? Isto quer dizer simplesmente, meu amigo, que somos incompatíveis.

BIBI - Incompatíveis?

EUFEMIA - Incompatibilíssimos! (COM SEVERIDADE) Bibi, durante dezoito anos vivi dentro de uma ilusão e de saias, aparentando o que não era e suportando o diabo! Por mais que eu dissesse, como... não me lembra quem: "Il y a quel que chose là!" ninguém acreditava. Deram-me bonecas, ensinaram-me a fazer crochet, puseram-me em uma escola de meninas e eu... (DE REPENTE) Conheces a história do Patinho Torto?

BIBI - Não.

EUFEMIA - Eu não a sei lá muito bem. Nunca tive jeito para histórias. Enfim, vou ver se consigo dar uma idéia. (PODO-SE À VONTADE) Era no reino dos patos. Um dia, passando por ali um bando de cisnes e sentindo-se a rainha deles ligeiramente incomodada, meteu-se no mato onde descobriu um ninho cheio de ovos, exclamando logo, exultante: "Oh! que achado!" E foi como se houvesse entrado em uma Maternidade. Compreendes? (ACENO AFIRMATIVO DE BIBI) Os patos, porém, sentindo o inimigo, levantaram tamanha granada que os cisnes abalarum em alvorogo... e com eles a rainha-mãe. A pata, dona do ninho, deitou-se sobre os ovos sem dar tento em mais um que ali aparecera... e chocou-os. No tempo próprio saiu a ninhada. Entre os patinhos, porém, veio um tão exquisite, tão mal conformado e com tão comprido pescoço que se tornou, desde logo, vítima dos remoques, não só dos patos adultos como dos próprios irmãos... como direi? de leite, não; de ch'oco. Apelidaram-no o "Patinho Torto". Pois, meu caro, o monstrengo não era nem mais, nem menos que um cisne e só deu por isso quando, fugindo à perseguição dos patos, que o traziam de canto chorado, achou-se, um dia, num lago, entre outros cisnes. Vendo-os e comparando-se com eles, ficou surpreso com a semelhança, compreendendo, então, e com orgulho, que não era um aleijão, mas um lindo exemplar de animal superior, com outro porte, outra graça que não tinham os patos. (LEVANTANDO-SE COM AR PIMPÃO) Pois, meu caro Bibi, a minha história é, com pouca diferença, a do "Patinho Torto".

BIBI - Como?

EUFEMIA - Se eu te dissesse os comentários que faziam em volta de mim, os risinhos, os dictérios que me acompanhavam nas ruas, nos bondes, nos teatros, nos bailes, nos cinemas, onde quer que eu aparecesse. Horríveis, meu caro! (ENCARANDO-O) Olha que tens mau gosto! Apaixonar-se um homem por uma tipo como eu era... só mesmo tu!

BIBI - Pois eu...

EUFEMIA - Homem, cala-te!... Um dizia que eu era feito - ou feita - a machado; outro, que não tinha gosto, que era abrutalhada, que estava muito boa para ir para a guerra responder ao 420 boche. Riam-se do meu buço, achavam-me sem modos e, no Pluminense, quando eu torcia... não te digo nada!... Estive uma vez vai, não vai a quebrar a cara d'um sujeito, um tal que espicha nos olhos muito delatados para as archibancadas para ver...



BIHI - Está o homem das pernas.

EUFEMIA - Sim. Pois, Bibi, a bruxa, a trouxa, o bacanante... no outro sexo, era ônte seu criado, o "Patinho Torto", cisma como tu, e farnoso, porqus, com honra, tem paciência, poucos se passarão à frente.

BIHI - Mas... e o atestado?

EUFEMIA - Que atestado?

BIHI - Tu não podes passar assim de um sexo para outro sem... passeaporte e declaração pública. Se a gente, para mudar o nome, anuncia nos jornais, vai ao tabelião, quanto mais para mudar de sexo.

EUFEMIA - Sim, tens razão. Hei de ver isso. Mas voltando ao nosso caso... Compreendes que, com a mudança, tendo passado de yato, ou yata, a cisma, e nosso casamento "é impossível. Continuemos como bons amigos e as confidências que eu, antes, fazia a Iracema, farei d'ora avante a ti.

BIHI - Qual tu não me conformas!

EUFEMIA - Como não te conformas? Essa agora!

BIHI - Não, Sinhá, eu... (INFRIGADO) Como, diabo, hei de eu chumar-te digna?

EUFEMIA - Chama-me como quiseres. Ainda não pensei na nova firma. Adoptamos, por enquanto esta: Eufemia & Cia., em liquidação.

CENA XV

DOMARIA - (APARECENDO AO FUNDO) Sinhá, seu Baptista está aí.

EUFEMIA - Mandá entrar.

DOMARIA - Entre, seu Baptista.

BAPTISTA - (APARECE AO FUNDO COM UM ENERUADO E, VENDO EUFEMIA DE TRAJO MASCULINO, COM OS CABELOS SOLTOS, DEIXA CAIR O ENERUADO E PASMA ESTATELADO) Oh!

EUFEMIA - Não se espante, seu Baptista, o lavre cá um tento porque arranjou mais um fregues de barba e cabelo.

BAPTISTA - (HEBERTADO) De barba... barba?!

EUFEMIA - O caso é simples. Como nasci muito entosadinho, mamão ês a promessa de vestir-me de mulher até eu completar os dezoito anos. Terminando hoje o prazo de voto reintegro-me no meu sexo, que é o masculino, com todas as honras e sem esta cabeleira, que o senhor vai deitar abaixo agora mesmo.

BAPTISTA - Ah! bem... compreendo. Ent'ao dezoito?

EUFEMIA - Dezoito. Vamos entrando. (A BIHI) Repara-me aqui um instante. Tira aí o último número do "D. Quixote". Ri à vontade, Vamos, seu Baptista. (ENTRA À DIREITA; BAPTISTA ACOMPANHA-A, MAS DOMARIA DESEMPENHA A PENA)

DOMARIA - Olhe aqui, seu Baptista: o senhor aceita duzentos réis na desena e duzentos réis no grupo?

BAPTISTA - (SORRINDO MALICIOSAMENTE) Dezoito, não? escheira e porra. (CONSULTA O REGISTRO)

DOMARIA - O senhor é ladino!...

BAPTISTA - Pudera! Com um palpite destes. Vê lá!

CENA XVI

DOMARIA - (DEPOIS DE UM MOMENTO) Seu Bibi, ainda que mal perguntar o senhor acredita na mesca história da Sinhá?



- BIBI - Sei lá, Donaria!
- DONARIA - Pois olhe... Eu é que porque não sou linguaruda, mas sempre desconfiei.
- BIBI - Fui! Por que?
- DONARIA - (MISTERICOSAMENTE) Olhe, seu Bibi, neste mundo cada um sabe de si e Deus de todos. (BATENDO NA BOCA) Hom! Gata a boca, Donaria. (SAI PELO FUNDO, SEGUIDA PELO OLHAR SUSPEITOSO DE BIBI)

TERCEIRO ATO

(AO LEVANTAR-SE O PAPO OUVI-SE A VOZ DE DONARIA CANTANDO, A DIREITA, FUNDO, A "CANÇÃO DO SOLDADO PAULETAS". BIBI CAMINHA PELA SALA, PREOCUPADO, Gesticulando; PARA D'OUTROS AIRES, CARRANQUEADO, COMO EM MEDITAÇÃO E, PALAN-DO CORRYGO, CONTINUA A PERLONGAR A SALA. BAPTISTA SAI DA DIREITA COM O EMBRUHO; FAZ UM COMPRIMENTO A BIBI, QUE NÃO CORRESPONDE, ALHEIADO DE TUDO, E SAI PELO FUNDO, A DIREITA, CUSTODIA NERRA VAGAROSAMENTE PELA ESQUERDA, SOMBRIA, DEIXA-SE JUNTO A MESA, MEXENDO DISTRAIDAMENTE OS JORNALS; POR FIM, ARRANCA DO PEITO UM SUSPIRO ANGUSTIOSO, SENTA-SE NO SOFÁ, CARIS-TAIXA, COM AS MÃOS ESPALHADAS NAS COXAS.

- DONARIA - (NO INTERIOR, A DIREITA) Adeus, seu Baptista. Olhe a minha encomenda, hein? Na desena e no grupo.

QUARTA ATTO

EUFEMIA - (DE CABELO CORTADO, INFRA PELA DIREITA TRIUNFANTE COM UMA FRANÇA NA MÃO) Jáve, enfim!... (BIBI, AO DAR COM OS OLHOS EM EUFEMIA CAY EM UMA CADYRA COMO FULMTRADO, BALEUOLANDO, EM VOZ QUASE BERTITA) Sinhá! (CUSTODIA LEVANTA OS BRAÇOS, HORRORIZADA, E DEIXA ESCAPAR UM GRITO) Misericórdia!

- BIBI - Que fixeste, Sinhá!
- EUFEMIA - Apoderei-me da praça, tomando a bandeira ao inimigo.
- CUSTODIA - E agora, manina?
- EUFEMIA - Agora vou desfaldar o pavilhão da vitória, o pavilhão do meu exco.
- CUSTODIA - Que pavilho, filha de Deus!...
- EUFEMIA - A herba! A Semeão, levou a tesoura as forças; a mim, dá-las viz... (URANO) Agora sim! sou gente! (SOPESANDO A FRANÇA) Não pensa tanto os grilhões a tua galé como eu pensava esta iguaria. Vou largá-la ao fogo! (ENCAMINHA-SE RESOLUTAMENTE PARA O FUNDO. CUSTODIA TOMA-LHE A FRENTE ARRANCA-DO-LHE A FRANÇA DA MÃO)

CUSTODIA - Bunca! Queimá-la... nuncá! (CONTEMPLANDO A FRANÇA COM PRISIVO) É preciso não ter coração. (DEBATA A CHORAR ABRACANDO-SE COM A FRANÇA E COBRINDO-A DE BELJOS FRESNETICOS) Ah! minha trancoinha querida! Franca do meu coração! Que sim a tuá!

- EUFEMIA - (PASSANDO O BRAÇO PELOS OMBROS DE CUSTODIA) Coragem, man! sei!
- BIBI - (A EUFEMIA, BAYXINHO) Mas est'co... tu...?
- EUFEMIA - (A BIBI) Est'co... que? (A CUSTODIA) Levante se n'co para o céu, nuncá, e agradeça o milagre que éle acada de realizar. O seu amor de n'co não sofre com a mudança e eu, eu antes: nós lucravms com a transformaç'oe porque passando a honra, falarei grosso d'ora avante, tomando a direç'oe dos nossos negócios que, por falta de um yulce, iam por água abaixo.
- CUSTODIA - E tu tens goite para honra, Sinhá? tens?



- EUFEMIA - No principio é natural que me atrapalhe um pouco, mas hei de aprender, des-
cansa. Tudo se consegue com o verbo querer, e eu quero!
- CUSTODIA - Pois sim, vai querendo! Mas quaire Deus que não te saia o tranfo de avessas.
Se fôsse só querer... Rafim... isso é lá contigo. (OUVRO TOR) E o mundo? Que dizão por
aí esses diabos que falam de tudo?
- BIBI - (MEXENDO A CABEÇA) É nisso que eu penso.
- EUFEMIA - Falam enquanto não se lhes tapa a bôca, mãe; mas eu tenho rolha, não se in-
comoda. E que importa a mundo? Que fale! Quem dá ouvidos a vossa não vai pa-
ra diante. Lembra-se da fábula do campones e o filho. Que me importa a mim
o mundo!
- CUSTODIA - Sim, tu não te importas, mas eu... Ah é que vou ouvir boas por aí.
- BIBI - (ESPICANDO O BEIÇO) E eu!
- EUFEMIA - (A CUSTODIA) Sa eu, quando era mulher, não estava desaforas, quanto mais
agora. Que se metem comigo! (A BIBI) E tu, desculpa-me, Bibi. Não é porque
eu não te queira, e muito! que retiro a minha palavra, mas tu compreendes:
Dois diabos não se deixam.
- BIBI - Sim. Se é verdade o que dizes?
- EUFEMIA - Pois ainda duvidas?
- CUSTODIA - Sendo assim, ainda mesmo que ela quisesse, não seria possível. Duro com duro
não faz bom muro, diz o ditado. O remédio agora... nem eu sei mesmo. (HEBETADA)
Enca vi uma coisa assim. Até parece feitiço, palavra!
- BIBI - Papai está lá dentro?
- CUSTODIA - Está.
- BIBI - Com licença. (ENTRA À ESQUERDA)

CENA III

- CUSTODIA - (SEGUINDO BIBI COM UM OLHAR PIEDOSO, PENALISADA) Ah! meu Deus! Pobre rapazi
Tanta coisa... tanta coisa p'ra nada. Olha que é mesmo para um homem perder
a cabeça. Já é falta de sorte. Enfim, ainda podia ser pior. Imaginem isso
no dia do casamento. Nossa Senhora! Nem é por pensar. (EUFEMIA ESPURTA AS CAL-
ÇAS REMEXENDO-SE COMO INCOMODADA) Que é? que é que tens?
- EUFEMIA - São as calças.
- CUSTODIA - Eu n'ao digei? Tu não vais lá das pernas, minha filha. Afinal, depois de 50
dezoito anos de saias, a gente habitua-se.
- EUFEMIA - Não, mãe!... isto agora sai eu vai eu racha!
- CUSTODIA - Que é isso, menina!
- EUFEMIA - (DANDO UM FORTE HAFANÃO AS CALÇAS) É o que lhe digo. (OUVRO TOR) Mas afinal...
A senhora queria dizer-me alguma coisa.
- CUSTODIA - Sim... é... é uma coisa muito séria. Nem eu sei mesmo como hei de dizer. Tu
agora és homem e eu com honras... francamente... não está em mim. Eu só falei
à vontade com um homem neste mundo e São Deus lá o tem na sua glória.
- EUFEMIA - Mas eu sou seu filho, mãe.
- CUSTODIA - É... mas... não sei... Enfim... façamos de conta que ainda és Eufemia.
- EUFEMIA - Pois sim, mas só na intimidade; Para a senhora muito boa. Para os mais Eufe-
mia morreu. (CUSTODIA PERMIGNA-SE SUPERSTICIOSAMENTE) Fale. Que há?
- CUSTODIA - (VEXADA) Foi o compadre que me disse. E ele tem razão, isso tem. Este mundo é
de maldade. Afinal de contas vocês viviam sempre juntas. (ATRAPALHADA) Eu mesma



de maldade. Afinal de contas vocês viviam sempre juntas. (ATRAPALHADA) Eu mesma não sei.

EUFEMIA - Mãe quer falar de Iracema?

CUSTODIA - É...

EUFEMIA - (MUITO DIGNA) Iracema foi sempre para mim uma irmã.

CUSTODIA - Eu sei. Mas o mundo, minha filha... o mundo, você sabe, tem a boca muito grande!

EUFEMIA - Ora, o mundo!...

CUSTODIA - Não, é "ora"! não. O compadre diz que vão falar.

EUFEMIA) Falar?!
)

CUSTODIA - É.

EUFEMIA - Falar de que?

CUSTODIA - Ora, de que... De que é que se fala neste mundo senão da vida dos outros?

EUFEMIA - Mas mãe acha-me capaz?

CUSTODIA - Eu, não. Quem acha é o compadre.

EUFEMIA - Oh! (COM MUITO PUNÇÃO) Mãe, eu sou um homem de bem!

CUSTODIA - Eu sei, menina... eu sei. (À PARTE) Qual! eu não me posso conformar com essa história de homem. Não posso!

EUFEMIA - (COM UM OLHAR À DIREITA) Olhe, aí vem Iracema. Interrogue-a.

CUSTODIA - Eu?

CENA IV

IRACEMA ENTRA PELA DIREITA, AO DAR COM EUFEMIA ESTACA BOQUILABERTA, EMITINDO UM "OH" SURDO E OSCILA AMPARANDO-SE A UM MÓVEL; FICA UM MOMENTO COMO ATORDOADA, D'OLHOS BECHADOS, PASSANDO A MÃO PELA FRONTE. EUFEMIA PRICIPITA-SE PARA SOCORRER-LA, CINGE-A COM O BRAÇO PELA CINTA. IRACEMA ABRE OS OLHOS, FITA-OS EM EUFEMIA, VOLTA-SE DEPOIS PARA CUSTODIA, E COM UM SORRISO DE DESVAIRO, PÕE-SE A PASSAR A MÃO PELA CABEÇA DE EUFEMIA, ENTRANDO A RIR, NERVOSA. O RISO AUMENTA, VIRA-LHE NA GARGANTA. O CORPO TORBA-LHE HIERTO NOS BRAÇOS DE EUFEMIA, QUE O SUSTEM E O REPOUSA, ALFIM, NO SOPÁ, SOBRE ALMOFADAS.

CUSTODIA - Ainda mais esta! Também nunca vi criatura assim para ataques. Qualquer coisa nha é isto.

EUFEMIA - Onde está o éter, mãe?

CUSTODIA - Que éter? Sei lá de éter! Eu não sei de mim, quanto mais... Eu vou mas é chamar o compadre. (À ESQUERDA, CHAMANDO) Compadre!

EUFEMIA - (PROCURANDO DESPERTAR IRACEMA) Iracema! Ó Iracema!...

CUSTODIA - (ATRAPALHADA) Seu eu não ficar doída desta vez então... (CLEMENTE E BINI ENTRAM PELA ESQUERDA ALVOROÇADOS)

CLEMENTE - Que é?

BINI - (VENDO IRACEMA DESFALECIDA) É Iracema com o ataque.

CUSTODIA - Viu Sinhá com os cabelos cortados e foi logo...

CLEMENTE - (À EUFEMIA) Homem... você também... que pressa? Podia ter esperado mais um pouco para prepararmos o espírito da menina. Isso assim de repente... (OUTRO TOM) Não há por aí alguma coisa para dar-lhe a cheirar?

BINI - Isto passa. (IRACEMA MOVE-SE LENTAMENTE, ESTIRA OS BRAÇOS, SUSPIRA) Está passando.

CLEMENTE - (VENDO IRACEMA ABRIR OS OLHOS) Sou eu, filhota. Então?

CUSTODIA - Está melhorando? (IRACEMA SENTA-SE ALQUEBRADA) Queres ir lá para dentro? É melhor. Tiras o colote, ficas à vontade. (IRACEMA LEVANTA-SE DE GOLPE, ATRAVÉS DA RESOLUTAMENTE A CINTA E ENTRA À ESQUERDA, SEGUIDA DE CUSTODIA)



CENA V

- CLEMENTE - (VOZANDO PARA A ESQUERDA, PREOCUPADO) A pequena "e capaz de fazer alguma coisa. (A EUFEMIA, REPREENSIVO) O senhor! O senhor!...
- EUFEMIA - O padrinho suspeita-me de alguma coisa?
- CLEMENTE - Eu? Eu acho que isto não está direito. Isto não é sério. A gente é o que é. Um homem "e um homem.
- EUFEMIA - Um gato é um bicho.
- CLEMENTE - Não é isto. Das duas, uma; ou você casa-se com Bibi ou casa-se com Iracema.
- EUFEMIA - Como?
- CLEMENTE - Como? Ora, como? casando-se. Com Bibi você diz que não pode. E com Iracema?
- EUFEMIA - Hein?!
- BIBI - Papai tem razão.
- EUFEMIA - Como tem razão? Então isto é assim? Pois eu ainda bem não sei de uma alhada já me querem meter em outra?
- CLEMENTE - Alhada? É você acha que as coisas vão ficar assim, não? Você era a amiga mais íntima de minha filha, não se deixavam em casa, na rua. Dormindo juntas. De repente... Não! Tenha paciência.
- IRACEMA - Papai tem razão.
- CLEMENTE - Falei à casadreira e estanco de acórdão. Vou hoje mesmo tratar dos papéis.
- EUFEMIA - Des papéis?!
- CLEMENTE - Pois então? Primeiro o restabelecimento da tua idoneidade.
- BIBI - Papai tem razão.
- CLEMENTE - Depois, dos papéis de casamento. Isto não pode ficar assim.
- BIBI - Papai tem razão.
- EUFEMIA - (EXPLODINDO) Ah! tem razão... tem razão! Você está danado com o que aconteceu e agora é: Papai tem razão... Papai tem razão. Não amole! (A CLEMENTE) Dê-me tempo, que dista! Deixem-me, ao menos, respirar um pouco. Eu não tenho prática. Se ainda não me aguilte nas roupas quanto mais... Tenham paciência. Também não é assim. Não sou pau para toda obra.
- CLEMENTE - Pois sim. Nem eu estou exigindo que seja hoje eu sumida.
- EUFEMIA - Ponham o melhor "goal-keeper" do mundo a jogar de "back" e não dá de ver o fiasco.
- CLEMENTE - (SEM ENTENDER, A BIBI) Que diz ela?
- BIBI - É linguagem de "football".
- CLEMENTE - Inglês. Não entende. (A EUFEMIA) Que quer dizer?
- EUFEMIA - Quero dizer que sem treino nada se faz neste mundo.
- CLEMENTE - Que treino? Quem falou aqui em treino?
- EUFEMIA - Falo eu, porque querem que eu jogue em uma posição que não conheço.
- CLEMENTE - Jogar?...
- BIBI - Ela quer dizer: casar.
- CLEMENTE - Então casamento é jogar?
- BIBI - É giria de "football".
- CLEMENTE - E que vem cá fazer o "football"? o caso é simples.
- EUFEMIA - Pareça-lhe. Para quem está na arquibancada tudo é simples. Entre em campo e há de ver.
- CLEMENTE - Que campo?
- EUFEMIA - Nada.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- CLEMENTE - Pois é. Vocês criaram-se juntas, sã'o quase da mesma idade, diferença de meses. Casam-se, dão uma satisfação à sociedade e está tudo acabado. Você, com certeza, não está comprometida?
- EUFEMIA - Eu?
- BIBI - Estava: comigo.
- EUFEMIA - Você está "off side".
- CLEMENTE - Eu já não me entendo na minha língua quanto mais nas estrangeiras. Deixa-te de inglês. (OUTRO TOM) Ora, rapas... Nós estamos falando sério. Não te metas. (A EUFEMIA) Pois é o que eu digo. Uma menina direita, como você foi, não podia comprometer-se. Sendo assim, se você há de andar por aí quebrando a cabeça casa-se com uma pessoa conhecida.
- EUFEMIA - Pois sim. Mas se eu lhes disser que Iracema não é livre?
- CLEMENTE - Não é livre?! Como não é livre?
- IRACEMA - Sim. O senhor bem sabe que nós não tínhamos segredo uma para outra. Conheço o coração de Iracema como conheço o meu. E entã'os?
- CLEMENTE - Entã'o... que?
- EUFEMIA - Como quer o senhor que eu me case com uma menina que deu o coração a outro?
- CLEMENTE - A outro? Que outro?
- EUFEMIA - Outro homem.
- BIBI - Não é possível!
- EUFEMIA - (SEVERAMENTE) Eu não minto, Bibi.
- CLEMENTE - Que homem?
- EUFEMIA - Um homem.
- CLEMENTE - Duvido! Sem licença minha, duvido!
- EUFEMIA - Pois eu afirmo!
- CLEMENTE - E esse homem... quem 'e?
- EUFEMIA - Não lhe posso dizer. É um homem.
- CLEMENTE - Ah! é um homem... E você não pode dizer? Muito bonito! Duas moças solteiras escondendo um homem ao pai e ao padrinho. Muito bonito, não há dúvida! (FURIOSO) Pois eu vou chamá-la! Quero essa história em pratos limpos. (ENCAMINHA-SE PARA A ESQUERDA, MAS VOLTA-SE DE REPENTE) Denaia, quando esse homem souber que você também é o que é... só se fôr mesmo... (A BIBI) Nã'o te parece?
- BIBI - É claro.
- CLEMENTE - Claríssimo. (A BIBI) Você casava-se, hein? casava-se? (GESTO NEGATIVO DE BIBI) Nem eu. (DÁ ALGUNS PASSOS EM DIREÇÃO À PORTA DA ESQUERDA E VOLTA-SE REPENTINAMENTE ENCARANDO EUFEMIA) Você diz que precisa fazer não sei que...
- BIBI - Treinar-se.
- CLEMENTE - Isso! Pois treine-se à vontade, mas quando acabar de treinar-se, case-se. Se não quiser viver aqui, tem lá a fazenda e onde comem três, comem quatro. (A BIBI) Vai chamar tua irmã. Estas coisas decidam-se logo. (CUSTODIA E IRACEMA APARECEM À ESQUERDA)
- BIBI - (QUE SE TEM ENCAMINHADO PARA A ESQUERDA, VOIANDO-SE) Ai está ela!
(CLEMENTE VAI AO ENCONTRO DE IRACEMA E ATRAI-A A SI, PASSANDO-LHE O BRAÇO PELA CINTURA)
- CLEMENTE - (MUITO MEIGO) Entã'o, filhota?
- IRACEMA - (LARGUIDA) Ah! papai... (FRENDE A CABEÇA SOBRE O OMBRO DE CLEMENTE) Sou muito sensível, perdoa-me. Estes abalos fazem-me tanto mal! Vibro que nem sei.



- CLEMENTE - Sim, mas n'ao ta incomodes. Está tudo arranjado. Via-te en nin que sou o teu
 anjo da guarda. (EM-LA SEMPRA-SE) (A CUSTODIA, DISCRETAMENTE) (Palaí, comadre.
 CUSTODIA - (EM VOZ BAIXA E ANSIOSA) E então?
 CLEMENTE - (RADIANTE) Ora!
 CUSTODIA - (D'OLHOS EM ALVO) Louvado seja Deus! (OUTRO TOM) Mas olhe, comadre, que isto
 seja para breve, porque pode vir por aí outra história e eu já n'ao posso
 omige.
 CLEMENTE - Sim, sim... nem há tempo para a perder. A propósito; leva-me d'aqui os noivos.
 CUSTODIA - Que noivos?
 CLEMENTE - Que noivos? Bibi e ... Eufe... (CAIUDO EM SI) Homem, tem razão; é o hábito,
 comadre. Veja se se leva d'aqui porque preciso conversar com a pequena.
 CUSTODIA - Pois não. (CHAMANDO) Sinhá! (EUFEMIA VOIJA-SE) Você não heuve? Bibi! (KRI
 VOIJA-SE, DIRIGINDO-SE PARA O FUNDO) Venham cá dentro um instante. (OS TRES
 SAEM PELO FUNDO, ESQUERDA)

CENA VII

- CLEMENTE - (ESPREGANDO AS MÃOS) Pois 'e verdade, filha. Est'a tudo arranjado.
 IRACEMA - Tudo que?
 CLEMENTE - O teu casamento.
 IRACEMA - (COM ESPANTO) Meu?...
 CLEMENTE - Sim, o teu casamento. Não me consta que tenhas feito voto.
 IRACEMA - (PONDO-SE VIVAMENTE DE PÉ) Meu casamento? Com quem?
 CLEMENTE - Com quem há de ser? Com Sinhá.
 IRACEMA - (COM SINAIS DE ASSOMBRO) Com Sinhá? Papai está louco?! Casar-me com Sinhá
 (DEBATA A RIR)
 CLEMENTE - Rís? Pois o case não é pararir, minha, filha; é sério! muito sério!
 IRACEMA - (ENCARADA EM CLEMENTE) Não compreendo.
 CLEMENTE - N'ao comprehendes?
 IRACEMA - Pois Sinhá não é mulher?
 CLEMENTE - (A PARTE) Agora 'e que não elai!
 IRACEMA - (INSISTINDO) N'ao é mulher?
 CLEMENTE - Foi.
 IRACEMA - Foi?!
 CLEMENTE - Sim: foi, eu antes passou por ser.
 IRACEMA - Passou por ser... Cada vez entendo menos.
 CLEMENTE - (PUXANDO-A PARA SI) Olha, senta-te aqui. (SENTAM-SE NO SOPÁ, FALANDO PAULATI-
 NAMENTE) Quando Sinhá nasceu já lhe havia morrido o pai, você sabe. A pobre-
 sinha veio ao mundo de luto, tanto que a ama de leite que lhe deram era uma
 negra retinta. Pois bem, a comadre, vendo-se só, sem o amparo de um homem -
 - porque, você sabe, um homem é tudo em uma casa - pensou, e pensou muito bem,
 que o melhor meio de criar e educar o filho sob as vistas suas vistesera fe-
 zê-lo passar por menina. E assim foi. Se ela lhe discesse que era menino ele
 havia de querer andar solto, em companhia d'outros, fazendo travessuras pela
 rua, com risco de ser vítima de algum desastre. Menina, não: era em casa, jur-
 tinha d'ela, com as suas bonecas, a sua costinha de costura, etc. E assim
 cresceu Sinhá certa de que era menina, não só pela educação menina que lhe da-
 vam como também pelos vestidos. Não achas que a comadre fez bem?



Fle. 30 - O PATINHO TORÇO

IRACEMA - Mas...

CLEMENTE - (PROSINGUINDO) Bom. Com a idade, você compreende, começaram a aparecer cartas manifestações como, por exemplo: o buço, o gosto pelo cigarro, etc.... etc....

IRACEMA - Mas se D. Custódia sabia que Sinhá era homem como consentiu no casamento dela com Bibi?

CLEMENTE - Como? Ora como... (DE REPENTE) Por tua causa.

IRACEMA - Por minha causa?

CLEMENTE - Sim, por tua causa. Inteligente como é, Sinhá tornou-se, desde cedo, muito notada nos salões. Sem ser bonita, mas simpática, tocando bem piano, falando várias línguas, recitando em francês, dançando o tango e essas danças americanas na perfeição, entendendo, como ninguém, dêsse jôgo de bola, e possuindo alguma coisa de seu, nós (porque foi combinação minha com a comadre) para evitarmos que algum rapaz, impressionado pelos seus dotes, pedisse-a em casamento, tratamos de pôr uma pedra no caminho e essa pedra foi ...

IRACEMA - Bibi.

CLEMENTE - Justo! Chegou, porém, o dia de revelarmos o segredo e tudo esclarece-se. Está aí o homem que só hoje entrou no uso e gozo de seus direitos.

IRACEMA - E foi o Dr. Patureba?....

CLEMENTE - O Dr. Patureba?!...

IRACEMA - Sim: esse da Casa de Saúde? Pois Sinhá... não foi lá?

CLEMENTE - Ah! sim... foi o Dr. Patureba. Grande médico! Um pouco de chloroformio e... pronto. Quando ela abriu os olhos... era ele. (OUTRO TOM) E esse é o esposo que te destinamos, preparado com o maior carinho, como planta de estufa, exemplar único de marido, criado como uma donzela, como tu, que és a própria pureza, a alegria e o orgulho do teu velho pai. (DELTA-À NA FRENTE) E agora, que conheces o caso, responde: sim ou não?

IRACEMA - Papai, não sei.

CLEMENTE - Como não sabes?

IRACEMA - A gente para casar-se deve ouvir primeiro o coração.

CLEMENTE - Não queres bem a Sinhá?

IRACEMA - Muito! Mas a Sinhá, a minha amiga de infância, d'ahi, porém, a querê-la para marido vai muito.

CLEMENTE - Não acho. A amizade está muito perto do amor é só virar a esquina.

IRACEMA - Preciso ouvir o coração.

CLEMENTE - Meu conselheiro! Enfim... ouve-a. Mas é breve. Este caso deve ficar resolvido hoje. É urgente. (IRACEMA SAIXA A CARRUAGEM DE SENSATIVA) Pensa. (REDINDO A SALA A LARGAS PASSADAS, CARICHAIXO, DE MÃOS ÀS COSTAS) Uma quer treinar-se ou não sei que, à inglesa; outra quer ouvir o coração, num caso destes de: pão, pão; queijo, queijo.

IRACEMA - (DE REPENTE) E que diz Sinhá?

CLEMENTE - Sinhá quer o casamento imediatamente. Assim que virou homem a primeira coisa que pediu foi a tua mão.

IRACEMA - E Bibi?

CLEMENTE - Ora... Bibi Bibi era a pedra no caminho. Foi arredado. A passagem está livre.

IRACEMA - (DEPOIS DE UMA PAUSA) Preciso ouvir o coração, papai.



- CLEMENTE -- Pois cuve-o, cuve-o à vontade. Se queres, eu saio. Pode ser que o teu dogão...
 IRACEMA -- Não. Fiquz. (LANGUIDA) Eu sou d'uma consibibilidade, papai...
 CLEMENTE -- Eu sei. (CONSULTANDO O RELÓGIO) Mas não te demoras porque tenho ainda uma valise e dar na cidade o fago questão de sair d'aqui com a tua resposta.
 IRACEMA -- (INDECISA) Não sei. (DEPOIS DE UM MOMENTO, CONSILIO MESMA) Perjura! (A CLEMENTE) Sente-se aqui, papai. Sente-se e ouge-me. (SENTAM-SE, UM MOMENTO, FORTE-
 CLEMENTE) Uma noite -- era em Maio, mês das flôres -- a lua...
 CLEMENTE -- Sim. Conheço isto. É bonito, não há dúvida; mas eu tenho um negócio urgente lá em baixo. Vamos ao caso.
 IRACEMA -- (RESSENTIDA) Oh! papai!... Então não queres ouvir?
 CLEMENTE -- Quero, quero; mas sem lua. E está tão claro não achas? Que vem fazer a lua de Maio às duas horas da tarde de um quinta feira de Setembro?
 IRACEMA -- Papai não tem alma.
 CLEMENTE -- Parece-te. Queres que tenha alma quando tenho um compromisso sério na cidade... (CONSULTA O RELÓGIO)
 IRACEMA -- Pois saiba, papai, que eu amo um homem com todas as véras de minha alma. É o astro da minha vida, a minha estrêla polar.
 CLEMENTE -- Algum gostão?
 IRACEMA -- Seu Desidério.
 CLEMENTE -- (NUNCA SAIBO) O boticário?
 IRACEMA -- Boticário... Porque n'ao dizem pharmaceutico? É mais distincto.
 CLEMENTE -- Ora, menina... Palavra! Sempre pensei que tivesses mais gosto. Da granito d'aqueles, que tresanda a unguentos e cataplasmas a um quilometro de distância. Francamente, Iracema...
 IRACEMA -- Unguentos e cataplasmas... E o senhor já o ouviu recitar "O noivado de sepulchro?"
 CLEMENTE -- Euf! Quero cá saber de casamento em cemitério. Casamento é entre vivos, como você e Sinhá. "Noivado de sepulchro"! Ora não me saltava mais nada! (RESOLUTIVO) Deixa lá o Desidério com as suas purgas e xarapadas. Eu sei isto que é. Além dos colonos não vias outro homem lá em casa senão o Desidério e deu-se contigo e mesmo que aconteceu a Eva.
 IRACEMA -- Que Eva?
 CLEMENTE -- A nossa primeira mãe, que se casou com Adão porque não havia outro homem no Paraíso. Não, minha filha, deixamo-nos de dragas. Entre tu boticário da roça, como Desidério, e um rapaz da cidade, como Sinhá -- bem educado, conversável, com um belo futuro diante de si, não h'á que hesitar.
 IRACEMA -- E a minha palavra?
 CLEMENTE -- Ora a tua palavra...! Palavras valém pelo peso. Palavras levianas são como fumo que o vento leva.
 IRACEMA -- E se elle morrer de amor?
 CLEMENTE -- Qual morrer! Tem muito remédio em casa, que se arranje. (CONSULTANDO) E se morrer enterra-se e rezar-se-lhe uma missa pela alma. (OURO TORO) Mas deixastes o Desidério. Sinhá é o marido que te convém. Dennis, já está todo oculto.
 IRACEMA -- (HESITANTE) N'ao sei. (UM MOMENTO, FORTISSIMAMENTE) Enfim... só vendo.
 CLEMENTE -- Como vendo?



- IRACEMA - De certo. Eu n'ao posso comprometer o meu futuro sem mais nem menos. N'ao conheço Sinhá.
- CLEMENTE - Não conheço Sinhá? Essa agora...!
- IRACEMA - Querê dizer: Não conheço essa Sinhá... de cabelo cortado. Conheço a outra.
- CLEMENTE - Pois é a mesma; mudou apenas de roupa.
- IRACEMA - Só?!
- CLEMENTE - Só. Pois então? (CUTRO TOM) Olha, minha filha, o segredo da felicidade conjugal não é tão impenetrável, como parece. Os noivos, para lograrem-no, devem conhecer-se a fundo, e, assim, evitem surpresas depois de casados: "Ah! porque você me enganou. Eu pensei que você era assim, eu amado..." São as queixas que se ouvem constantemente, pronunciando discordâncias domésticas. Com vocês não se dará isto; vocês conhecem-se desde pequenas, criaram-se juntas. Não é verdade?
- IRACEMA - (MORDEENDO O LENÇO) É... Mas eu tenho medo.
- CLEMENTE - Medo? Medo de quê? Então depois de tanto tempo agora é que você tem medo?
- IRACEMA - (PÕE-SE A CAMINHAR PELA SALA PENSATIVAMENTE) N'ao sei.

CENA VIII

- CUSTODIA - (ESFRANDO PELA ESQUERDA, IRRITADA) Olhem que é preciso ter paciência de santa!
- CLEMENTE - Que é, comadre?
- CUSTODIA - Donaria. Há mais de meia hora que pedi o café, e nada. Anda por aí, com certeza, atrás do bicho que deu. É um desespero! (ANDAREJA ENNEBADA. CLEMENTE ABORDA-A E FALA-LHE EM SEGREDO. VOIANDO-SE RADIANTE) Comê?
- CLEMENTE - (EM VOZ BAIXA) Conte-lhe uma história e foi tiro e queda. Achei um boticário no caminho, mas isso...
- CUSTODIA - Um boticário? Fazendo o quê?
- CLEMENTE - Recitando "O noivado do Sepulcro".
- CUSTODIA - Que agouro. E para quê?
- CLEMENTE - Para casar.
- CUSTODIA - Estão vendo só! Feitigaria, não, comadre?
- CLEMENTE - Sei lá. Varri fora. E está tudo arranjado.
- CUSTODIA - Posso então abraçá-la?
- CLEMENTE - Pois não.
- CUSTODIA - (INDO A IRACEMA) Dá cá um abraço, minha filha. (ABRÇA-SE COM IRACEMA E BEIJA-A) Que Deus vos faça felizes. Não é à toa que se diz que casamento é mortalha no céu se talha. Quem diria que vocês duas, brincando de comadres, com bonecas, ainda haviam de acabar marido e mulher! O que tem de ser tem muita força, deixem lá! (A CLEMENTE) Assim como assim ela não sai da família. Era noiva de Bibi (A IRACEMA) e casa com você. É a mesma coisa, não acha, comadre?
- CLEMENTE - Sem tirar nem pôr.

CENA IX

SUPERFIA ENTRA PELA DIREITA BASTINDO PEIÇHOIR BRANCO E FUMANDO A GRANDE BAFO-RADAS. ASSOMBRO DE TODOS.

- CLEMENTE - (SARAPANTADO) Hein! Virou outra vez?
- CUSTODIA - (EXULTANTE) Minha filha! Minha Sinhá!
- IRACEMA - (DESAPONTADA) Ela! (A CLEMENTE) E ále?!



- CLEMENTE - Sei lá! Essa criatura ora está pelo direito, ora pelo avesso. O diabo que a entenda.
- EUFEMIA - (OLHANDO EM VOZTA, SURPRESA) Que há? Que barafunda "e esse? (COMPREENDENDO O MOTIVO DO ALVOROÇO) Ah! sim... (SACUDINDO O PRIGNOIR) Que tem'edios ainda não estou prevenido. Bibi tem de ir à cidade e pediu-me a roupa e eu, à falta de outra, vesti-me, de novo, nesta fraudulagem em que andei tanto tempo esportalhado. O "Colombo", até agora, nada. Decididamente preciso andar de pele.
- CUSTODIA - (ENLEVADA) Ficas tão bom assim, minha filha! Eu acho até que não te deves vestir de outra maneira, em casa pelo menos. Na rua, enfim... v'a lá, mas aqui...
- EUFEMIA - Não, mamãe. O passado, passado. Não quero guardar lembrança do tempo horrível que vivi no outro sexo. "HOMO SUM"
- CLEMENTE - De acordo. Posições definidas. É preciso firmar-se em um sexo, mas d'essa vez. Sejas de manhã, calças à noite, não! Não serve. A gente precisa saber com quem vive. (OUVRO TOM) Boa. Agora entre coisas. (BAIXO) Está tudo arranjado.
- EUFEMIA - Tudo? tudo, que?
- CLEMENTE - O teu casamento com Iracema.
- EUFEMIA - Meu casamento? Mas isso assim de pé p'ra não é possível, padrinho. Eu preciso de um que, pelo menos... Se ainda nem roupa tenho. Então é só esse? Eu estou chegando de outro sexo, ainda em traje de viagem e já me querem complicar a vida. Não, padrinho, tenha paciência. Enrola-me contigo, já não!
- CLEMENTE - Enrola... Então você...?
- EUFEMIA - Ora caga-me. Que diria o senhor de um lento que exigisse de um aluno de geografia que prestasse exame... digamos de álgebra, sem uma só lição? Diria, com certeza, que era um idiota, não?
- CLEMENTE - Um amo. Ditas matérias tão diferentes.
- EUFEMIA - Pois o meu caso é... análogo ao que falei. Eu sou o aluno e o senhor é o lento. (DEBAPARANDO) Eu não sei patavina da matéria, só hoje adquiri o compendio e o senhor exige que eu preste exame, a ruque. Não, padrinho, o que triste não faço. Isso nunca!

OSIA I

- BYRI - (ENTRA PELA ESQUERDA, VERENDO O CENÁRIO COM QUE APARECE NO 1.º ATTO, E DIZ) OLHE A CLEMENTE! Papai quer alguma coisa de cidade?
- CLEMENTE - Eu? Nada. Ah! espera... os jornais de tarde.
- EUFEMIA - Traga-me dois maços de cigarros turco-goyano, n'edios. (BIBI VAI AO FUNDO, ONDE AS SENHORAS)
- CLEMENTE - (A EUFEMIA) Pois bem! Dou-te um ano de prazo, a contar de hoje. Para um rapaz inteligente, como você, acho que chega a setenta.
- EUFEMIA - Não perdendo tempo, estudando dia e noite, talvez.
- CLEMENTE - Sim... nas cidadanias! Nada de exames. Olhe vivo nos livros e contata com os cursos. Há, por aí, alguns que são verdadeiros abismos.
- EUFEMIA - Bibi deve ter prática dessas coisas.
- CLEMENTE - Bibi...? Sem tanta prática que resolveu tomar lições particulares. (OUVRO TOM) Pois é isto. Tens um ano, a partir de hoje... e sem prorrogação.



Fis. 34 - O PATINHO TERTO

EUFEMIA - E se forem muitas matérias?

CLEMENTE - Nada de muitas matérias. Não faço questão de diploma. Estudava bem os preparatórios e deixo o mais. Está dito?

EUFEMIA - Está dito.

CLEMENTE - De hoje a um ano.

EUFEMIA - Se Deus não mandar o contrário.

CLEMENTE - (DESCOEFADO) Se Deus não mandar o contrário... (RESOLUTO) Se Deus mandar o contrário passa com Bibi. Ah! isso...

EUFEMIA - Não há como escapar. Presso por ~~ter~~ ter cão e preso por não ter. (DANDO DE OMBROS) Enfim...

CLEMENTE - Comadre, meus filhas... (CUSTODIA, BIBI E IRACEMA DESCEM FORMANDO GRUPO COM CLEMENTE, COM SOLENIIDADE) Acabo de ajustar as bôdas para d'aqui a um ano. Combinamos o seguinte: Se as coisas se mantiverem no pé em que estão Sinhá casará com Iracema, se houver modificação...

CUSTODIA - Não, compadre... Credo! Não é bom pensar nisso.

CLEMENTE - Estou formulando a hipótese. Com sua filha tudo é possível.

BIBI - "Souvent femme varie".

CLEMENTE - Nesse caso, casará com Bibi. Seja como for, por far ou por nefas, d'hoje a um ano far-se-á o casamento. (A IRACEMA) contige ou (A BIBI) Cortigo, conforme. (SOLENE) E agora, que são noivos, abraça-se. (EUFEMIA, QUE SE ACHA ENTRE BIBI E IRACEMA E ABRAÇADA POR AMBOS)

CUSTODIA - (ENLEVADA) Assim é que eu os queria ver. (EUFEMIA E IRACEMA CONVERSAM ANIMADAMENTE "A DIREITA, BIEUDO, BIBI PASSA EM CASINHO, FUMANDO")

CLEMENTE - Esperemos, comadre. Quem sabe lá o que o destino nos reserva.

CUSTODIA - Ainda?!

CLEMENTE - Por que não? O mundo dá tantas voltas. Enfim... eles aí estão prontos para o que der e vier. E que Deus os abençoe.

CENA XI

(DONARIA ENTRA PELA DIREITA COM UM SERVIÇO VOLANTE DE CAFÉ E BISCOITOS. BIBI É O ÚNICO QUE RECUSA, CONTINUANDO NO PASSEIO AMAZORRADO. CLEMENTE SENTA-SE À MESA, CHAMANDO A SI UM PRATO DE BISCOITOS)

IRACEMA - (A EUFEMIA) Lembra-me, como não? Era uma história que nos contava a Andreza... Das Patinho Terto... você? (EI. EUFEMIA DIS-LHE UM SORRISO MALICIOSO, ELA ENCARA-O, BAIXA OS OLHOS DESPAÇANDO O VEXAME)

CUSTODIA - (RECEBERDO DE DONARIA UMA CHICARA DE CAFÉ PERGUNTA-LHE BAIXINHO) Que bicho douf

DONARIA - (DE TROMBAS) Vocecoé ainda pergunta... Que bicho havia de ser? Foi o galo.

F I N

PESSOAS:

CLEMENTE LAMBIRA

BIBI

DR. PATURUBA

EUFEMIA

CUSTODIA

IRACEMA

AUGUSTA

DONARIA

BAPTISTA

IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS



PERSONAGENS

CUSTÓDIA

CLEMENTE

BIBI

DONÁRIA

IRACEMA

EUFÊMIA

DR. PATUREBA

DONA AUGUSTA

BATISTA

Se hoje o teatro brasileiro se inclui entre os expoentes dessa manifestação de arte no panorama internacional, esse aprimoramento não constitui uma conquista do presente porque é, na realidade, efeito originário de uma causa benéfica que vem de longe, do alvorecer da nossa história porquanto, através de palcos ao ar livre ou construídos em cabanas, foi que Anchieta transmitiu as mensagens do Cristianismo e da Civilização aos silvícolas que povoavam nosso solo e cujas leis se resumiam nos impulsos da natureza e do instinto.

Posteriormente o teatro passou a ser usado como instrumento de maior profundidade, constituindo-se em elemento de pujança na formação intelectual e moral do nosso povo, glorificando os valores humanos ao mesmo tempo que anulava as falsas e imerecidas auréolas.

O exemplo do jovem apóstolo do Cristianismo, germinando no espírito dos mais autênticos representantes da cultura brasileira, tornou numerosa a constelação de escritores e poetas que deram ao teatro a contribuição do talento literário que os projetou na história.

Os problemas sociais, os costumes, a tradição de cada povo, eram retratados no palco com critério e consciência, dando-se ênfase aos vultos cujas vidas foram inteiramente consagradas ao desenvolvimento da ciência e das artes, sob todos os aspectos.

Autores do mais alto porte colocavam o talento a serviço das boas causas, e engrandecendo a Pátria, engrandeciam-se a si mesmos. Em todos os sentidos o teatro evoluiu, sobretudo tecnicamente, mas dentro

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

dele permanecem, vivas e palpitantes, as concepções imperecíveis dessas glórias do passado.

O SERVIÇO NACIONAL DE TEATRO, na evocação dessas figuras inesquecíveis, tomou a iniciativa de propiciar, às gerações do presente, a oportunidade de um íntimo contato com o pensamento e as obras desses vultos imortais, num retrospecto evolutivo que se estende aos nossos dias, entrelaçando-os ao espírito criador dos autores contemporâneos que dão ao nosso teatro a dimensão cultural e artística de que nos orgulhamos. E, através do SETOR DE DIFUSÃO CULTURAL, responsável pela execução de seus editoriais, apresenta a segunda série de uma seqüência de publicações sob a epígrafe: "COLEÇÃO DRAMATURGIA BRASILEIRA".

Entretanto, para que essa aspiração do SNT se tornasse realidade, os Diretores da SHELL, numa demonstração de apreço às promoções culturais do nosso país, não relutaram em participar da iniciativa, assumindo, a responsabilidade do seu patrocínio.

Não poderíamos fugir ao dever desse registro que põe em relevo a simpatia da SHELL pelos valores históricos que integram a "COLEÇÃO DRAMATURGIA BRASILEIRA", destinada ao enriquecimento das bibliotecas nacionais e internacionais, atestados eloqüentes do aprimoramento cultural do nosso povo, da nossa gente.

FELINTO RODRIGUES NETO

PRIMEIRO ATO

Sala burguesa. Mobiliário antigo. Mesa ao centro coberta por um pano de crochê, sobre a qual se acumulam revistas, brochuras, cartões postais. Porta à esquerda dando para um corredor em diagonal, em cuja parede há um aparelho telefônico. Portas ao fundo e à direita. Janela à esquerda, baixa.

Custódia está sentada no sofá, à esquerda, Clemente na cadeira de braços, ao lado dele Bibi, sentado junto à mesa de centro, folheia distraidamente as revistas.

CUSTÓDIA — Sim, a natureza mexe com a gente, não digo o contrário. Também eu passei por isso, mas assim como Eufêmia... Deus me livre. Eu tinha os meus burros, ficava embezerrada...

CLEMENTE (*Sorrindo*) — Era bicho p'ra burro, como agora se diz, hein comadre?

CUSTÓDIA (*Sem compreender*) — Bicho? Como bicho?

CLEMENTE — Burros, bezerros...

CUSTÓDIA (*Dando de ombros*) — Ora compadre... Trato sério. Então o senhor não sabe que isto é um modo de falar? Ficava jururu, metida num canto, com um nó na garganta, uma vontade doida de chorar. Mas Eufêmia!... Nossa Senhora! Parece que comeu fogo! Olhe ela está lá dentro com Iracema. Vá vê-la.

CLEMENTE — Temperamento, comadre. Cada um, nesta vida, traz a sina e os nervos que Deus lhe deu. A minha defunta, por exemplo... Lembra-se? Era uma pomba sem fel, mas fosse alguém comer pão torrado perto dela. Ficava uma fera! Nervos.

BIBI (*Cantolando baixinho*) — A Bahia é terra boa. Ela lá e eu aqui... (*Continua assobiando*).

DONÁRIA (*Aparecendo ao fundo com um samburá de compras no braço*) — Minh'ama...

CUSTÓDIA — Que é?

DONÁRIA — Subiu sim senhora.

CUSTÓDIA — Quem?

DONÁRIA — O açúcar. Subiu um tostão.

CUSTÓDIA — Um tostão! Isso é um desaforo! (*A Clemente frenética*). Mas que há de ser de nós, compadre?

CLEMENTE (*Indiferente*) — Há de ser o que Deus quiser. Está subindo tudo.

BIBI (*Pedante*) — É a vertigem das alturas.

CLEMENTE — Nós, comadre, somos do tempo das cascas térreas, do feijão com carne seca, de bacalhau na quaresma, das procições, das fogueiras, das pastorinhas, do tempo em que o pão cheirava e com um de dois vinténs o pobre fazia o seu almoço. Hoje em dia com essa história de aviação...

BIBI (*Corrigindo*) — Aviação, papai.

CLEMENTE (*Repontando*) — Então eu não sei que é aviação?

CUSTÓDIA — É mania de emendar a gente.

CLEMENTE — Mas, como eu dizia: hoje, com essa história de voar, anda tudo pelos ares.

CUSTÓDIA — Pelos ares... Pelos ares vai isto, mais hoje, mais amanhã, o senhor há de ver.

CLEMENTE — Qual, comadre: não temos gente. Falta-nos uma cabeça. Nem braços, nem cabeças; só temos pernas; os homens, para trocá-las na Avenida, bolinar nos cinemas; as mulheres, para mostrarem-nas. Porque uma das coisas que mais tem subido com a crise é o vestido.

CUSTÓDIA — Menos o meu.

CLEMENTE — É. A comadre mantém os princípios: cauda e anquinhas.

CUSTÓDIA — Anquinhas! Eu? Nunca precisei disso, com a graça de Deus. Quanto à cauda, usei e hei de usar até a morte, porque é decente! Uma senhora de cauda está sempre composta.

CLEMENTE — Depois... A cauda é natural: para casaca de rabo, vestido de cauda. Uma coisa diz com a outra. Amanhã, com essa história de parcimônia, cortam o rabo à casaca e mudam-na em jaqueta.

CUSTÓDIA (*Ingênua*) — Já cortaram, compadre. Agora a casaca é um casibéque que se chama não sei como, uma coisa assim a modo de esmeneo...

BIBI (*Corrigindo*) — Smoking.

CUSTÓDIA (*Aborrecida*) — Já vem você, Bibi.

CLEMENTE — Ah! sim... Isso é um filho de casaca. Nascou sem rabo porque, a comadre sabe: tudo se aperfeiçoa na vida.

BIBI — Nós mesmos: se não fosse a seleção natural, ainda teríamos rabo de macaco, como Adão.

CUSTÓDIA (*Com um momo*) — Ora, Bibi... Tire seu cavalo da chuva. Quer dizer que nós...?

BIBI — Não sou eu quem diz, é Darwin.

CUSTÓDIA — Pois Darwin que não seja tolo. Filho de macaco é ele!

CLEMENTE — O rapaz sabe, comadre.

CUSTÓDIA — Sabe nada! Fidúcias...

DONÁRIA — Minh'ama, olhe que eu estou aqui esperando.

CUSTÓDIA — O que?

DONÁRIA — O açúcar.

CUSTÓDIA — Pois vá buscar o açúcar. Que se há de fazer? Dá, dá o tostão a esse gatuno. Há de lhe ficar atravessado na garganta. Deus é grande! (*Donária entra à esquerda-fundo*) Eu já não sei mais que hei de fazer. Uma raiz de aipim, uma coisa que custava um tostão...

CLEMENTE — A três vinténs comprei eu muitas na Praia do Peixe, no Largo da Sé...

CUSTÓDIA — Pois hoje, por menos de um cruzado, o senhor não tira uma assimzinha.

CLEMENTE (*Acendendo um cigarro*) — Esta guerra... Esta guerra! Nem sei! Enfim... (*Pausa*) Então sinhá esta noite...?

CUSTÓDIA (*Atalhando-o*) — Ih! compadre... Não a chame de Sinhá.

CLEMENTE — Por quê?

CUSTÓDIA — Não quer. Diz que tem nome. (*Clemente encolhe os ombros*). Esta noite parecia que vinha o mundo abaixo. Eu até tive pena de Iracema, coitada. A pobre de minha filha não pregou olho nem deixou ninguém dormir — era de um lado para outro, falando, atirando coisas. Um desespero! (*Suspirando*) Ah! comadre, a falta que me está fazendo o falecido. Aquilo, sim! aquilo é que era um homem! Se ele vivesse outro galo nos cantaria. O senhor não imagina o que eu teria sofrido! E com essa história de Eufêmia então é um horror. (*Chamada do telefone*) Bibi, tem paciência, meu filho, vai ver quem é.

(Bibi vai atender, continuando a cena entre os dois enquanto ele fala entrecortadamente).

BIBI *(Ao telefone)* — Alô!... Sim, senhora... Bibi... Eu mesmo... Às quatro? Sim, senhora. Ciúme! Eu? não, senhora. Se puder. Sim, senhora. Até logo... Obrigado.

CUSTÓDIA — Olhe, compadre, eu não acredito em coisa feita, mas às vezes... Não sei. Pois uma menina que era um anjo, virar assim a cabeça sem quê nem porque...

CLEMENTE — Isso passa, comadre.

CUSTÓDIA — Passa... Passa. E as manias, compadre! É cada esquisitice que eu até tenho vergonha de contar. *(Bibi desliga o telefone e volta a sentar-se. Interrogando-o)* Quem é?

BIBI — Clotilde. *(Custódia faz um momo)* Está convidando Eufêmia para o "training" logo mais, no Fluminense.

CUSTÓDIA *(Aborrecida)* — É isso. São esses trens que lhe estão virando a cabeça. Tanto se meteu com a bola que a dela é o que se vê. Trens...! As bolas das moças do meu tempo eram os novelos de lã... Hoje!

CLEMENTE — É o progresso.

CUSTÓDIA — Que progresso, compadre! Progresso é uma moça saber tomar conta da casa, serzir uma meia, pregar um botão, temperar uma panela.

BIBI — Ora, D. Custódia...

CUSTÓDIA — Ora... O que? Quando precisares de quem te pregue um botão nas ceroulas hás de dizer-me se a bola vale mais do que a agulha. *(Aborrecida)* É Fluminense, Fluminense. Eu ainda me mudo daqui por causa dessa história de Fluminense.

BIBI — Ela é torcedora.

CUSTÓDIA — Torcedora... Torcida ando eu, sabe você? Eu é que me torço aqui com ela. É por essas e outras que o mundo está virado. Mulher é mulher! Deixe as bolas com os homens, cuide do que lhe compete.

BIBI — Então a senhora não quer o aperfeiçoamento da raça? *(Com ênfase)* Na Esparta de Licurgo as moças exercitavam-se nos ginásios nuas em companhias dos rapazes.

CUSTÓDIA *(Rilhando os dentes)* — Ah! eu lá com um bom chitote!...

BIBI — Veja a americana.

CUSTÓDIA — Que tem a americana?

BIBI — É mulher para tudo.

CUSTÓDIA — Pois sim... Eu não sou americana, mas mando chegar a mais pintada. De que serve saber jogar peteca com uma pá de barbante e não entender de um refogado? Você come peteca? Come? Não. Pois é... Eu hei de ver. Olhe, minha mãe, era uma dona de casa que fazia gosto e não falava francês, não batucava em piano e nunca se importou com bolas. Eu fui criada no mesmo regime. Agora é o que se vê. Olhe Eufêmia... Está aí com os nervos que nem sei.

CLEMENTE — Mas afinal... Que disse o Dr. Camacho?

CUSTÓDIA — Ora o Dr. Camacho... É outro. Acha que ela deve fazer o tal esporte: andar a pé, correr, jogar peteca, fazer ginástica. E sempre a mesma lengalenga: que isso é da idade, que o casamento a põe boa. Como se casamento fosse coisa de botica, como magnésia.

CLEMENTE — Eles, às vezes, dão em droga, mas só depois da lua de mel.

CUSTÓDIA *(A Bibi)* — A propósito: você vai ou não buscar o Dr.?

BIBI — Às onze horas.

CLEMENTE — Pois então? São dez e meia.

BIBI — É aqui ao lado.

CLEMENTE — Mas vai.

(Bibi levanta-se e sai pelo fundo).

CUSTÓDIA *(Depois de um momento)* — Ó compadre, com franqueza: o senhor não acha Bibi um pouco frio?

CLEMENTE — Frio! Quem? Bibi?! Ora, comadre... Não fosse ele meu filho... Bibi é um forno! Fria é Eufêmia. *(Caramunhando)* Não tem alma. O rapaz chega-se-lhe para dizer uma amabilidade e ela responde-lhe com um murro. Por maior que seja o amor de um homem, comadre, tenha paciência... Murro não é graça.

CUSTÓDIA *(Interrogativa)* — Mas?...

CLEMENTE — Ora! Cada um!...

CUSTÓDIA — Olhe, compadre, se ela o esmurra é porque ele...

CLEMENTE — Qual nada! É porque ela está sempre abaixo de zero. Nem parece uma menina de hoje. Afinal um noivo, cá no meu entender, tem direito de fazer festas à sua noiva. Ou bem que se é ou bem que se não é. Até é bom, para se irem habituando. *(Gravemente)* Eu também fui noivo, comadre.

CUSTÓDIA — Também eu. Mas festas de noivo... Hum! começam em brinquedo e quando a gente menos espera, é aquela desgraça. *(Vozes à direita. Prestando atenção)* Olhe, parece que é ela. Sonde-a. Mas cuidado com a língua, compadre. O senhor, às vezes, solta cada uma de arrepiar os cabelos. Eu sei que não é por mal, mas Eufêmia é um lírio.

CLEMENTE — Pelos modos a comadre acha que eu sou imoral!

CUSTÓDIA — Imoral, não digo: distraído. Precisa ter mais cuidado. Eufêmia (não é por ser minha filha) está hoje ainda tão pura como quando nasceu. É uma sensitiva.

CLEMENTE — Pois olhe, comadre, a gente, lá na roça, chama a sensitiva: malícia de mulher. E o povo é sábio, tem experiência velha. O que o povo diz Deus assina. *(Soa um relógio)*.

CUSTÓDIA *(Prestando atenção à esquerda)* — Ih! Onze horas. Com licença. Vou vestir uma "matinée" decente para receber o médico. Até já. Olhe, não leve a mal as minhas palavras, compadre: Sonde-a, veja se descobre alguma coisa, mas com cuidado.

CLEMENTE — Vá descansada.

CUSTÓDIA — Até já. *(Entra à esquerda)*.

CLEMENTE *(Levantando-se fleumaticamente)* — Sim senhor...! E chama-se assim um homem de sem-vergonha cara a cara. *(Põe-se a folhear uma revista. Eufêmia aparece à porta da direita fumando. Traz no queixo uma cruzeta de pontos falsos. Ao ver Clemente atira o cigarro ao chão. Clemente apanha-o, lança-o pela janela e diz pa-chorrento)*. Mais prudência, menina. Com fogo não se brinca. *(Encarando-a)* Está com dor de dentes?

EUFÊMIA — Eu? Não. Por quê?

CLEMENTE — Fumando. Eu só admito que uma mulher fume quando está com dor de dentes.

EUFÊMIA — Preconceitos. *(Vivamente, com arrogância)* Por que não pode a mulher fumar? Por quê?

CLEMENTE — Porque... Ora essa! Porque não é natural nem decente. Eva não fumava.

EUFÊMIA — Nem Adão.

CLEMENTE *(Perlongando a sala)* — Isso é que eu não sei.

EUFÊMIA — Sei-o eu, porque o fumo, originário da América, só apareceu na Europa em mil e quinhentos e quê. Foi o século XVI que acendeu o primeiro cigarro no facho da Civilização.

CLEMENTE — Ah! sim? Pois deixemos o século fumar à vontade e vamos ao que nos interessa. Que é isso no queixo? Se é espinha, cuidado!

EUFÊMIA *(Naturalmente)* — Não, é um talho à-toa: cortei-me com a navalha.

CLEMENTE *(Espantado)* — Com a navalha no queixo?... Tu!

EUFÊMIA — Pois então, padrinho? Que há nisto de extraordinário?

CLEMENTE — Mas... *(De repente)* Ó sinhá... *(Eufêmia atalha-o com um gesto. Lembrando-se)* Ah, sim... Tens nome: Eufêmia. *(Outro tom)* Mas Eufêmia, que diabo tens tu, hein?

EUFÊMIA — Que tenho? Tédio, tudo me aborrece e irrita. Sinto que uma força reage em minh'alma impelindo-me a sair de mim mesma.

CLEMENTE — A sair de ti mesma?! Por onde? Para onde?

EUFÊMIA *(Com entusiasmo)* — Para a vida! para a luta! para a independência! para a liberdade!

CLEMENTE — Deixa-te de maluquices, menina. Não queiras contrariar a natureza. Essas coisas não são para o teu sexo.

EUFÊMIA *(Com um momo de desprezo)* — Sexo... Sempre a mesma palavra ridícula.

CLEMENTE — Palavra ridícula!?

EUFÊMIA — Sim, padrinho. *(Cruzando os braços, em atitude de desafio)* Que é sexo?

CLEMENTE *(Atarantado)* — Sexo? Ora! que pergunta! Sei lá! Sexo é um mistério. *(Outro tom)* Olha, menina, nessas coisas o melhor é não bolir, estás ouvindo? Não tenho estudos nem sou homem de andar por aí metendo o nariz no que não entendo. Demais a mais, são tantas as opiniões... Sei lá!

EUFÊMIA — Pois se não sabe vá a um dicionário.

CLEMENTE — Não me faltava mais nada senão andar procurando sexos no dicionário. *(À parte)* E isto é sensitiva. Está fresca, pois não.

EUFÊMIA *(Com decisão)* — Ouça-me, padrinho. *(Senta-se cruzando a perna)* Eu devo casar-me com Bibi, não é verdade?

CLEMENTE *(Observando-lhe os modos)* — Pelo menos é o que está assentado de pedra e cal.

EUFÊMIA — Está assentado, mas tem de levantar-se. Tal casamento seria um desastre.

CLEMENTE — Desastre? Como?

EUFÊMIA — Porque Bibi espera de mim o que eu nunca lhe poderei dar.

CLEMENTE — Não o amas?

EUFÊMIA — Amor... O meu amor é feito de energia: amor forte, heróico.

CLEMENTE — É o que serve.

EUFÊMIA — ...com impulsão para lutas, para conquistas!

CLEMENTE (*Escandalizado*) — Conquistas!...

EUFÊMIA — Sim — Sim, conquistas. O meu sonho é partir para a guerra, alistar-me...

CLEMENTE — Na Cruz Vermelha?

EUFÊMIA — Qual Cruz Vermelha! Na aviação. (*Com heroísmo*) Voar sobre o inimigo! fulminá-lo das nuvens com toneladas de explosivos! combater no espaço como as águias. O ar! O éter! Glória in excelsis!

CLEMENTE (*À parte*) — Está varrida de uma vez.

EUFÊMIA (*Sacudindo o vestido com desprezo*) — Quando me vejo nesta túnica de Nessus, com estes sapatinhos de salto alto, caçada de pó de arroz, eu, que só admito a pólvora, tenho medo de enlouquecer. Estou como Prometeu amarrado ao Cáucaso. É horrível! (*De repente*) Dê-me a sua mão.

(*Clemente mal lhe estende a mão, que ela aperta, agacha-se, encolhe-se gemendo*).

CLEMENTE (*Sacudindo a mão e soprando-a*) — Irra!

EUFÊMIA (*Com orgulho*) — Pulso, heim?

CLEMENTE — Pulso de homem!

EUFÊMIA — E o senhor ainda não viu o melhor.

(*Iracema aparece à porta da direita, de branco, cabelos soltos, com um lírio na mão*).

IRACEMA (*Romântica*) — Papai...

CLEMENTE — Ora muito bom dia. (*Beija-a na frente*).

IRACEMA (*Languida*) — Beija-me de leve. Eu sou como um fio de fumo que a mais leve respiração dissolve.

EUFÊMIA — Deixa-te de fumaças...! (*A Clemente*) Quer uma prova oral do que lhe acabo de dizer? (*A Iracema*) Repete aquela quadra de Casimiro de Abreu que recitaste há pouco.

IRACEMA — Tem muito sentimento, não? (*Atitude poética, olhos em alvo, voz languida*)

Oh! não me chames coração de gelo!

Bem vê: trai-me no fatal segredo.

Se de ti fujo é que te adoro e muito,
És bela; eu moça; tens amor; eu medo!...

EUFÊMIA — Agora eu! (*Máscula, voz trovejante, gestos largos*) Oh, não me chames coração de gelo! etc. etc. (*Plantando-se diante de Clemente*) Então?

CLEMENTE — Então, que? É a mesma coisa.

EUFÊMIA — Sim, os versos são os mesmos, mas a voz...

CLEMENTE — A tua é mais cheia, isto é, mais grossa... Talvez do fumo.

EUFÊMIA — Qual fumo! É que eu tenho voz de barítono.

CLEMENTE — Não digas isto que é feio. Barítono é voz de homem.

EUFÊMIA — Pois é a minha voz.

DONÁRIA (*Do fundo*) — Seu almoço está na mesa, seu Clemente. (*Retira-se*).

IRACEMA — Papai já vai almoçar!

CLEMENTE (*Carinhoso*) — Sim, filhota. Tenho um negócio ao meio-dia em ponto. (*A Eufêmia*) Manda chamar-me logo que chegue o médico. (*Sai pelo fundo à esquerda*).

IRACEMA — Que tens! Tu não és a mesma, Eufêmia. Há nuvens densas em tua alma.

EUFÊMIA — O que há em minh'alma é uma vontade danada de fazer um escândalo!

IRACEMA (*Repreensiva*) — Que coisa, Eufêmia!

EUFÊMIA — Já viste uma garrafa de champanha quando a rolha começa a subir e os gases lá dentro borbulhar, a ferver até que, de repente, PUM! Pois assim estou eu.

IRACEMA — Como uma garrafa?

EUFÊMIA — Como uma garrafa de champanha.

IRACEMA — Estás brincando. (*Meiga*) Não, querida tu andas a ocultar-me alguma coisa. Eu bem vejo que sofres. Abra-te comigo. Despejas tuas mágoas no meu seio.

EUFÊMIA — As minhas mágoas, Iracema... Se eu as despejasse ia tudo raso.

IRACEMA — Tens o sono muito agitado. Ainda esta noite... Até tive medo.

EUFÊMIA — Medo? Medo de quê?

IRACEMA — Não sei. Enfim... Pode ser que tenha sido pesadelo. *(Outro tom)* Mas por que me escondes o teu segredo? Não confias em mim?

EUFÊMIA — O meu segredo... *(Trágica)* O meu segredo é horrível, Iracema! Se eu to dissesse, cairias fulminada como por um raio.

IRACEMA — Credo! *(Ingenuamente)* É assim grande?

EUFÊMIA — É enorme!

IRACEMA — Entretanto nunca me pareceu que tivesses na alma uma coisa assim.

EUFÊMIA *(Voz cava)* Não é n'alma. *(Outro tom)* E como havias tu de descobrir se eu só agora é que dei por ele? *(Nervosa)* Eu não me suicidei, Iracema, quero saber por quê? Porque tenho medo de morrer. *(De repente)* Se houvesse escrito duas cartas, uma para um homem, outra para uma mulher e, distraidamente, trocasses os envelopes, não seria um horror!

IRACEMA *(Ingenuamente)* — Conforme.

EUFÊMIA — Pois foi o que se deu comigo. *(Sacudindo o vestido)* Esse envelope não é o meu.

IRACEMA *(Sem compreender)* — Que envelope?

EUFÊMIA *(Sacudindo furiosamente o vestido)* — Isto!

IRACEMA *(Abairando-lhe as saias)* — Não te descomponhas assim, Sinhá, que modos feios!

EUFÊMIA *(Desempenada)* — Qual descomponho, qual nada!

IRACEMA — Tu não estás direita, não. É bom mesmo que o médico te examine.

DONÁRIA *(Aparecendo ao fundo azafamada)* — O cheira-cheira está aí, gente. *(As duas olham-na espantadas. Explicando)* O doutor da casa de saúde aqui do lado. *(Aborrecida)* Oh! vocês também...

IRACEMA — Ah! Espera... É esse que anda sempre de sobretudo e galochas?

DONÁRIA — Pois então? Está aí com o seu Bibi. Vou avisar minh'ama. *(Entra à esquerda correndo).*

IRACEMA *(Notando o desalinho de Eufêmia)* — Arranja esses cabelos ao menos. Parece uma fúria! *(Põe-se-lhe a arranjar os cabelos. Curiosa)* Mas que história é essa de cartas, de envelopes?... Alguém escreveu-te?

EUFÊMIA — Não.

IRACEMA — Então?

EUFÊMIA *(Limpa as mãos aos ombros de Iracema. De olhos cravados nela, como a hipnotizá-la)* — Olha bem para mim. Bem! Sabes quem sou?

IRACEMA — Ora esta! Que coisa! Se sei quem és... Então não hei de saber?

EUFÊMIA — Não sabes. *(Voz soturna)* Eu sou um grande desgraçado, Iracema!

IRACEMA — Um grande quê?

EUFÊMIA — Desgraçado!

IRACEMA — Ainda se dissesse desgraçada...

EUFÊMIA — Não! Eu digo o que é, o que sou: desgraçado!

IRACEMA — Com "o"?

EUFÊMIA — Com "o"!

IRACEMA — Oh! *(Olhando-a como magnetizada)* Mas então é um milagre!

EUFÊMIA — Qual milagre! Um horror é que é!

IRACEMA *(Em soliloquio)* Com "o"... Mas então... *(De olhos apavoradamente fixos em Eufêmia, vai-se-lhe a boca escancelando, mascara-se-lhe a fisionomia de horror e com os braços duramente estendidos, como na repulsa de uma visão, vai recuando, recuando, até a porta da direita e, depois de nela haver desaparecido, solta um grito estridente).*

EUFÊMIA *(Baixa a cabeça e meneia-a desoladamente dizendo em tom sombrio)* — O mal secreto de Raymundo Correia. Ah, poetas... Poetas.

BIBI *(Ao fundo)* — Entre, Dr. *(Dr. Patureba aparece ao fundo, muito míope, de sobretudo e galochas apalpando o terreno com o guarda-chuva. Bibi toma-lhe o chapéu e o guarda-chuva e apresenta-o a Eufêmia).* O Dr. Patureba aqui da Casa de Saúde ao lado. Senhorita Eufêmia Arrobas. *(O Dr. aperta por engano a mão de Bibi).* Não, Dr. *(Tomando a mão de Eufêmia e colocando-a na mão do Dr.)* A mão dela é esta, a minha.

DOCTOR — Dela... Sua? Como?

BIBI — Digo minha porque me foi dada: somos noivos.

DOCTOR — Ah! Compreendo: é uma mão comum de dois. Compreendo... *(Acavala dois pares de óculos no nariz e experimenta a vista. Não satisfeito acrescenta um pincenez).* Muito bem. *(Sentando-se).* A doente é a senhorita, não? Ora vamos lá. Com li-

cença. Eu vejo muito pouco, só de perto. (*Chega-se muito a Eufêmia e toma-lhe o pulso*). Pulso um pouco agitado. Mas isto em noivos é natural. Deixe ver a língua.

EUFÊMIA — Para que, Dr.?

DOCTOR — Como para que? A língua está para o corpo, minha menina, como uma vitrina para uma casa de negócios: é um mostrador, compreende? O exame da língua põe o médico ao corrente do que há por dentro. (*Eufêmia mostra-lhe a língua*) Assim. Um pouco de saburra. Se a menina fosse homem, eu diria que fumava demais. Vamos adiante.

EUFÊMIA (*Levantando-se vivamente*) — Dr., meu caso não é dos que se estudam na língua, não é... Como direi, coisa de que se exponha à mostra na vitrina.

DOCTOR — Por quê?

EUFÊMIA — Porque... Ninguém expõe contrabandos.

DOCTOR — Contrabandos... Como contrabandos?

EUFÊMIA — Eu explico, mas só ao senhor.

BIBI — Fazes cerimônia comigo, teu noivo?...

EUFÊMIA — Não é cerimônia, Bibi, é... (*Custódia entrando pela esquerda apressada*).

CUSTÓDIA — Desculpe-me, Dr. Eu estava lá dentro dando umas ordens. Sua senhora, bem? Os meninos?...

DOCTOR — Todos bem, obrigado.

CUSTÓDIA — Então?... Já examinou, Dr.?

DOCTOR — Ia examiná-la agora, mas... Pelos modos... Acho-a muito escurpulosa.

EUFÊMIA — Sim, preciso ficar a sós com o doutor.

CLEMENTE (*Entra pelo fundo, com o guardanapo ao pescoço. Vendo o médico detém-se. Tira o guardanapo e chamando Bibi à parte, pergunta-lhe baixinho*) Que houve aqui com Iracema? Fui encontrá-la na varanda, banhada em lágrimas.

(*Custódia e Eufêmia discutem nervosamente*).

BIBI — Não sei.

DOCTOR — O senhor é o pai?

CLEMENTE — Não, Dr., padrinho apenas.

BIBI — É verdade, não os apresentei. (*Apresentando*) Coronel Clemente Lameira, meu pai. Dr. Patureba.

DOCTOR — Felismino Patureba, especialista de moléstias das senhoras, para o servir.

CLEMENTE — Muito obrigado, Dr.

CUSTÓDIA — Mas então, Dr... Como há de ser! Ela insiste em ir só.

DOCTOR — No estado em que ela está é bom não contrariá-la. Somos vizinhos, a Casa de Saúde é aqui, a dois passos. É sair de uma porta e entrar em outra. Que tem isso? Ela vai comigo. Até lá em casa é melhor porque temos tudo à mão.

CUSTÓDIA — Mas então eu hei de deixar minha filha só, com um homem?

DOCTOR (*Formalizado*) — Eu não sou homem, minha senhora.

CUSTÓDIA — O senhor!?

CLEMENTE — Essa agora!...

DOCTOR — Eu sou médico, e o verdadeiro médico não tem sexo, é neutro.

BIBI — Lá isso...

EUFÊMIA (*Decidida*) — Vou só. Só ou então... (*Ao doutor*) Vou por o chapéu. Com licença. (*Entra à direita*).

CUSTÓDIA — Mas... (*Troca olhares com Clemente*). Não sei... Mas acho isto assim não sei como. Que eu não vá, enfim... Até é bom porque não tenho coragem para essas coisas. Mas uma pessoa da família... Não está direito.

DOCTOR — Por mim, minha senhora, pode ficar descansada. Não é para me gabar, mas tenho visto muita coisa. Por estas mãos tem passado o que o Rio tem de mais elegante.

CLEMENTE — Há um meio. Não por causa do Dr., em quem todos nós confiamos, mas pela maledicência.

CUSTÓDIA — A língua do mundo.

CLEMENTE — Eu vou na frente, meto-me lá num canto e quando o Dr. terminar o exame, apareço e volto com ela.

DOCTOR — É. Pode ficar na secretaria, está muito bem. Enfim... Eu estou por tudo.

CUSTÓDIA — É só por causa da boca do mundo, Dr. O senhor nem imagina esta vizinhança por aí. Não escapa ninguém.

BIBI — Papai não tinha uma entrevista a meio-dia?

CLEMENTE (*Distraído*) — Hein?... Ora... Vou à noite. (*A Custódia e ao Doutor*) Bem, vou indo.

CUSTÓDIA — Olhe, compadre... Fale-me pelo telefone.

CLEMENTE — Sim, sim.

DOUTOR — Espere na secretaria. *(Clemente sai pelo fundo à direita).*

CUSTÓDIA — Será preciso ferro, Dr.?

DOUTOR — Não sei, minha senhora. Só vendo. Mas ainda que seja preciso, não será para hoje. Hoje farei apenas o exame.

CUSTÓDIA — Seja tudo pelo amor de Deus! *(Eufêmia aparece de chapéu).*

EUFÊMIA — As suas ordens, doutor.

CUSTÓDIA *(Choraminguando)* — Ah! minha filha... Tem coragem.

EUFÊMIA — Eu vou apenas conversar com o Dr., mamãe. Preciso estar a sós com ele.

BIBI *(Baixo)* — Ingrata!

EUFÊMIA *(Com uma rabanada)* — Não me amoles! *(A Custódia)* Hoje decide-se o meu destino: sim ou não!

CUSTÓDIA — Que é isso, menina!...

EUFÊMIA — É o que lhe digo! Vamos, Dr.

CUSTÓDIA — Você também nem parece homem, Bibi.

BIBI — Que quer a senhora que eu faça, se ela não quer.

CUSTÓDIA — Vai minha filha. Deus te acompanhe.

DOUTOR — As suas ordens, minha senhora. E fique tranqüila. Esta mão até hoje não errou golpe. Fique tranqüila.

(Custódia e Bibi acompanham até o fundo. Custódia apóia-se a uma das ombreiras chorando. Bibi prossegue conduzindo o médico, que vai tateando, curvado sobre os passos).

IRACEMA *(Aparece à direita e vendo Custódia a chorar adianta-se nervosa, abraça-a e interroga-a, aflita)* — Que é? Que houve? *(Olhando em volta)* Onde está sinhá?

CUSTÓDIA — Foi com o Dr. para a casa de saúde.

IRACEMA — Para a casa de saúde?!

CUSTÓDIA — Parece que tem de ser operada!

IRACEMA — Operada?! Ah! *(Cai desfalecida).*

CUSTÓDIA — Virgem mãe do céu! *(Aos gritos)* Bibi! Donária! Acudam!

BIBI — Que foi?!

CUSTÓDIA — Iracema teve uma coisa. Olha como está esfriando. Chama Donária.

BIBI — Minha pobre irmã! *(Correndo ao fundo em grande aflição).* Donária! *(Volta, ajoelha junto de Iracema e põe-se a bater-lhe nas mãos, a esfregar-lhe os pulsos).* Iracema! Minha irmã!

CUSTÓDIA — O coração dela está parando, Bibi. Valha-me Nossa Senhora!

DONÁRIA *(Entra afogucadamente pelo fundo, de avental, as mangas arregaçadas).* Que é? *(Vendo Iracema desmaiada)* Misericórdia. Mas que foi, minh'ama?

CUSTÓDIA — Foi porque eu disse que Sinhá vai ser operada.

DONÁRIA *(Com as mãos na cabeça).* Virgem! Operada... Sinhá... *(Desata a chorar desesperadamente).*

CUSTÓDIA — Que é isso, rapariga! Vocês em vez de me darem coragem, ... Já se viu uma coisa assim? ... Cale a boca Donária!

DONÁRIA — Coitada de Sinhá. Aquele diabo do cheira-cheira... Não é à-toa que eu embirro com ele.

(Iracema volta a si, senta-se, olhando em volta, airada).

CUSTÓDIA — Iracema!

BIBI — Minha irmã! *(Chamada ao telefone. Bibi corre a atender).*

CUSTÓDIA *(A Iracema mas voltada para o telefone)* — Estás melhor, minha filha?

DONÁRIA — Pobrezinha de Nha Eufêmia nas mãos daquele diabo que não enxerga.

BIBI *(Ao telefone)* — Beira-mar: oito, nove, seis, quatro. *(Desliga).*

CUSTÓDIA — Chega de chorar, Donária. *(A Iracema).* Estás melhorzinha? *(A Bibi).* Quem é?

BIBI *(Sentando-se ao lado de Iracema)* — Foi engano.

IRACEMA — Que fatalidade! *(Abraça-se em Custódia soluçando).*

P A N O

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

CUSTÓDIA (*Sentada no sofá, com as mãos abandonadas no colo, suspira com desalento*) — Ai... Ai... (*A Donária, que está encostada num dos umbrais da porta do fundo*). Já acendeste a lamparina do oratório?

DONÁRIA — Já, sim senhora. Mas eu achava que, para uma coisa assim, era melhor uma vela de cera. Lamparina a gente acende todos os dias, já não tem força: os santos nem ligam. Cera é cera, minh'ama.

BIBI — Tudo é luz, Donária.

DONÁRIA — Não, seu Bibi: vela não é azeite. A prova é que ninguém manda lamparina para a igreja. O que se manda é cera. Eu não mandei uma barriga? Mandei. Vosmecê pensa que os santos não vêem essas coisas? Ora se vêem...! Santo Antônio então!...

CUSTÓDIA — Pois vai buscar a vela, rapariga. Vai duma vez.

DONÁRIA — De quanto?

CUSTÓDIA — Dez tostões. Pois não chega?

DONÁRIA — De dez tostões? Uma vela de dez tostões é pouco mais do que um fósforo. Eu, para mim, costume comprar de mil e quinhentos.

CUSTÓDIA (*Impaciente*) — Pois compra, rapariga. Compra!

DONÁRIA — Ué! Minh'ama fica zangada. Eu tenho culpa! Está tudo pela hora da morte.

CUSTÓDIA (*Enfuzada*) — Morte, morte. Até parece agouro.

DONÁRIA (*Resmungando*) — Hum... Nossa senhora! (*Sai pelo fundo à esquerda*).

BIBI (*Consultando o relógio*) — Vinte minutos para uma.

CUSTÓDIA — Está demorando muito. E o compadre, nada? Se você tocasse para lá, Bibi?

BIBI — Não. Se papai não fala é porque a operação ainda não terminou.

CUSTÓDIA (*Alarmada*) — Operação! Que operação?! Pois ela vai ser operada? (*Com as mãos na cabeça*). Bem que eu estava adivinhando. (*Põe-se a andar de um para outro lado, desesperada*).

BIBI — Espere. Tenha calma. Eu queria dizer exame.

CUSTÓDIA (*Avoada*) — Não! Não! (*Chamada ao telefone. Alvorçada*). Vai ver, Bibi. (*Bibi corre ao aparelho e Custódia fica em atitude expectante*).

BIBI — Alô? Como? Aqui é Beira-mar: oito, nove, seis, quatro. (*Um instante*). Beira-mar.

CUSTÓDIA — Que é?

BIBI — Pois não. (*Desliga*).

CUSTÓDIA — Que é?

BIBI — Engano. (*Pausa*).

CUSTÓDIA — Como irá Iracema? Estou com esta cabeça que nem sei! Também é tanta coisa em cima da gente.

BIBI — Olha, D. Custódia, para mim, quer a senhora saber? Para mim a doença de Eufêmia é o cinema.

CUSTÓDIA (*Sem entender*) — Como cinema?

BIBI — Essas moças vão ao cinema, vêem coisas, impressionam-se e é isso.

CUSTÓDIA — Mas que coisas terá ela visto para ficar assim.

BIBI — Quem sabe lá? Eu só lhe digo que muita cabeça de moça tem virado por causa do cinema. Quando nos casarmos ela só irá aos cinemas comigo e ainda assim só depois de eu haver visto a fita.

CUSTÓDIA — Ora Bibi, se cinema virasse cabeças, então, meu filho, não sei que seria desta cidade. Qual! Eufêmia tem coisa muito séria. Queira Deus que eu me engane, mas para mim... (*Suspira*). Ainda esta noite um cachorro uivou aí na vizinhança que parecia o diabo.

BIBI — Ora! Os cachorros uivam sempre que há luar. Tristeza.

IRACEMA (*Entrando pela direita*) — Nada ainda?

CUSTÓDIA — Qual, minha filha! E você como vai? (*Fá-la sentar-se ao seu lado*).

IRACEMA — Estou preocupada. (*Tomando a mão de Custódia e encostando-a ao peito*). Olha o meu coração como está.

BIBI — Não há nada. (*Chamada ao telefone*).

CUSTÓDIA — Vai ver, Bibi. (*Bibi vai atender. As duas mulheres levantam-se e acercam-se do aparelho ansiosas. Baixo a Iracema*). Estou com medo.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

BIBI — Alô... (*Sôfrego*). É papai? Sim, sou eu. Então? (*Movimento das mulheres*). Como? Um terno? Aqui! Só se for o meu. E eu? Um pijama que o senhor comprou? Com Iracema? (*A Iracema*) Você tem aí um pijama de papai?

IRACEMA — Tenho, um que ele comprou ontem. Pediu-me que lhe repregasse os botões.

BIBI (*Ao telefone*) — Mas para quem é o terno, papai? (*Es-pantado*) Como? Para Eufêmia?

CUSTÓDIA — Que é?

BIBI (*Atônito*) — É papai que está pedindo um terno para Eufêmia.

CUSTÓDIA (*Com uma rabanada*) — Ora, teu pai está maluco.

BIBI (*Ao telefone*) — Mas por que, papai? Que extravagância é esta? Não vem? Por quê? Como! (*Nervoso*) Não é Eufêmia? Que diz? Hein? Eu... Que? Eu macho?! Não compreendo. (*Vivissimos sinais de assombro*). Hein? Oh! (*Deixa cair o fone e fica estatelado diante das senhoras, de olhos esgazeados*).

CUSTÓDIA (*Num grito*) — Morreu! Minha filha morreu!

BIBI (*Arfando com voz surda*) — Sim, sua filha morreu. A senhora está sem filha e eu sem noiva, viúvo!

CUSTÓDIA (*Escandalizada*) — Como?! Pois era... E não apreciava. (*A Iracema*) — Vá lá para dentro, Iracema. (*De punhos fechados por entredentes*). Mas quem será o miserável? Eu esgano-o...! (*Iracema fica parada no meio da sala e olha ora para um, ora para outro. A Bibi Menino ou menina? (Falando-lhe em rosto. Voz trágica) Quem sabe se não foi você, Bibi?!*

BIBI — Eu? Eu... Que?

IRACEMA (*De pé no meio da sala olha os dois desconfiada*).

CUSTÓDIA — Menino ou menina?

BIBI — Menino? Menina?

CUSTÓDIA (*Frenética*) — Pois você não disse que ela...?

BIBI — Ela? Não há mais ela. É ele.

CUSTÓDIA (*Frenética*) — Ele? Que ele? Homem, Bibi, eu não te entendo. Ele quem?

BIBI — Eufêmia.

CUSTÓDIA — Então Eufêmia é ele, Bibi?

BIBI — É sim senhora. O médico examinou.

CUSTÓDIA — O médico examinou... O médico examinou. E daí...?

BIBI — É isso.

CUSTÓDIA — Isso o que?

BIBI — Ela só pode vir para casa...

CUSTÓDIA — Carregada, já sei. (*Depois de uma volta*). Se é por causa do pequeno...

BIBI — Que pequeno?

CUSTÓDIA — Que pequeno?!... O do infame!

BIBI — E a senhora a dar-lhe com um infame. Que infame! (*A Iracema*). Vai lá para dentro, Iracema. (*Iracema entra à direita desconfiada*).

CUSTÓDIA — E agora?

BIBI — Pois a senhora não compreende? (*Custódia faz apalermadamente um gesto negativo*) Eu vou mandar o meu terno para Eufêmia.

CUSTÓDIA — Para Eufêmia... Teu terno, esse... (*Sarcástico*). Então Eufêmia há de vir por aí vestida de homem?

BIBI — Naturalmente, porque esse é o traje que ela deve usar. (*Custódia enclavinha as mãos e encara-o boquiaberta. Explicando com mistério*). Dona Custódia, Eufêmia é um erro da natureza, que nos enganou a todos: a senhora, a mim...

CUSTÓDIA — Erro da natureza?... (*Donária entra pelo fundo*).

DONÁRIA — Aqui está a vela.

CUSTÓDIA (*Irritada*) — Deixa-me com essa vela, rapariga!

DONÁRIA (*A parte*) — Credo! (*Entra à esquerda colocando de passagem o fone no gancho*).

BIBI (*Misteriosamente*) — Papai acaba de comunicar-me que Eufêmia é homem.

CUSTÓDIA (*Num jato*) — Seu pai perdeu a cabeça. (*Ameaçando-o com os punhos*) Então, minha filha?...

BIBI — É homem, tanto que, para voltar à casa, faz questão de um terno e, como não há outro vou vestir o pijama de papai para mandar-lhe o meu.

CUSTÓDIA (*Gira, girando atordoada*) — Não. Não é possível! Vocês todos perderam a cabeça ou então sou eu que não estou regulando. Pois minha filha... Eufêmia... Isso é lá possível! (*Chamada ao telefone. Bibi adianta-se mas Custódia toma-lhe a frente*) Não! Eu mesmo falo. (*Ao telefone*) Quem fala? Aqui é Custódia Arrobas. (*Interrompendo*) Não seja maleriado, sabe!? (*Desliga*).

BIBI (*Escapelando-se*) — Que hei de eu dizer aos meus intimos...! Com que cara vou eu aparecer em público!... Isto vai ser um escândalo!

CUSTÓDIA — Mas como foi?

BIBI — Sei lá como foi! (*Chamada ao telefone. Custódia acode*).

CUSTÓDIA — Alô! Sim, senhor. É o compadre? Ah, o Dr.... Então, Dr.? (*Pausa. O espanto vai pouco a pouco descompondo-lhe o resto*). Mas não é possível, Dr. O senhor viu bem? Mas... Não sei, Dr.... Só se foi coisa feita. Qual! Sim, senhor. Do primo, o noivo. Calcule! Está inconsolável! Sim, senhor. (*Desliga e fica cpatelada, os braços caídos ao longo do corpo, meneando com a cabeça, desoladamente*).

BIBI — Então, D. Custódia? (*Ela encara-o com ar de idiota*). Está convencida?

CUSTÓDIA (*Acena negativamente com a cabeça; depois de uma pausa*) — Olhe, Bibi, eu vou fazer cinquenta e dois anos, tenho visto muita coisa neste mundo, mas assim... (*Bate com as mãos nas faces. Outro tom*) E agora? Que vou fazer de toda essa roupa que ela tem aí?

BIBI — Ora a roupa...! A roupa é o menos, o resto é que é. Enfim, ... Vou mandar-lhe o terno.

CUSTÓDIA — É... Que remédio! Está lá teimando — que não vem! Que não vem. Manda Donária levar.

IRACEMA (*Entrando pela direita com um embrulho. A Bibi*) Está aqui o pijama de papai. (*A Custódia*) Então ela operou-se mesmo?

CUSTÓDIA (*Depois de a encarar com ar atoleimado*) — Sei lá! Sei lá se operou. Olha, o que eu digo, depois disso, é que, de hoje em diante não me fio em mais ninguém.

IRACEMA — Nem em mim, D. Custódia? (*Bibi entra à direita com o embrulho*).

CUSTÓDIA — Nem em ti. Em ninguém! Pois se minha filha... (*Persignando-se*) Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo! Uma menina que era um lírio... Bumba! Homem. Eu sei lá! (*Entra à esquerda gesticulando. Iracema senta-se junto à mesa folheando distraidamente as revistas. Donária aparece ao fundo, seguida de Augusta que traz uma bolsa de couro*).

DONÁRIA — Hué! Minh'ama não está aí? Está, D. Iracema?

AUGUSTA (*Dirigindo-se para Iracema de mão estendida muito lampeira e saracoteado*) — A senhora! Então como vai! Não sabia que estava por cá.

IRACEMA (*Friamente*) — Como vai a senhora, D. Augusta?
AUGUSTA — Rolando... (*Fazendo-lhe mimos*)... Cada vez mais bonita, benza-a Deus! (*Põe a bolsa numa cadeira*) Já sei que veio tratar do enxoval, hein? (*Iracema encolhe os ombros com indiferença*) — Quando chegou?

IRACEMA — No sábado.

AUGUSTA — Está aqui mesmo?

IRACEMA — Sim, senhora: eu e papai. Bibi continua na pensão.

AUGUSTA — Pois não imagina como eu tenho pensado na senhora. Recebi um sortimento do norte que é mesmo uma beleza! Rendas, bicos, erivos, labirinto, até nhanduti. E barras de saias, golas, cabeções, lenços... Tenho vendido muito. Já viu as rendas de fibra de bananeira? Pois olhe, nem em Paris se faz coisa igual. (*Faz menção de abrir a bolsa. Iracema detém-na*).

IRACEMA — Não, D. Augusta; depois. Estou com uma dor de cabeça que nem posso abrir os olhos.

AUGUSTA (*Tirando do bolso um vidro de saís*) — Cheire isto. É um santo remédio. (*A Donária*) Donária, minha negra, você é capaz de arranjar-me uma xicrinha de café?

DONÁRIA — Pois não, D. Augusta.

BIBI (*À direita chamando*) — Donária!

DONÁRIA — Senhor? (*Entra à direita*).

AUGUSTA — Pois é verdade... (*Pausa*) Venho da casa de uma freguesa. Estou estrompada. Ah! menina, ... Esta minha vida é uma penitência, não imagina. Para fazer negócio, tenho de fiar: uns pagam, mas há por aí uma certa gentinha que eu nem sei mesmo... É automóvel, Municipal, festas, sedas, Petrópolis, colares de pérolas e uma porcaria de vinte e cinco mil réis é um horror para a gente receber. Só em passagens de bonde tenho gasto mais do que fiei. Vou lá, bato e é aquela certeza: "Não está. Está no banho." Há dias fui lá de manhã, veio um sujeito de cara raspada e disse-me que ela tinha ido para S. Paulo. A tarde encontrei-a na Avenida. Pois quer saber? Quem teve vergonha fui eu, fiz que não vi. (*Insistindo com o vidro de saís*). Cheire um pouco. (*Iracema aceita. Donária com um embrulho atravessa a cena da direita para o fundo por onde sai a correr*). A senhora sofria de enxaquecas? (*Anima-a*).

IRACEMA — Às vezes.

AUGUSTA — Isto é estômago. Já sofri muito. Curei-me com banhos de mar. Por que não experimenta? (*Com malícia*). E olha,

na sua idade os banhos de mar fazem bem a tudo. Tenho uma freguesa que achou marido, e que marido, ali na Praia do Flamengo. Foi uma pesca e tanto.

IRACEMA (*Aborrecida*) — Não penso em casamento, D. Augusta.

AUGUSTA (*Com eulevo*) — É porque a senhora não sabe como é bom. Pois olhe, quando a gente tem sorte de achar um bom marido, não há nada melhor neste mundo.

IRACEMA — A senhora é casada? (*Augusta faz tristemente com a cabeça um gesto negativo*). Viúva? (*Mesmo gesto*). Como sabe então?

AUGUSTA (*Com um arrancado suspiro*) — Por informações, meu bem. Perdi o meu tempo de moça em maluquices. Não conheci o mundo. Que quer a senhora? E não me faltaram partidos e bons! Mas tanto escolhi, tanto escolhi, que aqui estou. A vida era boa, e eu não sentia o tempo, que é como um moreengo que, soprando esperança, vai levando a mocidade. Quando dei por mim era tarde: estava com a cabeça branca, sem dentes e cheia de rugas.

IRACEMA — Nem por isso, D. Augusta. A senhora também não está tão velha assim.

AUGUSTA — Ora, coraçãozinho... Não estou velha... Eu é que sei! É verdade que um quitandeiro lá da rua — não se enxerga o porcaria — andou com histórias comigo: presentinhos de laranjas, de bananas... Mas eu, pois sim. (*Puzando a pálpebra inferior de um dos olhos*). Eu vejo longe! Comigo não há lambanças. O que ele queria sei eu: mais isso!!! (*Tocando com a mão espalmada ora numa espádua ora noutra*). Pra cá, mais prá cá! Não, que me tem custado! (*Custódia entra pela esquerda amuada. Augusta levanta-se com alvoroço e vai-lhe ao encontro*).

CUSTÓDIA (*Friamente*) — Como está, D. Augusta? (*A Iracema*) Falaram para cá?

IRACEMA — Não, senhora.

AUGUSTA — Eu trouxe a sua encomenda.

CUSTÓDIA — Que encomenda?

AUGUSTA — Para o enxoval da menina.

CUSTÓDIA — Ah! (*Fica um momento como alheada e de repente*) Olha, D. Augusta: o dito por não dito, eu agora tenho muito que fazer. Desculpe-me.

AUGUSTA (*Ressentida*) — A senhora parece que está sentida comigo, D. Custódia.

CUSTÓDIA — Sentida? Não, D. Augusta.

AUGUSTA — Nem tem razão. Bem sabe que, negócios à parte, eu fui sempre sua amiga. Conhecemo-nos há mais de vinte anos.

CUSTÓDIA (*Falando à-toa*) — É verdade.

AUGUSTA — Pois então?

CUSTÓDIA — É... Mas... (*Desorientada*) Eu nem sei... Se eu lhe contar a minha vida, a senhora há de pensar que é mentira. A senhora está me vendo aqui, assim, não é? Pois eu nem sei mesmo...

AUGUSTA — Mas que tem?

CUSTÓDIA — Que tenho? Eu sei lá, D. Augusta.

AUGUSTA — Não será algum embaraço no estômago? (*Bibi aparece à porta da direita de pijama e estaca ao ver D. Augusta. Faz um sinal de cabeça à Iracema a perguntar quem é*).

IRACEMA — Entra. Não faz mal, é D. Augusta. (*Bibi adianta-se com acanhamento*).

BIBI — Não repare.

AUGUSTA — Reparar em que? O senhor está tão bem. (*A Iracema*). É seu irmão, não?

IRACEMA — Sim, senhora.

AUGUSTA — Ora, com cerimônias... Pois não está decente? Eu tenho uma freguesa, e bem bonitinha, que anda assim em casa.

IRACEMA — De pijama?

AUGUSTA — Sim, senhora. Fica uma gracinha, não imagina.

CUSTÓDIA (*Baixo a Bibi*) — Você já mandou a roupa, Bibi?

BIBI — Já, sim, senhora.

CUSTÓDIA — E agora, com esta mulher metida aqui... Como há de ser? Esta é uma língua!

BIBI — Que se há de fazer! (*Outro tom*). Mas eu ainda não acredito, D. Custódia, só vendo.

CUSTÓDIA — E eu, Bibi.

AUGUSTA — Mas então, D. Custódia, quer ver ou não as rendas para a menina.

CUSTÓDIA — Que menina?

AUGUSTA — Sua filha...

CUSTÓDIA (*Com um muxoxo*) — Pois sim... (*Iracema levanta-se e vai debruçar-se à janela. Bibi bate um cigarro na mesinha, tira a caixa de fósforos do bolso, mas fica como esquecido. Augusta interdita sem compreender os modos misteriosos dos que a cercam*).

olha para um, para outro. Custódia passeia nervosamente pela sala, estricando os dedos, vai ao telefone como para falar, detém-se diante do aparelho e, sungando os ombros, torna à sala. Augusta disfarça o seu mal-estar abrindo a bolsa e examinando-lhe o conteúdo. Rumor fora. Movimento na sala).

DONÁRIA (Aparecendo ao fundo, esgazeada) — Minha ama! (Vai a Custódia, pronta a falar, esta, porém, impõe-lhe silêncio com um gesto. Falando-lhe em seguida). Sinhá passou debaixo do arco da velha, minha ama. (Clemente aparece ao fundo e, logo em seguida, Eufêmia, vestindo o terno de Bibi. Espanto mudo).

CLEMENTE (À porta do fundo, solent). Ecce homo!!!

IRACEMA (Rindo) — Que é isso, gente?

CUSTÓDIA (Atirando-se para Eufêmia de braços abertos) — Minha filha!

EUFÊMIA (Solene) — Filho, mamãe, filho.

AUGUSTA — E não é que ela fica bem assim?

EUFÊMIA (Arrogante) — Ela, quem?

AUGUSTA (Sorrindo enleada) — Quem há de ser?

EUFÊMIA (Com superioridade) — Ele, minha senhora. Eu sou ele. Dela restam-me apenas os cabelos que vou mandar cortar hoje mesmo. (A Clemente) Onde é o seu cabeleireiro, padrinho?

CLEMENTE — Eu corto por aí...

EUFÊMIA — Isto é a corrente que me prende à outra vida. (Metê furiosamente os dedos pelo penteado soltando os cabelos que se lhe despenham pelas costas sacudindo a cabeça triunfante). Enfim! (A Donária) Vai à esquina e diz ao cabeleireiro que venha aqui imediatamente cortar-me os cabelos.

CUSTÓDIA (Enérgica) — Nunca! Isso nunca!

EUFÊMIA (Tranqüilamente) — Vai Donária.

BIBI — Eufêmia!

(Eufêmia fulmina-o com um olhar furibundo).

IRACEMA — Sinhá!

EUFÊMIA (A Donária com gesto imperativo) — Vai!

AUGUSTA (Baixo a Custódia) — Se foi promessa, D. Custódia... Tenho uma freguesa...

CUSTÓDIA — Qual promessa, D. Augusta! Deixe-me pelo amor de Deus!...

DONÁRIA (Hesitante) — Mas, então...

EUFÊMIA — Vai Donária e que venha já. (Donária sai pelo fundo).

AUGUSTA (À parte) — Se não foi promessa, então, coitadinha! Está aqui, no hospício.

EUFÊMIA — A vida agora sorri-me. (A Iracema) Não imaginas o que é isto, cá deste lado. Respiro outro ar e sinto-me livre enfim. (A Bibi) Da cá um cigarro. Os meus ficaram no sacco. (Bibi dá-lhe um cigarro e acende-o). Obrigado.

CUSTÓDIA (Deixando-se cair num sofá) — Eu não digo? Ninguém acredita.

AUGUSTA (À parte, pasmada) — Fumando! Como está este mundo! (Pausa) Rio de Janeiro, quem te viu e quem te vê.

CUSTÓDIA (Corre a Clemente e diz-lhe baixo, escandalizada) — Compadre, tenha paciência... Veja se leva D. Augusta lá para dentro. Eu já não tenho cara.

IRACEMA (Muito meiga, estendendo os braços a Eufêmia) — Sinhá!

EUFÊMIA (Afastando Iracema) — Iracema, cavou-se um abismo entre nós: tu és uma; eu sou outro. O passado morreu para nós.

BIBI — E eu? Afinal que papel represento eu nisso tudo?

CLEMENTE (Baixo a Custódia) — Pois não... (A Augusta) Desculpe-me, D. Augusta, mas a senhora não podia esperar um minuto lá dentro, só enquanto resolvemos aqui uma questão de família?

AUGUSTA — Não. Eu vou indo. Já é muito tarde e tenho que ir à Gávea, levar uns bicos a uma freguesa. (Misteriosamente) Mas diga-me aqui uma coisa. (Apinha os lábios indicando Eufêmia) Cabeça virada, não?

CLEMENTE — Cabeça? Não senhora: coisa pior, muito pior! Não foi a cabeça que virou!

AUGUSTA — Então que foi? (Clemente fala-lhe em segredo. Augusta recua formalizada). Senhor?! Eu sou donzela, sabe! (Toma a bolsa e vai despedir-se de Custódia minto digna) D. Custódia... (Voz lacrimosa) A senhora conhece-me: sou pobre é verdade, mas honrada. Não admito que me falem com o respeito. Isso não!

CUSTÓDIA (Espantada) — Mas quem lhe faltou aqui com o respeito, D. Augusta?

AUGUSTA — Aquele senhor, sua filha... Todos enfim. (Enzucando as lágrimas).

TODOS A UM SÓ TEMPO — Eu!!!

AUGUSTA — Aquele senhor diz-me coisas que eu nunca ouvi, nunca!

CLEMENTE (*Batendo no peito*) — Eu!!

CUSTÓDIA (*Baixo a Clemente em tom de reproche*) — Sempre a boca suja, compadre. O senhor não se emenda.

CLEMENTE (*Indignado*) — Boca suja! Perdão... (*A Augusta*) Que disse eu? Eu sou um pai de família. O que eu lhe disse repito em voz alta diante de todos.

AUGUSTA — O senhor não repete!

CUSTÓDIA (*Baixo a Clemente*) — Olhe as meninas, compadre!

AUGUSTA — Não é capaz!

CLEMENTE — Não repito!

AUGUSTA — Não repete!

CLEMENTE — Ora essa! (*Furioso*). O que eu lhe disse é a pura verdade. Tão pura como essa luz que nos alumia. (*A Eufêmia*). Você que é, menina? Diga aqui a esta senhora. Que é? Homem ou mulher?

EUFÊMIA — Homem!

AUGUSTA (*Depois de relancear por todos o olhar airado, tomando estabandamente a bolsa*) — Sabem que mais, eu não me presto a debiques. Troças comigo, não. (*Espanto geral*). Eu não mereço ser tratada assim em sua casa, D. Custódia. Não mereço, não. (*Caminha para o fundo meneando com a cabeça um gesto negativo*).

CUSTÓDIA — Mas acredite, D. Augusta... É a pura verdade.

AUGUSTA — Acreditar em que, D. Custódia. Então eu sou tola?

CLEMENTE (*Dirigindo-se para o fundo*) — Mas... Minha senhora.

IRACEMA (*Mesmo jogo*) — D. Augusta...

CUSTÓDIA (*Andando de um lado para outro, desolada*) — Eu não digo!

BIBI — D. Augusta...

EUFÊMIA (*Encolhendo os ombros*) — Não quer acreditar, melhor. (*Augusta sai*).

BIBI — Realmente...

CLEMENTE (*Irritado*) — Está danada, porque perdeu uma freguesa, e atira a culpa pra cima de mim. É boa.

CUSTÓDIA (*Dando de mão diante dos olhos*) — Ninguém acredita... Ninguém!

(*Senta-se com os cotovelos nos joelhos, a cabeça entre as mãos*).

EUFÊMIA (*Sentando-se de pernas cruzadas*) — Mas afinal o que há nisto de extraordinário?

CUSTÓDIA — Olha, Eufêmia... Seja como for o melhor é você ficar como está. Você tem vivido até hoje assim, por que há de mudar? Isto vai ser uma atrapalhação para todos...

EUFÊMIA — Como, atrapalhação?

CUSTÓDIA — Pois então! Todo mundo conhece-te como Eufêmia, e eu hei de agora andar participando, explicando a uns e a outros que não és mais Eufêmia? Ponha o caso em ti, minha filha. A gente também tem vergonha. E depois... Ninguém toma a sério uma coisa assim. Ninguém. Eu, por mim, deixava as coisas como estão. Ninguém sabe. D. Augusta pensa que foi pagode. Melhor. Você continua como dantes, casa-se... (*Olha enternecidamente para Bibi*). A Clemente) Não acha, compadre?

CLEMENTE (*Fugindo à questão*) — Isso agora, comadre... É lá com eles.

EUFÊMIA (*Levantando-se de impeto*) — Casar-me com Bibi? Eu?

CUSTÓDIA — Depois aquele médico, um catacego. Sei lá! Eu só digo que ainda perece a cabeça nessa barafunda.

CLEMENTE (*Atarantado*) — E esta menina aqui a ouvir estas coisas... (*A Iracema, acariciando-a*). Vai lá para dentro, filhota.

IRACEMA (*Ingenualmente*) — Ora, por que? Que pensam então? Eu sei tudo.

CLEMENTE (*Aterrado*) — Sabes tudo!

IRACEMA (*Baixando os olhos*) — Então, e não é de hoje.

CLEMENTE (*Agarrando-a por um braço*) — Hein?

CUSTÓDIA — Como? (*Com as mãos na cabeça, à parte*). Virgem!

IRACEMA — Sinhá nunca teve segredos para mim.

CLEMENTE — Mau, mau! (*Severo*) Tu... Então? (*Aceno afirmativo de Iracema. A Custódia*). Sua filha, minha senhora... Ou filho...

CUSTÓDIA (*Enfuzada*) — Olhe, compadre, quer saber de uma coisa? É melhor não bolir comigo. Já estou cheia! (*A Eufêmia, amuada*). Você faz lá as suas maluquices e sou eu que pago.

EUFÊMIA — Que maluquices?

CLEMENTE (*A Eufêmia com voz solurna*) — A senhora... E senhor!... Ah! Mas eu vou por essa história em pratos limpos.

EUFÊMIA — Mas afinal... Que há?

IRACEMA — Eu dei a entender a Bibi.

BIBI — A mim?

IRACEMA — Sim, senhor. Mais de uma vez.

BIBI — A mim, não. Tu nunca me disseste nada.

CUSTÓDIA (*De mãos postas à parte*) — Que vergonha, meu Deus!

IRACEMA — Como não disse?

CUSTÓDIA — E por que não me disseste, a mim?

CLEMENTE — E a mim?

IRACEMA — Ora... Porque... Porque os senhores faziam questão do casamento, fosse como fosse. Mas a Bibi eu disse. Se ele teima é porque quer. (*A Bibi*) Então eu não te disse mais de uma vez que Sinhá não gostava de ti? Não disse?

BIBI (*Aparvalhado*) — Sim... Isso disseste.

EUFÊMIA (*Intervindo*) — Perdão... Expliquemo-nos.

CLEMENTE (*Desassombrado*) — Mas então é isso que sabes? Que ela...

EUFÊMIA (*Imperativa*) — Ele!

CUSTÓDIA — Deixa, minha filha, é o costume...

CLEMENTE (*Insistindo*) — ... Que ela! (*A Eufêmia*) Eu refiro-me ao passado! (*A Iracema*) ... Que ela não gostava de Bibi?

IRACEMA — Pois então. (*Clemente respira desafogadamente*) E para mim, tudo isso que Sinhá está fazendo não passa de pagode.

EUFÊMIA (*Muito grave*) — Enganas-te, Iracema. Isto é tudo que há de mais sério nesta vida.

IRACEMA (*Sorrindo com intenção*) — Pois sim. (*Outro tom*) Eu quero muito bem Bibi. Mas acho que Sinhá tem razão. Uma moça que se casa contra a vontade, não pode ser feliz. Eu cá penso assim.

CUSTÓDIA (*Baixo a Eufêmia, esperançada*) — Mas então por que não te queres casar com Bibi?

EUFÊMIA (*Superiormente*) — Não, mamãe.

CUSTÓDIA — Então, por que é?

EUFÊMIA — É porque é mesmo.

DONÁRIA (*Aparecendo ao fundo*) — Já dei o recado. Seu Batista vem aí.

CUSTÓDIA — Que Batista?

DONÁRIA — O barbeiro da esquina.

CUSTÓDIA — O que vende o bicho? Que vem ele fazer aqui?

DONÁRIA — Pois Sinhá não disse que queria cortar o cabelo?

CUSTÓDIA (*Com um muxôro*) — Ora!

DONÁRIA (*De trombas*) — Eu faço o que mandam. (*Sai pelo fundo resmungando*).

CLEMENTE (*Que tem estado a matutar a um canto, à Custódia, gravemente*) — Comadre, a senhora dá-me uma palavra em particular?

CUSTÓDIA (*Intrigada*) — Pois não, compadre. Aqui mesmo?

CLEMENTE — Não, é melhor lá dentro.

CUSTÓDIA — Pois vamos, estou às suas ordens. (*Custódia e Clemente entram à esquerda*).

IRACEMA (*Baixo a Eufêmia*) — A mim é que você não me engana. (*Entra à direita rindo*).

BIBI (*Depois de espiar a todas as portas planta-se diante de Eufêmia e exclama com desafogo*) — Enfim... Sós...

EUFÊMIA — Dá cá outro cigarro, Bibi.

BIBI — Não. Agora não. Tem paciência. Estamos sós e é necessário que resolvamos a nossa situação. Isso não pode ficar assim. Somos noivos e o casamento, Sinhá é uma coisa séria.

EUFÊMIA — De acordo. Muito séria. É a base da família, o princípio fundamental da sociedade etc., mas dá cá o cigarro. Eu sem fumar não sou gente. (*Bibi dá-lhe um cigarro*) Fósforo. (*Bibi atende. Depois de acender o cigarro, cruzando a perna*). Muito bem, estou às tuas ordens.

BIBI (*Cruzando os braços e encarando-a severamente*) — Que queres tu dizer? Como pilhéria, acho-a de mau gosto. Tens alguma queixa de mim? Com franqueza?

EUFÊMIA — Eu? Não, por que?

BIBI — Então que quer dizer isso? Explica-te.

EUFÊMIA (*Severamente*) — Isto? Isto quer simplesmente dizer, meu amigo, que somos incompatíveis.

BIBI — Incompatíveis?

EUFÊMIA — Incompatibilíssimos. (*Com severidade*). Bibi, durante dezoito anos, vivi dentro de uma ilusão e de saias, aparentando o que não era e suportando o diabo. Por mais que eu dissesse como... Não me lembro a quem: "il y a quelque chose là", ninguém acreditava. Deram-me bonecas, ensinaram-me a fazer croché, pu-

seram-me em uma escola de meninas, e eu... (*De repente*). Conhece a história do Patinho Torto?

BIBI — Não.

EUFÊMIA — Eu não a sei lá muito bem. Nunca tive jeito para histórias. Enfim, vou ver se consigo dar uma idéia. (*Pondo-se à vontade*). Era no reino dos patos. Um dia, passando por ali um bando de cisnes, e sentindo-se a rainha deles ligeiramente incomodada, meteu-se no mato onde descobriu um ninho cheio de ovos, exclamando logo, exultante: "Oh, que achado!" E foi como se houvesse entrado em uma maternidade, compreendes? (*Aceno afirmativo de Bibi*). Os patos, porém, sentindo um inimigo, levantaram tamanha grasnada, que os cisnes abalaram em alvoroço... E com eles, a Rainha-mãe. A pata, dona do ninho, deitou-se sobre os ovos, sem dar tento em mais um que ali aparecera... E chocou-os... No tempo próprio, saiu a ninhada. Entre os patinhos, porém, veio um tão esquisito, tão mal conformado, e com tão comprido pescoço, que se tornou, desde logo, vítima dos remoques não só dos patos adultos, como dos próprios irmãos... Como direi, leite, não... de choco. Apelidaram-no O Patinho Torto. Pois meu caro, o monstrego não era mais nem menos, que um cisne e só deu por isso quando, fugindo à percepção dos patos, que o traziam de canto chorado, achou-se, um dia, no lago entre outros cisnes. Vendendo-os e comparando-se com eles, ficou surpreendido com a semelhança, compreendendo então, e com orgulho, que não era um aleijão, mas um lindo exemplar de animal superior, com outro porte, outra graça, que não tinham os patos. (*Levantando-se com ar pimpão*) Pois, meu caro Bibi, a minha história, é, com pouca diferença, a do Patinho Torto.

BIBI — Como?

EUFÊMIA — Se eu te dissesse os comentários que faziam em volta de mim, os risinhos, os dietérios, que me acompanhavam nas ruas, nos bondes, nos teatros, nos bares, nos cinemas, onde quer que eu aparecesse. Horríveis, meu velho. (*Encarando-o*). Olha que tens mau gosto. Apaixonar-se por um homem, por uma tipa como eu era... Só mesmo tu.

BIBI — Pois eu...

EUFÊMIA — Homem, cala-te! Um dizia que eu era feito, ou feita a machado. Outro, que não tinha gosto, que era abrutalhada. Que estava muito boa para ir para a guerra, responder aos quatrocentos e vinte boches. Riaram-se de meu buço. Achavam-me sem modos, e no Fluminense, quando eu torcia... Não te digo nada, estive uma

vez vai não vai a quebrar a cara de um sujeito, um tal que espicha os olhos muito delambidos para as arquibancadas, para ver...

BIBI — Sei, o homem das pernas.

EUFÊMIA — Sim. Pois, Bibi, a bruxa, a trouxa, o bacamar-te... No outro sexo era esse seu criado, O Patinho Torto, cisne como tu e formoso, porque, como homem, tem paciência, poucos me passarão à frente.

BIBI — Mas... E o atestado?

EUFÊMIA — Que atestado?

BIBI — Tu não podes passar assim de um sexo para outro sem... Passaporte e declaração pública. Se a gente, para mudar de nome, anuncia nos jornais, vai ao tabelião, quanto mais para mudar de sexo.

EUFÊMIA — Sim, tens razão. Hei de ver isso. Mas voltando ao nosso caso... Compreendes que, com a mudança, tendo passado de pato ou pata à cisne, o nosso casamento é impossível. Continuemos como bons amigos, e as confidências que eu dantes fazia a Iracema, farei doravante a ti.

BIBI — Qual... Eu não me conformo!

EUFÊMIA — Não te conformas? Essa agora!

BIBI — Não, Sinhá, eu... (*Intrigado*). Como diabo eu hei de chamar-te agora?

EUFÊMIA — Chama-me como quiseres. Ainda não pensei na nova firma. Adotemos por enquanto esta: Eufêmia & Cia., em liquidação.

DONÁRIA (*Aparecendo ao fundo*) — Sinhá, seu Batista está aí.

EUFÊMIA — Entre, seu Batista.

BATISTA (*Aparece ao fundo com um embrulho e vendo Eufêmia de traje masculino, com os cabelos soltos, deixa cair o embrulho e pasma estatelado*) — Oh!

EUFÊMIA — Não se espante, seu Batista. E lavre lá um tento, porque arranjou mais um freguês de barba e cabelo.

BATISTA (*Hebetado*) — De barba... Barba?

EUFÊMIA — O caso é simples: como nasci muito enfezadinho, mamãe fez a promessa de vestir-me de mulher até eu completar dezoito anos. Terminando hoje o prazo do voto, reintegro-me no meu sexo, que é o masculino, com todas as honras, e sem esta cabeleira, que o senhor vai deitar-abaixo agora mesmo.

BATISTA — Ah! hein... Compreendo... Então, dezoito?

EUFÊMIA — Dezoito. Vamos entrando. *(A Bibi)* Espere-me aqui um instante. Tem aí o último número do "D. Quixote". Ri à vontade. Vamos, seu Batista. *(Entra à direita. Batista acompanhando-a mas Donária detém-na à porta).*

DONÁRIA — Olha aqui, seu Batista, o senhor aceita duzentos réis na dezena e duzentos réis no grupo?

BATISTA *(Sorrindo maliciosamente)* — Dezoito, não! Cachorro e porco. *(Consulta o relógio).*

DONÁRIA — O senhor é ladino!

BATISTA — Pudera! Com um palpitão destes, vá lá. *(Entra à direita).*

DONÁRIA *(Depois de um momento)* — Seu Bibi, ainda que mal lhe pergunte, o senhor acredita nessa história de Sinhá?

BIBI — Sei lá, Donária.

DONÁRIA — Pois olha... Eu é porque não sou linguaruda, mas sempre desconfiei...

BIBI — Tu? O que!

DONÁRIA *(Misteriosamente)* — Olhe, seu Bibi, neste mundo cada um sabe de si e Deus de todos. *(Batendo na boca).* Cala a boca, Donária.

(Sai pelo fundo seguida pelo olhar suspeito de Bibi).

P A N O

FIM DO SEGUNDO ATO

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - C.P. 90010-025

TERCEIRO ATO

(Ao levantar-se o pano ouve-se a voz de Donária cantando, à direita, fundo, a "Canção do Soldado Paulista". Bibi caminha pela sala preocupado, gesticulando; pára d'olhos altos, carrancudo, como em meditação e, falando consigo, continua a perlongar a sala. Batista sai da direita com o embrulho, faz cumprimento a Bibi, que não corresponde alheado de tudo, e sai pelo fundo à direita. Custódia entra vagarosamente pela esquerda, sombria, detém-se junto à mesa mexendo distraidamente nos jornais; por fim, arrancando do peito um suspiro angustioso, senta-se no sofá, cabishuica com as mãos espalmadas nas coxas).

DONÁRIA *(No interior, à direita)* — Adeus, seu Batista. Olhe a minha encomenda, hein? Na dezena e no grupo. *(Eufêmia de cabelo cortado entra pela direita triunfante com uma trança na mão).*

EUFÊMIA — Livre, enfim!... *(Bibi ao dar com os olhos em Eufêmia cai em uma cadeira como fulminado, balbuciando em voz quase extinta).*

BIBI — Sinhá!

CUSTÓDIA *(Levanta os braços horrorizada e deixa escapar um arito)* — Misericórdia!

BIBI — Que fizeste, Sinhá!

EUFÊMIA — Apoderei-me da praça, tomando a bandeira ao inimigo.

CUSTÓDIA — E agora, menina?

EUFÊMIA — Agora, vou desfraldar o pavilhão da vitória, o pavilhão do meu sexo.

CUSTÓDIA — Que pavilhão, filha de Deus?...

EUFÊMIA — A barba! A Sansão levou levou a tesoura as forças; a mim, fê-las vir... *(Ufano)*. Agora sim: sou gente! *(Sopetando a trança)*. Não pesam tanto os grilhões a um galé como me pesava esta ignomínia. Vou lançá-la ao fogo!

(*Encaminha-se resolutamente para o fundo. Custódia toma-lhe a trança arrancando-lhe a trança da mão.*)

CUSTÓDIA — Nunca! Queimá-la... Nunca! (*Contemplando a trança com eulero*). É preciso não ter coração. (*Desata a chorar abraçando-se com a trança e cobrindo-a de beijos frenéticos*). Ah! minha trancinha querida! Trança do meu coração! Que sina a tua!

EUFÊMIA (*Passando o braço pelos ombros de Custódia*) — Coragem, mamãe!

BIBI (*A Eufêmia, baixinho*) — Mas então... Tu...?

EUFÊMIA (*A Bibi*) — Então... Que? (*A Custódia*). Levante as mãos para o céu, mamãe, e agradeça o milagre que ele acaba de realizar. O seu amor de mãe não sofre com a mudança e eu, ou antes: nós, lucrámos com a transformação porque, passando a homem, falarei grosso doravante, tomando a direção dos nossos negócios que por falta de um pulso, iam por água abaixo.

CUSTÓDIA — E tu tens jeito para homem, Sinhá, tens?

EUFÊMIA — No princípio é natural que me atrapalhe um pouco, mas hei de aprender, descanse. Tudo se consegue com o verbo querer, e eu quero!

CUSTÓDIA — Pois sim, vai querendo! Mas queira Deus que não te saia o trunfo às avessas. Se fosse só querer... Enfim... Isso é lá contigo. (*Outro tom*) E o mundo? Que dirão por aí esses diabos que falam de tudo?

BIBI (*Meneando a cabeça*) — É nisso que eu penso.

EUFÊMIA — Falam enquanto não se lhes tapa a boca, mamãe; mas eu tenho rolha, não se incomoda. E que importa o mundo? Que fale! Quem dá ouvidos a vozes não vai para diante. Lembre-se da fábula do camponês e o filho. Que me importa a mim o mundo!

CUSTÓDIA — Sim, tu não te importas, mas eu... Eu é que vou ouvir boa por aí.

BIBI (*Esticando o beijo*) — E eu!

EUFÊMIA (*A Custódia*) — Se eu, quando era mulher, não atuava desaforos, quanto mais agora. Que se metam comigo! (*A Bibi*) E tu, desculpa-me, Bibi. Não é porque eu não te queira, e muito! que retiro a minha palavra, mas tu compreendes: Dois bicudos não se beijam.

BIBI — Sim. Se é verdade o que dizes?

EUFÊMIA — Pois ainda duvidas?

CUSTÓDIA — Sendo assim, ainda mesmo que ela quisesse, não seria possível. Duro com duro não faz bom muro, diz o ditado. O

remédio agora... Nem eu sei mesmo. (*Hebetada*) Nunca vi uma coisa assim. Até parece feitiço, palavra!

BIBI — Papai está lá dentro!

CUSTÓDIA — Está.

BIBI — Com licença. (*Entra à esquerda*).

CUSTÓDIA (*Seguindo Bibi com um olhar piedoso; penalizada*) — Ai! meu Deus! Pobre rapaz! Tanta coisa, tanta coisa p'ra nada. Olha que é mesmo para um homem perder a cabeça. Já é falta de sorte. Enfim, ainda podia ser pior. Imaginem isso no dia do casamento. Nossa Senhora! Nem é bom pensar. (*Eufêmia repuxa as calças remexendo-se como incomodada*). Que é? Que é que tens?

EUFÊMIA — São as calças.

CUSTÓDIA — Eu não digo?! Tu não vais lá das pernas, minha filha. Afinal, deixa lá! são dezoito anos de saias, a gente habitua-se.

EUFÊMIA — Não, mamãe!... Isto agora ou vai ou racha!

CUSTÓDIA — Que é isto, menina!

EUFÊMIA (*Dando um forte safanão às calças*) — É o que lhe digo. (*Outro tom*). Mas afinal... A senhora queria dizer-me alguma coisa.

CUSTÓDIA — Sim... É... É uma coisa muito séria. Nem eu sei mesmo como hei de dizer. Tu agora és homem e eu com homens... Francamente... Não está em mim. Eu só falei à vontade com um homem neste mundo e esse Deus lá o tem na sua glória.

EUFÊMIA — Mas eu sou seu filho, mamãe.

CUSTÓDIA — É... Mas... Não sei... Enfim... Façamos de conta que ainda és Eufêmia.

EUFÊMIA — Pois sim, mas só na intimidade. Para a senhora, muito bem. Para os mais Eufêmia morreu. (*Custódia persigna-se supersticiosamente*). Fale. Que há?

CUSTÓDIA (*Vezada*) — Foi o compadre que me disse. E ele tem razão, isso tem. Este mundo é de maldade. Afinal de contas vocês viviam sempre juntas. (*Atrapalhada*). Eu mesma não sei.

EUFÊMIA — Mamãe quer falar de Iracema?

CUSTÓDIA — É...

EUFÊMIA (*Muito digna*) — Iracema foi sempre para mim uma irmã.

CUSTÓDIA — Eu sei. Mas o mundo, minha filha... O mundo, você sabe, tem a boca muito grande.

EUFÊMIA — Ora, o mundo!...

CUSTÓDIA — Não, é "ora"! não. O compadre diz que vão falar.

EUFÊMIA — Falar!!

CUSTÓDIA — Ê.

EUFÊMIA — Falar de que?

CUSTÓDIA — Ora, de que... De que é que se fala neste mundo senão da vida dos outros?

EUFÊMIA — Mas mamãe acha-me capaz?

CUSTÓDIA — Eu não. Quem acha é o compadre.

EUFÊMIA — Oh. *(Com muito pundonor)* Mamãe, eu sou um homem de bem!

CUSTÓDIA — Eu sei, menina... Eu sei. *(À parte)* Qual! eu não me posso conformar com essa história de homem. Não posso!

EUFÊMIA *(Com um olhar à direita)* — Olhe, aí vem Iracema. Interrogue-a.

CUSTÓDIA — Eu?

(Iracema entra pela direita. Ao dar com Eufêmia estaca boquiaberta, emitindo um oh! surdo e oscila amparando-se a um móvel, fica um momento como atordoada d'olhos fechados passando a mão pela fronte. Eufêmia precipita-se para socorrê-la, cinge-a com o braço pela cinta, Iracema abre os olhos, fita-os em Eufêmia, volta depois para Custódia e com um sorriso de desvairo põe-se a passar a mão pela cabeça de Eufêmia entrando a rir nervosa. O riso aumenta, vibra-lhe na garganta, o corpo tomba-lhe hirtos nos braços de Eufêmia, que o sustém e o repousa alfin no sofá sobre almofadas).

CUSTÓDIA — Anida mais esta! Também nunca vi criatura assim para ataques. Qualquer coisinha é isto.

EUFÊMIA — Onde está o éter, mamãe?

CUSTÓDIA — Que éter? Sei lá de éter! Eu não sei de mim, quanto mais... Eu vou mesma é chamar o compadre. *(À esquerda, chamando)* Compadre!

EUFÊMIA *(Procurando despertar Iracema)* — Iracema! Ó Iracema!

(Clemente e Bibi entram pela esquerda alvoroçados).

CLEMENTE — Que é?

BIBI *(Vendo Iracema desfalecida)* — É Iracema com o ataque.

CUSTÓDIA — Viu Sinhá com os cabelos cortados e foi logo...

CLEMENTE *(A Eufêmia)* — Homem... Você também... Que pressa? Podia ter esperado mais um pouco para prepararmos o espírito da menina. Isso assim de repente... *(Outro tom)*. Não há por aí alguma coisa para dar-lhe a cheirar?

BIBI — Isto passa. *(Iracema move-se lentamente, estica os braços, suspira)* Está passando.

CLEMENTE *(Vendo Iracema abrir os olhos)* — Sou eu, filha. Então?

CUSTÓDIA — Estás melhorando? *(Iracema senta-se alquebrada)*. Queres ir lá para dentro? É melhor. Tiras o colete, ficas à vontade.

(Iracema levanta-se de golpe, atravessa resolutamente a cena e entra pela esquerda seguida de Custódia).

CLEMENTE *(Voltado para a esquerda, preocupado)* — A pequena é capaz de fazer alguma asneira. *(A Eufêmia repreensivo)*. O senhor! O senhor!

EUFÊMIA — O padrinho suspeita-me de alguma coisa?

CLEMENTE — Eu? Eu acho que isto não está direito. Isto não é sério. A gente é o que é. Um homem é um homem.

EUFÊMIA — E um gato é um bicho.

CLEMENTE — Não é isto. Das duas, uma: ou você casa-se com Bibi ou casa-se com Iracema.

EUFÊMIA — Como?

CLEMENTE — Como? Ora, como! casando-se. Com Bibi você diz que não pode. E com Iracema?

EUFÊMIA — Hein!!

BIBI — Papai tem razão.

EUFÊMIA — Como tem razão? Então isto é assim? Pois eu ainda bem não saí de uma alhada já me querem meter em outra?

CLEMENTE — Alhada? E você acha que as coisas vão ficar assim, não? Você era a amiga mais íntima de minha filha, não se deixavam: em casa, na rua, dormindo juntas. De repente... Não! Tenha paciência.

BIBI — Papai tem razão.

CLEMENTE — Falei à comadre e estamos de acordo. Vou hoje mesmo tratar dos papéis.

EUFÊMIA — Do papéis?!

CLEMENTE — Pois então! Primeiro o restabelecimento da tua idoneidade.

BIBI — Papai tem razão.

CLEMENTE — Depois dos papéis de casamento. Isto não pode ficar assim.

BIBI — Papai tem razão.

EUFÊMIA (*Explodindo*) — Ah! tem razão... Tem razão! Você está danado com o que aconteceu e agora é: Papai tem razão... Papai tem razão. Não amoles! (*A Clemente*). Dêem-me tempo, que diabo! Deixem-me, ao menos respirar um pouco. Eu não tenho prática. Se ainda não me ajesto nas roupas quanto mais... Tenham paciência. Também não é assim. Não sou pau para toda obra.

CLEMENTE — Pois sim. Nem eu estou exigindo que seja hoje ou amanhã.

EUFÊMIA — Ponham o melhor "goal-keeper" do mundo a jogar de "back" e não de ver o fiasco.

CLEMENTE (*Sem entender a Bibi*) — Que diz ela?

BIBI — É linguagem de futebol.

CLEMENTE — Inglês. Não entendo. (*A Eufêmia*) Que queres dizer?

EUFÊMIA — Quero dizer que sem treino nada se faz neste mundo.

CLEMENTE — Que treino? Quem falou aqui em treino?

EUFÊMIA — Falo eu, porque querem que eu jogue em uma posição que não conheço.

CLEMENTE — Jogar?...

BIBI — Ela quer dizer: cessar.

CLEMENTE — Então casamento é jogo?

BIBI — É gíria de futebol.

CLEMENTE — E que vem cá fazer o futebol? O caso é simples.

EUFÊMIA — Parece-lhe. Para quem está na arquibancada tudo é simples. Entre em campo e há de ver.

CLEMENTE — Que campo?

EUFÊMIA — Nada.

CLEMENTE — Pois é. Vocês criaram-se juntas, são quase da mesma idade, diferença de meses. Casam-se, dão uma satisfação à sociedade e está tudo acabado. Você, com certeza, não está comprometida?

EUFÊMIA — Eu?

BIBI — Estava: comigo.

EUFÊMIA — Você está "off-side".

CLEMENTE — Eu já não me entendo na língua, quanto mais nas estrangeiras. Deixa-te de inglês. (*Outro tom*). Ora, rapaz... Nós estamos falando sério. Não te metas. (*A Eufêmia*) Pois é o que eu digo. Uma menina direita, como você foi, não podia comprometer-se. Sendo assim, se você há de andar por aí quebrando a cabeça, casa-se com uma pessoa conhecida.

EUFÊMIA — Pois sim. Mas se eu lhe disser que Iracema não é livre!

CLEMENTE — Não é livre?! Como não é livre?

EUFÊMIA — Sim. O senhor sabe que nós não tínhamos segredo uma para a outra. Conheço o coração de Iracema, como conheço o meu. E então?

CLEMENTE — Então... Que?

EUFÊMIA — Como quer o senhor que eu me case com uma menina que deu o coração a outro?

CLEMENTE — A outro? Que outro?

EUFÊMIA — Outro homem.

BIBI — Não é possível!

EUFÊMIA (*Severamente*) — Eu não minto, Bibi.

CLEMENTE — Que homem?

EUFÊMIA — Um homem.

CLEMENTE — Duvido! Sem licença minha, duvido!

EUFÊMIA — Não lhe posso dizer. É um homem.

CLEMENTE — Ah! É um homem... E você não pode dizer? Muito bonito! Duas moças solteiras escondendo um homem ao pai e ao padrinho. Muito bonito, não há dúvida! (*Furioso*). Pois eu vou chamá-la! Quero essa história em pratos limpos. (*Encaminha-se para a esquerda mas volta-se de repente*). De mais, quando esse homem souber que você também é o que é... Só se for mesmo... (*A Bibi*). Não te parece?

BIBI — É claro!

CLEMENTE — Claríssimo. (*A Bibi*). Você casava-se, hein? Casava-se? (*Gesto negativo de Bibi*). Nem eu. (*Dá uns passos em direção à porta da esquerda e volta-se repentinamente encarando a Eufêmia*). Você diz que precisa fazer não sei o que.

BIBI — Treinar-se.

CLEMENTE — Isso! Pois treine-se à vontade, mas quando acabar de treinar-se, case-se. Se não quiser viver aqui, tem lá a fazenda e onde comem três, comem quatro. (À Bibi) Vai chamar tua irmã. Estas coisas decidem-se logo. (Custódia e Iracema aparecem à esquerda).

BIBI (Que se tem encaminhado para a esquerda, voltando-se) — Aí está ela! (Clemente vai ao encontro de Iracema e a atrai a si, passando-lhe o braço pela cintura).

CLEMENTE (Muito meigo) — Então, filhota?

IRACEMA (Languida) — Ah! papai... (Pende a cabeça sobre o ombro de Clemente). Sou muito sensível, perdoa-me. Estes abalos fazem-me tanto mal!!! Vibro que nem sei.

CLEMENTE — Sim, mas não te incomodes. Está tudo arranjado. Fia-te em mim que sou o teu anjo da guarda. (Fá-la sentar-se. A Custódia discretamente). Falei, comadre.

CUSTÓDIA (Em voz baixa e ansiosa) — E então?

CLEMENTE (Radiante) — Ora! (Custódia d'olhos em alvo).

CUSTÓDIA — Louvado seja Deus! (Outro tom). Mas olha, comadre, que isto seja breve, porque pode vir por aí outra história e eu já não posso comigo.

CLEMENTE — Sim, sim... Nem há tempo a perder. A propósito: leve-me daqui os noivos.

CUSTÓDIA — Que noivos?

CLEMENTE — Que noivos?! Bibi e... Eufê... (Caindo em si). Homem, tem razão; é o hábito, comadre. Veja se os leva daqui, porque preciso conversar com a pequena.

CUSTÓDIA — Pois não. (Chamando). Sinhá! (Eufêmia voltando-se). Você não ouve? Bibi! (Voltando-se, dirigindo-se para o fundo). Venham cá dentro um instante. (Os três saem pelo fundo à esquerda)

CLEMENTE (Esfregando as mãos) — Pois é verdade, filhota. Está tudo arranjado.

IRACEMA — Tudo, que?

CLEMENTE — O teu casamento.

IRACEMA (Com espanto) — Meu!...

CLEMENTE — Sim, o teu casamento. Não me consta que tenhas feito voto.

IRACEMA (Pondo-se vivamente de pé) — Meu casamento?! Com quem?

CLEMENTE — Com quem há de ser! Com Sinhá.

IRACEMA (Com sinais de assombro) — Com Sinhá! Papai está louco?! Casar-me com Sinhá! (Desata a rir).

CLEMENTE — Ris? Pois o caso não é para rir, minha filha. é sério! Muito sério!

IRACEMA (Encarada em Clemente) — Não compreendo.

CLEMENTE — Como, não compreendes?

IRACEMA — Pois Sinhá não é mulher?

CLEMENTE (À parte) — Agora é que são elas!

IRACEMA (Insistindo) — Não é mulher?

CLEMENTE — Foi.

IRACEMA — Foi!!

CLEMENTE — Sim: foi, ou antes: passou por ser.

IRACEMA — Passou por ser... Cada vez entendo menos.

CLEMENTE (Purando-a para si) — Olha, senta-te aqui. (Sentam-se no sofá. Falando paulatinamente). Quando Sinhá nasceu já lhe havia morrido o pai, você sabe. A pobrezinha veio ao mundo de luto. Tanto que a ama de leite que lhe deram, era uma negra retinta. Pois bem, a comadre, vendo-se só, sem o amparo de um homem — porque você sabe; um homem é tudo em uma casa — pensou, e pensou muito bem, que o melhor meio de criar e educar o filho sob as suas vistas era fazê-lo passar por menina. E assim fez. Se ela lhe dissesse que era menino, ele havia de querer andar solto, em companhia doutros, fazendo travessuras pela rua, com risco de ser vítima de algum desastre. Menina, não: era em casa, juntinho dela, com as suas bonecas, a sua cestinha de costura, e etc. E assim cresceu Sinhá certa de que era menina, não só pela educação mimosa que lhe davam, como também pelos vestidos. Não achas que a comadre fez bem?

IRACEMA — Mas...

CLEMENTE — Bem. Com a idade, você compreende, começaram a aparecer certas manifestações como, por exemplo: o buço, o gosto pelo cigarro e etc... etc... etc...

IRACEMA — Mas, se D. Custódia sabia que Sinhá era homem, como consentiu o casamento dela com Bibi?

CLEMENTE — Como? Ora, como... (De repente). Por tua causa.

IRACEMA — Por minha causa?

CLEMENTE — Sim, por tua causa. Inteligente, como é, Sinhá tornou-se, desde cedo, muito notada nos salões, sem ser bonita, mas simpática, tocando bem piano, falando várias línguas, recitando em francês, dançando tango e essas danças americanas na perfeição, entendendo, como ninguém, desse jogo de bola, e possuindo alguma coisa de seu, nós — porque foi combinação minha com a comadre — para evitarmos que algum rapaz, impressionado pelos seus dotes, pedisse-a em casamento, tratamos de por uma pedra no caminho e essa pedra foi...

IRACEMA — Bibi.

CLEMENTE — Justo! Chegou, porém, o dia de revelar-nos o segredo e tudo esclarece-se. Está aí o homem que só hoje entrou no uso e gozo dos seus direitos.

IRACEMA — E foi o Dr. Patureba?...

CLEMENTE — O Dr. Patureba!...

IRACEMA — Sim, esse da casa de saúde? Pois Sinhá não foi lá?

CLEMENTE — Ah, sim... Foi o Dr. Patureba, grande médico. Um pouco de clorofórmio e... Pronto! Quando ela abriu os olhos, era ele... (*Outro tom*). E esse é o esposo que te destinamos, preparado com o maior carinho, como planta de estufa, exemplar único de marido, criado como uma donzela, como tu que és a própria pureza, alegria e o orgulho de teu velho pai! (*Beija-a na fronte*). E agora, que conheces o caso, responde: sim ou não?

IRACEMA — Papai, não sei.

CLEMENTE — Como não sabes?

IRACEMA — A gente para casar-se deve primeiro ouvir o coração.

CLEMENTE — Não queres bem a Sinhá?

IRACEMA — Muito! Mas a Sinhá, a minha amiga de infância? Daí, porém... A querê-la para marido, vai muito.

CLEMENTE — Não acho. A amizade está muito perto do amor: é só virar a esquina.

IRACEMA — Preciso ouvir o coração.

CLEMENTE — Mau conselheiro. Enfim... Ouve-o. Mas se breve, este caso deve ficar resolvido hoje. É urgente. (*Iracema baixa a cabeça, pensativa. Pensa. Medindo a sala a largas passadas, cabisbuixo, de mãos postas*). Uma quer treinar-se ou não sei que à inglesa, outra quer ouvir o coração num caso desses de: pão-pão, queijo-queijo.

IRACEMA (*De repente*) — E que diz Sinhá?

CLEMENTE — Sinhá quer o casamento imediatamente. Assim que virou homem, a primeira coisa que pediu foi a tua mão.

IRACEMA — E Bibi?

CLEMENTE — Ora... Bibi. Bibi era a pedra no caminho. Foi arredado. A passagem está livre.

IRACEMA (*Depois de uma pausa*) — Preciso ouvir o coração, papai.

CLEMENTE — Pois ouve-o à vontade. Se queres, eu saio, pode ser que o teu coração...

IRACEMA — Não. Fique. (*Languida*) Eu sou de uma sensibilidade, papai...

CLEMENTE — Eu sei. (*Consultando o relógio*). Mas, não te demores, porque tenho ainda umas voltas a dar na cidade, e faço questão de sair daqui com a tua resposta.

IRACEMA (*Indecisa*) — Não sei. (*Depois de um momento consigo mesma*) Perjura. (*A Clemente*). Sente-se aqui, papai. Sente-se e ouça-me. (*Sentam-se. Um momento, poeticamente*). Uma noite, era em maio, mês das flores. A lua...

CLEMENTE — Sim. Conheço isso. É bonito, não há dúvida. Mas eu tenho um negócio urgente lá em baixo. Vamos ao caso.

IRACEMA (*Ressentida*) — Oh! papai, então não queres ouvir?

CLEMENTE — Quero, quero. Mas sem a lua. E está claro, não achas? Que vem fazer a lua de maio, às duas horas da tarde, de uma quinta-feira de setembro?

IRACEMA — Papai não tem alma.

CLEMENTE — Parece-te. Queres que tenha alma quando tenho compromisso sério na cidade... (*Consulta o relógio*).

IRACEMA — Pois saiba, papai, que eu amo um homem, com todas as veras de minha alma. É o astro da minha vida. É a minha Estrela Polar.

CLEMENTE — Algum cometa?

IRACEMA — Seu Desidério.

CLEMENTE (*Num salto*) — O boticário?

IRACEMA — O boticário... Por que não dizes farmacêutico? É mais distinto.

CLEMENTE — Ora, menina... Palavra. Sempre pensei que tivesses mais gosto. Um gasnito daqueles, que tresanda a unguentos e cataplasmas a um quilômetro de distância. Francamente, Iracema...

IRACEMA — Ungentos e cataplasmas... E o senhor já o ouviu recitar o "Noivado do Sepulcro"?

CLEMENTE — Eu? Quero lá saber de casamento em cemitério! Casamento é entre vivos como você e Sinhá. Noivado do Sepulcro! Ora, não me faltava mais nada. (*Resoluto*). Deixe lá o Desidério com as suas purgas e xaropadas. Eu sei isto o que é. Além dos colonos, não vias outro homem lá em casa, senão o Desidério. E deu-se contigo o mesmo que aconteceu a Eva.

IRACEMA — Que Eva?

CLEMENTE — A nossa primeira mãe que se casou com Adão. Porque não havia outro homem no Paraíso. Não, minha filha, deixemo-nos de drogas. Entre um boticário da roça, como Desidério, e um rapaz da cidade como Sinhá, bem educado, conversável, com um belo futuro diante de si, não há que hesitar.

IRACEMA — E a minha palavra.

CLEMENTE — Ora a tua palavra... Palavras valem pelo peso, palavras levianas são como o fumo que o vento leva.

IRACEMA — E se ele morrer de amor?

CLEMENTE — Qual morrer! Tem muito remédio em casa, que se atanje. (*Concludente*) E se morrer, enterra-se, e reza-se-lhe uma missa pela alma. (*Outro tom*). Mas deixemos o Desidério. Sinhá é o marido que te convém. Demais já está tudo combinado.

IRACEMA (*Hesitante*) — Não sei. (*Um momento, timidamente*). Enfim, só vendo...

CLEMENTE — Como, vendo?

IRACEMA — De certo. Eu não posso comprometer o meu futuro sem mais nem menos. Não conheço Sinhá.

CLEMENTE — Não conheces Sinhá? Essa agora...

IRACEMA — Quero dizer, não conheço essa Sinhá... De cabelo cortado, conheço, a outra.

CLEMENTE — Pois é a mesma, mudou apenas de roupa.

IRACEMA — Só?

CLEMENTE — Só. Pois então? (*Outro tom*). Olha, minha filha, o segredo da felicidade conjugal, não é tão impenetrável como parece. Os noivos para lograrem-no, devem conhecer-se a fundo e, assim, evitam surpresas depois de casados: "Ah, por que você me enganou?" "Eu pensei que você era assim ou assado..." São as queixas que se ouvem freqüentemente, prenunciando discórdias domésticas. Com vocês não se dará isto. Vocês conhecem-se desde pequenas, criaram-se juntas. Não é verdade?

IRACEMA (*Mordendo o lenço*) — É... Mas eu tenho medo.

CLEMENTE — Medo! Medo de que? Então depois de tanto tempo, agora é que você tem medo?

IRACEMA (*Põe-se a caminhar pela sala pensativamente*) — Não sei.

CUSTÓDIA (*Entrando pela esquerda irritada*) — Olhem, que é preciso ter paciência de santo!

CLEMENTE — Que é, comadre?

CUSTÓDIA — Donária, há mais de meia hora que pedi o café e nada. Anda por aí, com certeza, atrás do bicho que deu. É um desespero. (*Andareja enfezada. Clemente aborda-a e fala-lhe em segredo, voltando-se radiante*) Como?

CLEMENTE (*Em voz baixa*) — Conte-lhe uma história e foi tiro e queda. Achei um boticário no caminho mas isto...

CUSTÓDIA — Um boticário? Fazendo o que?

CLEMENTE — Recitando o Noivado do Sepulcro.

CUSTÓDIA — Que agouro! E para que?

CLEMENTE — Para casar.

CUSTÓDIA — Estão vendo só! Feiticeira, não compadre?

CLEMENTE — Sei lá. Varti fora. E está tudo arranjado.

CUSTÓDIA — Posso então abraçá-la?

CLEMENTE — Pois não.

CUSTÓDIA (*Indo a Iracema*) — Dá cá um abraço, minha filha. (*Abraça-se com Iracema e beija-a*). Que Deus vos faça felizes. Não é à-toa que se diz que casamento e mortalha no céu se talha. Quem diria que vocês duas, brincando de comadre, com bonecas, ainda haviam de acabar marido e mulher! O que tem de ser, tem muita força, veja lá. (*A Clemente*). Assim, como assim, ela não sai da família. Era noiva de Bibi, (*A Iracema*) e casa com você. É a mesma coisa, não acha, compadre?

CLEMENTE — Sem tirar nem por.

(*Eufêmia entrando pela direita, vestindo "peignoir" branco e fumando a grandes baforadas. Assombro de todos*).

CLEMENTE (*Sarapantado*) — Hein! Virou outra vez?

CUSTÓDIA (*Ezultante*) — Minha filha! Minha Sinhá!

IRACEMA (*Desapontada*) — Ela! (*A Clemente*) E ele?

CLEMENTE — Sei lá. Essa criatura ora está pelo direito, ora pelo avesso. O diabo que entenda.

EUFÊMIA (*Olhando em volta surpresa*) — Que há? Que barafunda é esta? (*Compreendendo o motivo do alvoroço*). Ah, sim... (*Sacudindo o "peignoir"*) Que remédio! Ainda não estou prevenido. Bibi tem de ir à cidade e pediu-me a roupa e eu, à falta de outra, meti-me de novo nessa frandulagem em que andei tanto tempo amortalhado. O "Colombo", até agora nada. Decididamente preciso mudar de pelo.

CUSTÓDIA (*Enlevada*) — Ficas tão bem assim, minha filha. Eu acho até que não te deves vestir de outra maneira, em casa pelo menos. Na rua, enfim... Vá lá... Mas aqui...

EUFÊMIA — Não, mamãe. O passado, passado. Não quero guardar lembrança do tempo terrível que vivi no outro sexo. Homo sum!

CLEMENTE — De acordo. Posições definidas. É preciso firmar-se em um sexo, mas de uma vez. Saias de manhã, calças à noite, isso não! Não serve. A gente precisa saber com quem vive. (*Outro tom*) Bem, agora outra coisa. (*Baixo*) Está tudo arranjado.

EUFÊMIA — Tudo!? Tudo o que?

CLEMENTE — O teu casamento com Iracema.

EUFÊMIA — Meu casamento?! Mas isso assim, de pé pra mão, não é possível, padrinho. Eu preciso de um ano, pelo menos. Se ainda nem roupa tenho. Então é só casar? Estou chegando do outro sexo, ainda em traje de viagem, e já me querem complicar a vida. Não, padrinho, tenha paciência. Embrulho comigo, não.

CLEMENTE — Embrulho... Então você...?

EUFÊMIA — Ora, ouça-me: que diria o senhor de um lente que exigisse de um aluno de geografia, que prestasse exame... Digamos: de álgebra, sem uma só lição? Diria com certeza que era um idiota, não?

CLEMENTE — Um asno. Duas matérias tão diferentes.

EUFÊMIA — Pois o meu caso é... Análogo ao que figurei. Eu sou o aluno e o senhor é o lente. (*Desabafando*) Eu não sei patavina da matéria. Só hoje adquiri o compêndio, e o senhor exige que eu preste exame a muque. Não, padrinho, figura triste não faço. Isso nunca!

BIBI (*Entra pela esquerda vestindo o costume com que aparece no I ato e dirige-se a Clemente*) — Papai, quer alguma coisa da cidade?

CLEMENTE — Eu? Nada. Ah, espera... Os jornais da tarde.

EUFÊMIA — Traz-me dois maços de cigarros, turco-goiano médios. (*Bibi vai ao fundo onde as senhoras estão*).

CLEMENTE (*A Eufêmia*) — Pois bem, dou-te um ano de prazo, a contar de hoje. Para um rapaz inteligente como você, acho que chega e sobra.

EUFÊMIA — Não perdendo tempo, estudando dia e noite, talvez.

CLEMENTE — Sim... Mas cuidadinho, nada de exageros. Olho vivo nos livros e cautela com os cursos. Há por aí alguns que são verdadeiros abismos.

EUFÊMIA — Bibi deve ter prática dessas coisas.

CLEMENTE — Bibi...? Tem tanta prática que resolveu tomar lições particulares. (*Outro tom*) Pois é isto. Tens um ano a partir de hoje... E sem prorrogação.

EUFÊMIA — E se forem muitas as matérias?

CLEMENTE — Nada de muitas matérias. Não faço questão de diploma. Estuda bem os preparatórios e deixa o mais. Está dito!

EUFÊMIA — Está dito.

CLEMENTE — De hoje a um ano?

EUFÊMIA — Se Deus não mandar o contrário.

CLEMENTE (*Desconfiado*) — Se Deus não mandar o contrário... (*Resoluto*) Se Deus mandar o contrário, casar com Bibi. Ah, isso... (*Dirige-se para o fundo*).

EUFÊMIA — Não há como escapar. Preso por ter cão e preso por não ter. (*Dando de ombros*) Enfim...

CLEMENTE — Comadre, meus filhos... (*Custódia, Bibi e a Iracema descem formando grupo com Clemente. Com solenidade*). Acabo de ajustar as bodas para daqui a um ano. Combinamos o seguinte. Se as coisas se mantiverem no pé em que estão, Sinhá casará com Iracema. Se houver modificação...

CUSTÓDIA — Não, compadre... Credo! Nem é bom pensar nisso.

CLEMENTE — Estou formulando a hipótese. Com sua filha tudo é possível.

BIBI — Souvent femme varie.

CLEMENTE — Nesse caso, casará com Bibi. Seja como for, por faz ou por nefas, de hoje a um ano, far-se-á o casamento. (*A Iracema*) Contigo ou... (*A Bibi*) contigo, conforme. (*Solene*) E agora, que são noivos, abraçam-se.

(*Eufêmia, que se acha entre Bibi e Iracema, é abraçada por ambos*).

CUSTÓDIA (*Enlevada*) — Assim, é que eu os queria ver.

(Eufêmia e Iracema conversam animadamente à direita vindo. Bibi passia encasmurrado, fumando).

CLEMENTE — Espereinos, comadre. Quem sabe lá o que o destino nos reserva.

CUSTÓDIA — Ainda!?

CLEMENTE — Por que não! O mundo dá tantas voltas, enfim... Eles aí estão prontos para o que der e vier. E que Deus os abenço.

(Donária entra pela direita com um serviço de café e biscoitos. Bibi é o único que recusa. Continuando no passio amazorrado. Clemente senta-se à mesa, chamando a si um prato de biscoitos).

IRACEMA *(A Eufêmia)* — Lembro-me, como não! Era uma história que nos contava a Andreza. Mas Patinho Torto, você?... *(Ri).*

(Eufêmia diz-lhe um segredo malicioso, ela encara-a, baiza os olhos disfarçando o vexame).

CUSTÓDIA *(Recebendo de Donária uma xícara de café pergunta-lhe baixinho)* — Que bieho deu?

DÓNÁRIA *(De trombas)* — Vosmecê ainda pergunta... Que bieho havia de ser! Foi o galo!

P A N O

FIM

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90024-025

Este livro foi transerito da publicação
Revista de Teatro n° 341,
Setembro/Outubro de 1964, da SBAT.

VISTO N.º 153.566

PORTO ALEGRE, 25 / 01 / 68
O PAZINHO TORTO
(Ou os mistérios do sexo)

ACTO PRIMEIRO, SALA BURGUESA. MOBILIÁRIO ANTIGO. MESA AO CENTRO COBERTA POR UM PAÑO DE CROCHÊT, SOBRE A QUAL ACUMULAM-SE REVISTAS, BROCHURAS, CARTÕES POSTAIS. PORTA A ESQUERDA DANDO PARA UM CORREDOR EM DIAGONAL, EM CUJA PAREDE HÁ UM APARELHO TELEFÔNICO. PORTAS AO FUNDO E À DIREITA. JANELA À ESQUERDA, BAIXA.

CENA PRIMEIRA

CLEMENTE, BIBI, CUSTODIA, depois DONARIA. Custódia está sentada no sofá, à esquerda; Clemente na cadeira de braços, ao lado. Bibi, sentado junto à mesa do centro, folheia distraidamente as revistas.

CUSTODIA - Sim, a natureza mexe com a gente, não digo o contrário. Também eu passei por isso, mas assim como Eufemia... Deus me livra! Eu tinha os meus burros, ficava embobada...

CLEMENTE - (SORRINDO) Era bicho pra burro, como agora se diz, hein, comadre?

CUSTODIA - (SEM COMPREENDER) Bicho? Como bicho?

CLEMENTE - Burros, bezerros...

CUSTODIA - (DANDO DE OMBROS) Ora, comadre... Trate sério. Então o senhor não sabe que isto é um modo de falar? Ficava jurado, metida num canto, com um nó na garganta, uma vontade doída de chorar. Mas Eufemia!... Nossa Senhora! Parece que comeu fogo! Olhe, ela está lá dentro com Inocência. Vá vê-la.

CLEMENTE - Temperamento, comadre. Cada um, nesta vida, tira a sina e os nervos que Deus lhe deu. A minha defunta, por exemplo... lembra-se? Era uma pouca mais fel, mas fosse alguém comer pão torrado perto dela. Ficava uma fexa! Nervos.

BIBI - (CANTAROLANDO BAIXINHO) A Bahia é terra boa
Ela lá e eu aqui... (CONTINUA ASSORTANDO)...

DONARIA - (APARECENDO AO FUNDO COM UM SAMBURÁ DE COMPRAS NO BRAÇO) Minh'ana...

CUSTODIA - Que é? ~~MINH'ANA~~

DONARIA - Subiu sim, senhora.

CUSTODIA - Quem?

DONARIA - O açúcar subiu um tostão.

CUSTODIA - Um tostão! Isso é um desastre! (A CLEMENTE PREHESTICA) Mas que há de ser de nós, comadre?

CLEMENTE - (INDIFERENTE) Há de ser o que Deus quiser. Está subindo tudo.

BIBI - (PEDANTE) É a vertigem das alturas.

CLEMENTE - Nós, comadre, somos do tempo das águas térmicas, do feijão com carne seca, do bacalhau na quaresma, das procissões, das fogueiras, das pastorinhas; do tempo que o pão cheirava e com um de dois vinténs o padre fazia o seu almoço. Hoje em dia com essa história de aviação...

BIBI - (CORRIGINDO) Aviação, papai.

CLEMENTE - (REPORTANDO) Então eu não sei se que aviação?

CUSTODIA - É a mania de emendar a gente.

CLEMENTE - Mas como eu dizia hoje, com esta história de voar, anda tudo pelos ares.

CUSTODIA - Pelos ares... Pelos ares vai isto, não; hoje, mais amanhã, e amanhã há de vir.

CLEMENTE - Qual, comadre! Não temo gente. Falta-nos um cacheco. Sem burros, não está

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS



CLEMENTE - Qual, comadre: n'ao temos gente. Falta-nos uma cabeça. Nem braços, nem cabeças: só temos pernas: os homens, para trocá-las na avulso, bolinas nos cinemas; as mulheres para mostrarem-nas. Porque uma das coisas que mais têm subido com a crise é o vestido.

CUSTODIA - Menos o meu.

CLEMENTE - É. A comadre mant'em os princípios: Galda e anguinhas.

CUSTODIA - Anguinhas? Eu? Nunca precisei disso, com a graça de Deus. Quanto à calça usa e hei de usar até a morte porque é decente. Uma senhora de calça está sempre composta.

CLEMENTE - Depois... A calça é natural: para casaca de rabo, vestido de calça. Uma coisa diz com a outra. Amanhã, com essa história da paralisia, certam e va be à casaca a mudam-na em jaqueta.

CUSTODIA - (INGENUA) Já certaram, comadre. Agora a casaca é um casibéque que se chama não sei como, uma coisa assim a modo de esparto...

BIKI - (CORRIGINDO) Smoking.

CUSTODIA - (APORRECIDA) Já vem voc'ê, Bibi.

CLEMENTE - Ah! sim... isso é um filho de casaca. Nasceu seu rabo porque, a comadre sabe: tudo se aperfeiçoa na vida.

BIKI - Nós nemoga se n'ao fôsse a seleção natural, ainda teríamos rabo de macaco, como Adão.

CUSTODIA - (COM UM MONO) Ora, Bibi... Tire o seu cavalo da chuva. Quer você dizer que nós...?

BIKI - Não sou eu quem diz, é Darwin.

CUSTODIA - Pois Darwin que n'ao seja tolo. Filho de macaco é ele!

CLEMENTE - O rapaz sabe, comadre.

CUSTODIA - Sabe nada! Fidúcias...

DOMARIA - Minh'ama, olhe que eu estou aqui lhe esperando.

CUSTODIA - O que?

DOMARIA - O aquear.

CUSTODIA - Pois vai buscar o aquear. Que se há de fazer? Dá, dá o testão a esse gatuno. Há de lhe ficar atravessado na garganta. Deus é grande! (DOMARIA ENTRA À ESQUERDA FURDO) Eu já n'ao sei mais que hei de fazer. Uma coisa de aipim, uma coisa de custava um testão...

CLEMENTE - ~~Á~~ A três vinténs comprei eu muitas na praia do peixe, no largo da Sé...

CUSTODIA - Pois hoje, por menos de um cruzado o senhor n'ao tira uma assinsinha.

ACTA SEGUNDA

CLEMENTE - (ACENDERDO UM CIGARRO) Esta guerra... esta guerra! Nem sei! Enfim... (PAUSA) Ent'ao Sinhá esta noite?...

CUSTODIA - (APALHANDO-O) Ih, comadre!... não a abama de Sinh'a.

CLEMENTE - Por que?

CUSTODIA - Não quer. Diz que tom nome. (CLEMENTE ESCOLHE OS CIGARROS) Esta noite parecia que vinha o mundo abaixo. Eu até tive pena de Iracema, coitada! A pobre de minha filha não pregou o olho, nem deixou ninguém dormir - era de um lado para outro, falando, atirando coisas. Um desespero! (SUSPIRANDO) Ah! comadre, a falta que me está fazendo o falecido. Aquilo, sim! aquilo é que era

IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS



dre, a falta que me está fazendo o falecido. Aquilo, sim! aquilo é que era um homem! Se ela vivesse outro galo nos cantaria. O senhor não imagina o que eu tenho sofrido! E com essa história de Dafnia então é um horror, (CHAMADA AO TELEFONICO) Bibi, tem paciência, meu filho, vai ver quem é. (BIBI VAI ATENDER, CONTINUANDO A SCENA ENTRE OS DOIS ENQUANTO ELLE PÁLA INTERCORRADAMENTE)

- BIBI - (AO TELEFONICO) Alô... Sim, senhora. Sim, senhora... Bibi... Eu mesmo... às quatro? Sim, senhora. Cíusé! Eu? não, senhora. Se puder. Sim, senhora. Até logo... Obrigado.
- CUSTODIA - Olhe, compadre, eu não acredito em coisa feita, mas às vezes... n'ao sei... Pois uma menina que era um anjo, virar assim a cabeça sem quê, sem porque... .
- CLEMENTE - Isso passa, comadre.
- CUSTODIA - Passa... passa. E as meninas, compadre! É cada experimento que eu até tenho vergonha de contar. (BIBI DESLIGA O TELEFONICO E VOIÇA A SERVIR-SE, INTERROGANDO-O) Quem é?
- BIBI - Clotilde. (CUSTODIA FAZ UM NOÇO) Está convidando Eufemia para o training logo mais, no Fluminense.
- CUSTODIA - (ABORRECIDA) É isso. São esses trens que lhe estão virando a cabeça. Tanto se meteu com a bola que a dela é o que se vê. Trens...! As bolas das moças do meu tempo eram as novelas de lá... hoje!
- CLEMENTE - É o progresso.
- CUSTODIA - Que progresso, compadre! Progresso é uma moça saber tomar conta da casa, servir uma mãe, pregar um botão, tapetar uma parede.
- BIBI - Ora, D. Custodia...
- CUSTODIA - Ora... o quê? Quando precisares de quem te pregar um botão nas cercalhas há de dizer-me se a bola vale mais do que a agulha. (ABORRECIDA) É Fluminense, Fluminense. Eu ainda mudo-me daqui por causa dessa história de Fluminense.
- BIBI - Ela é torcedora.
- CUSTODIA - Torcedora... Torcida sou eu, sabe você? Eu é que me torço aqui com ela. É por essas e por outras que o mundo está assim virado. Mulher é mulher! Deixa as bolas com os homens, cuida do que lhe compete.
- BIBI - Então a senhora n'ao quer o aperfeiçoamento da rapa? (COM ESPASSE) Na Espanha de Iyburgo as moças exercitavam-se nos ginásios mas em companhia dos rapazes.
- CUSTODIA - (RELHENDO OS DENTES) Ah! em lá com um bom chicotê!...
- BIBI - Veja a americana.
- CUSTODIA - Que tem a americana?
- BIBI - É mulher para tudo.
- CUSTODIA - Pois sim... Eu não sou americana, mas não abogei a mais pintada. De que serve saber jogar peteca com um pé de barbaente e não entender de um refogado? Você come peteca? Como? não. Pois é... Eu hei de ver. Olhe, minha mãe, era uma dona de casa que fazia gosto e não falava francês, não batia na em piano e nunca se importou com bolas. Eu fui criada no mesmo regime. Agora é o que se vê. Olhe Eufemia... Está aí com os nervos que nem sei.



- CLYMENTE - Mas afinal... que disse o Dr. Camacho?
- CUSTODIA - Ora o Dr. Camacho... 'e outro. Acha que ela deve fazer o tal esportesunday e pé, correr, jogar peteca, fazer ginástica. E sempre a mesma lenga-lengas que isso 'e da idade, que o casamento a põe boa. Como se casamento fosse coisa de botica, como magnésia.
- CLEMENTE - Elas, às véses, dão em droga, mas só depois da lua de mel.
- CUSTODIA - (À RIR) A propósito: Você vai ou não vai buscar o DR.?
- RIRI - Às onze horas.
- CLEMENTE - Pois então? São dez e meia.
- RIRI - É aqui ao lado.
- CLEMENTE - Mas vai. (RIRI LEVANTA-SE E SAI PELO FUNDO)

CENA TERCEIRA

- CUSTODIA - (DEPOIS DE UM MOMENTO) Ó compadre, com franqueza: O senhor não acha Riri um pouco frio?
- CLEMENTE - Frio? Quem? Riri? Ora, comadre... Não fosse ele meu filho... Riri é um forno! Brisa é Eufemia. (SARAMUNHANDO) Não tem alien. O rapaz chega-se para dizer-lhe uma amabilidade e ela responde-lhe com um murro. Por maior que seja o amor de um homem, comadre, tenha paciência...
- CUSTODIA - (INTERROGATIVA) Mas?...
- CLEMENTE - Ora! Cada um...!
- CUSTODIA - Olhe, compadre, se ela o esmurra é porque ele...
- CLEMENTE - Qual nada! É porque ela está sempre abaixo de zero. Mas parece uma menina de hoje. Afinal um noivo, cá se não entender, tem direito de fazer festas à sua noiva. Ou bem que se é eu bem que se não é. Até é bom, para se iram habituando. (GRAVEMENTE) Eu também fui noivo, comadre.
- CUSTODIA - Também eu. Nas festas de noivo... homi começa em brinqueado e quando a gente menos espera, é aquela desgraça. (VOZES À DIREITA. PRESTANDO ATENÇÃO). Olhe, parece que é ela. Sonda-a. Mas cuidado com a língua, compadre. O senhor, às vezes, solta cada uma de arrearçar os cabelos. Eu sei que não 'e por mal, mas Eufemia é um lírio.
- CLEMENTE - Pelos modos o comadre acha que eu sou imoral?
- CUSTODIA - Imoral, não digo; distraído. Precisa ter mais cuidado. Eufemia (não é por ser minha filha) está hoje ainda t~no para como quando nasceu. É uma sensitiva.
- CLEMENTE - Pois olhe, comadre, a gente, lá na roça, chama a sensitiva malícia de mulher. E o povo é sábio, tem experiência velha. O que o povo diz Deus acina. (SOU UM RELÓGIO)
- CUSTODIA - (PRESTANDO ATENÇÃO À ESQUERDA) Ih! Onze horas. Com licença. Vou vestir uma mantinha decente para receber o médico. Até já. Olhe, não leve a mal as minhas palavras, compadre; Sonda-a, veja se descobre alguma coisa, mas com cuidado.
- CLEMENTE - Vá descomada.
- CUSTODIA - Até já. (ENTRA À ESQUERDA)

CENA QUARTA



- CLEMENTE - (LEVANTANDO-SE FIEGENTICAMENTE) Sãa senhor...! E chama-se assim um homem de sua vergonha cara a cara. (PUE-SE A POLIHEAR UMA REVISTA, EUFEMIA APARECE À PORTA DA DIREITA FUMANDO, TRAZ NO QUEIXO UMA CRUZETA DE PONTOS FAZCOS. AO VER CLEMENTE APTIRA O CIGARRO NO CHÃO. CLEMENTE APAREHA-O, LANÇA-O PELA JANELA E DIZ PACHOTUENTO) Mãis prudência, menina. Com fogo não se brinca. (ENCARANDO-A) Estás com dor de dentes?
- EUFEMIA - Não? Não. Por que?
- CLEMENTE - Fumando. Eu só admito que uma mulher fume quando está com dor de dentes.
- EUFEMIA - Preconceitos, (VIVAMENTE, COM ARROGANCIA) Porque não pode a mulher fumar? Por que?
- CLEMENTE - Porque? ... Ora essa!... Porque não é natural nem decente. Eva nãa fumava.
- EUFEMIA - Nem Adão.
- CLEMENTE - (PERLONGANDO A SÁLA) Isso é que eu não sei.
- EUFEMIA - Sei-e eu, porque o fumo, originário da América, só apareceu na Europa em mil quinhentos e quã. Foi o século XVI que coendex o primeiro cigarro no facho da Civilização.
- CLEMENTE - Ah! sim? pois deixemos o século fumar à vontade e vamos ao que nos interessa. Que é isso no queixo? Se é espinha, cuidado!
- EUFEMIA - (NATURAMENTE) Não, é um talho à tãa: cortei-as com a navalha.
- CLEMENTE - (ESPANTADO) Com a navalha? Navalha no queixo?... tal?
- EUFEMIA - Pois então, pedrinho? Que há nisto de extraordinário?
- CLEMENTE - Mãe... (DE REPENTE) O Sinhô... (EUFEMIA APALHA-O COM UM GOSTO. ENTURANDO-SE) Ah! sim... tens nome; Eufemia. (OUTRO TOM) Mãe Eufemia, que diabo tens tu, hoim?
- EUFEMIA - Que tenho? tédio, tudo me aborreco e irrita. Sinto que uma força reage em minha alma impelindo-me a sair de mim mesma.
- CLEMENTE - A sair de ti mesma? por onde? para onde?
- EUFEMIA - (COM ENTUSIASMO) Para a vida! para a luta! para a independência! para a liberdade!
- CLEMENTE - Deixa-te de malaguices, menina. Não queiras contrariar a natureza. Dura coiza não são para a tua sexo.
- EUFEMIA - (COM UM TOMO DE DEPREZO) Sexo... Sempre a palavra ridícula.
- CLEMENTE - Palavra ridícula?
- EUFEMIA - Sim, pedrinho. (CROZANDO OS BRAÇOS, EM ATTITUDE DE DELAPIO) Que se, que?
- CLEMENTE - (APARANTADO) Sexo? Ora! que pergunta! Sei lá! Sexo é um mistério. (OUTRO TOM) Olha, menina, nessas coisas o melhor é não falar, estás cavindo? Não tenho estudos nem sou homem de andar por aí entendendo o maris no que nãa entendo. De mais a mais, são tantas as opiniões... Sei lá!
- EUFEMIA - Pois se não sabe vi a um dicionário.
- CLEMENTE - Não me faltava mais nada senão andar procurando sexos no dicionário. (À PARTE) E é isto a sensitiva. Está fresca, pois não?
- EUFEMIA - (COM DECISÃO) Oupa-me, pedrinho. (SENTA-SE CROZANDO A PERNA) Eu devo casar-me com Bibi, não é verdade?
- CLEMENTE - (OBSERVANDO-LHE OS RODOS) Felo menos é o que está assentado de pedra e cal.
- EUFEMIA - Est'á assentado, mas tem de levantar-se. Tal casamento seria um desastre.
- CLEMENTE - Desastre? Como?



- CLEMENTE - Desastre! Como?
- EUFEMIA - Porque Bibi espera de mim o que eu nunca lhe poderei dar.
- CLEMENTE - Não o amas?
- EUFEMIA - Amor... O meu amor é feito de energia; amor forte, heróico.
- CLEMENTE - É o que serve.
- EUFEMIA - ... com impulsão para lutas, para conquistas!
- CLEMENTE - (ESCAMBALIZADO) Conquistas!...
- EUFEMIA - Sim, conquistas. O meu sonho é partir para a guerra, alistar-me...
- CLEMENTE - Na Cruz Vermelha?
- EUFEMIA - Qual Cruz Vermelha! Na aviação. (COM HEROISMO) Voar sobre o inimigo! Matar-ná-lo das nuvens com toneladas de explosivos; combater no espaço como as águias. O ar! O éter! Gloria in excelsis!
- CLEMENTE - (À PARTE) Está varrida de uma vez.
- EUFEMIA - (SACUDINDO O VESTIDO COM DESPREZO) Quando me vejo nesta técnica de Messias, com estes papatinhos de salto alto, caída de pó de arroz, eu, que só admito a pólvora, tenho medo de enlouquecer. Estou como Prometeu amarrado no Cáucaso. É horrível! (DE REPENTE) Dê-me a sua mão. (CLEMENTE MAL LHE ESTREDE A MÃO, QUE ELA APERREA, AGACHA-SE, ENCOLHE-SE GEMENDO)
- EUFEMIA - (SACUDINDO A MÃO E SOPRANDO-A) Pulso, dein? (COM ORGULHO)
- CLEMENTE - Pulso de homem!
- EUFEMIA - E o senhor ainda não viu o melhor.

Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

CENA V

- IRACEMA - (APARECENDO À PORTA DA DIREITA, DE BRANCO, CABELOS SOLTOS, COM UM LÍRIO NA MÃO, ROMANTICA) Papai...
- CLEMENTE - Óra muito bom dia. (BEIJA-A NA FROTE)
- IRACEMA - (LANGUIDA) Beija-me de leve. Eu sou como um fio de fumo que a mais leve respiração dissolve.
- EUFEMIA - Deixa-te de fumaças...! (A CLEMENTE) Quer uma prova oral do que lhe acabo de dizer? (A IRACEMA) Repete aquela quadra de Casimiro de Abreu que recitaste há pouco.
- IRACEMA - Tem muito sentimento, não? (ATITUDE POÉTICA, OLHOS EM ALTO, VOZ LANGUIDA)
 Oh! não me chames coisa de pó!
 Mas vê: trai-me no fatal segredo.
 Se de ti fujo é que te adoro e muito,
 És bela; eu nego; tens amor; eu medo!...
- EUFEMIA - Agora ení (MÁSCULA, VOZ TROVANTE, GESTOS LARGOS) Oh! não me chames, etc. (PLAYRANDO-SE DIANTE DE CLEMENTE EM ATITUDE ARROGANTE) Ent'ão?
- CLEMENTE - Ent'ão, o quê? É a mesma coisa.
- EUFEMIA - Sim, os versos são os mesmos, mas a voz...
- CLEMENTE - A tua é mais cheia; isto é, mais grossa... talvez do fumo.
- EUFEMIA - Qual fumo! É que eu tenho voz de barítono.
- CLEMENTE - Não digas isto que é feio. Barítono é voz de homem.
- EUFEMIA - Pois é a minha voz.



CENA VI

- DOMARIA -- (AO FUNDO) Seu almoço está na mesa, seu Clemente. (RESPIRA-JE)
IRACEMA -- Papai já vai almoçar?
CLEMENTE -- (CARINHOSO) Sim, filhota. Tenho um negócio no meio-dia em ponte. (A EUFEMIA) Mandá chamar-me logo que chegar o médico. (SAI PELO FUNDO ESQUERDA)

CENA VII

- IRACEMA -- Que tens? Tu não és a mesma, Eufemia. Há nuvens denses em tua alma.
EUFEMIA -- O que há em minh'alma 'e uma vontade danada de fazer um escândalo!
IRACEMA -- (REPRESENTIVA) Que coisas, Eufemia!
EUFEMIA -- Já viste uma garrafa de champagne quando a rolha começa a subir e os gases lá dentro, a borbulhar, a ferver até que, de repente, pum! Pois assim estou eu.
IRACEMA -- Como uma garrafa?
EUFEMIA -- Como uma garrafa de champagne.
IRACEMA -- Est'as brincando. (MEIGA) Não, querida, tu andas a ocultar-me alguma coisa. Eu bem vejo que sofres. Abre-te comigo. Despeja as tuas mágoas no meu seio.
EUFEMIA -- As minhas mágoas, Iracema... Se eu as despejasse ia tudo raso.
IRACEMA -- Tens o sono muito agitado. Ainda esta noite... até tive medo.
EUFEMIA -- Medo? Medo de que?
IRACEMA -- Não sei. Enfim... pode ser que tenha sido pesadelo. (OUTRO TOM) Mas porque me escondes o teu segredo? Não confias em mim?
EUFEMIA -- O meu segredo... (TRÁGICA) O meu segredo 'e horrível, Iracema! Se eu t'o dissesse cairias fulminada como por um raio.
IRACEMA -- Credo! (INGENUAMENTE) É assim grande?
EUFEMIA -- É enorme!
IRACEMA -- Entretanto nunca me pareceu que tivesses naíma uma coisa assim.
EUFEMIA -- (VOZ CAVA) Não é naíma. (OUTRO TOM) E como havias tu de o descobrir se eu só agora é que dei por ele? (NEUVOSA) Eu n'ao me suicido, Iracema, queres saber por que? porque tenho medo de morrer. (DE REPENTE) Se houvessem escrito duas cartas, uma para um homem, outra para uma mulher e, distraidamente, trocasses os envelopes, não seria um horror?
IRACEMA -- (INGENUAMENTE) Conforme.
EUFEMIA -- Pois foi o que se deu comigo. (SACUDINDO O VESTIDO) Este envelope n'ao é o meu.
IRACEMA -- (SEM COMPREENDER) Que envelope?
EUFEMIA -- (SACUDINDO FURIOSAMENTE O VESTIDO) Isto!
IRACEMA -- (ABAIXANDO-LHE AS SAIAS) Não te desacompanhas assim, Sinhá! Que modos feios!
EUFEMIA -- (DENUNCIADA) Qual desacompando, qual nada!
IRACEMA -- Tu n'ao estás direita, não. É bom mesmo que o médico te examine.

CENA VIII

- DOMARIA -- (APARECENDO AO FUNDO, AZAFAMADA) O cheira-cheira está aí, gente. (AS DUAS OLHAM-SE ESPANTADAS, EXPLICANDO) O Dr. da Casa de Saúde está do lado. (LABOR RECIDA) Oh! vocês também...



- IRACEMA -- Ah! espera... É esse que anda sempre de sobretudo e galochas?
- DOVARIA -- Pois ent'ão? Está aí com meu Bibi. Vou avisar minh'ama. (ENTRA À ESQUERDA CORTEADO)
- IRACEMA -- (NOTANDO O DESALINHADO DE EUFEMIA) Arranja êsses cabelos ao menos. Parece uma fúria! (PÔE-SE A ARRANJAR-LHE OS CABELOS)(CURIOSA) Mas que hist'oria 'é essa de cartas, de envelopes?... Alguem escreveu-te?
- EUFEMIA -- Não.
- IRACEMA -- Ent'ão?
- EUFEMIA -- (LIMPANDO AS MÃOS AOS OMBROS DE IRACEMA, D'OLHOS CRAVADOS NELA, COMO A HIPNOTIZÁ-LA) Olha bem para mim. Bem! Sabes quem sou?
- IRACEMA -- Ora está! Que coisa! se sei quem és... Ent'ão não hei de saber?
- EUFEMIA -- Não sabes. (VOZ SOTURNA) Tu sou um grande desgraçado, Iracema!
- IRACEMA -- Um grande que?
- EUFEMIA -- Desgraçado!
- IRACEMA -- Ainda se dissessest: desgraçado...
- EUFEMIA -- Não! eu digo o que é, e que sou desgraçado!
- IRACEMA -- Com "o"?
- EUFEMIA -- Com "e"!
- IRACEMA -- Oh! (OLHANDO-A COMO MAGNIFICADA) Mas ent'ão 'é um milagre!
- EUFEMIA -- Qual milagre! Um horror é que é!
- IRACEMA -- (EM SOLILOQUIO) Com"o?... Mas ent'ão... (DE OLHOS APAHORADAMENTE FITOS EM EUFEMIA, VAI-SE-LHE A BOCA ENGANCULANDO, MASCARA-SE-LHE A FISIONOMIA DE HORROR E, COM OS BRAÇOS DURAMENTE ESTENDIDOS, COMO NA REPULSA DE UMA VISÃO, VAI RECUANDO, RECUANDO, ATÉ A PORMA DA DIREITA E, DEPOIS DE NELA HAVER DESAPARECIDO, SOLTA UM GRITO ESTUIDEPE)
- EUFEMIA -- (BAIXA A CAREÇA E NENHA-A DESOLADAMENTE, DIZENDO EM TOM SORRILHO) O mal secreto, de Raymundo Correia. Ah! postas... postas!

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

CENA IX

- BIBI -- (AO FUNDO) Entre, Dr. (O DR. PATUREBA APARECE AO FUNDO, MUITO MIOPE, DE SOBRETUDO E GALOCHAS, APALPANDO O TERRENO COM O GUARDA-CHUVA. BIBI TOMA-LHE O CHAPÉU E O GUARDA-CHUVA E APRESENTA-O A EUFEMIA) O Dr. Patureba da Casa de Saúde aqui ao lado. Senhorita Eufemia Arrobas. (O DR. APERTEA POR ENGAHO A MÃO DE BIBI) Não, Dr. (TOMANDO A MÃO DE EUFEMIA COLOCANDO-A NA DO DR.) A mão dela é esta, a minha.
- DR. -- Dela... sua? como?
- BIBI -- Digo minha porque me foi dada: somos noivos.
- DR. -- Ah! compreendo: é uma mão comum de dois. Compreendo... (ACAVALA DOIS PARES DE ÓCULOS NO NARIZ E EXPERIMENTA A VISTA. NÃO SATISFEITO ACRESCENTA UM PINCE-NEZ) Muito bem. (SENTANDO-SE) A docente é a senhorita, n'ão? Ora vamos lá. Com licença. Eu vejo pouco, só de muito perto. (CHEGA-SE MUITO A EUFEMIA E TOMA-LHE O PULSO) Pulso um pouco agitado. Mas isto em noivos é natural. Deixe ver a língua.
- EUFEMIA -- Para que, Dr.?



- DR. - Como para que? A língua está para o corpo, minha menina, como uma vitrina para uma casa de negócios: é um mostrador, compreende? O exame da língua põe o médico ao corrente do que h'a por dentro. (EUFEMIA MOSTRA-LHE A LINGUA) Assim. Um pouco de saburra. Se a menina fôsse homem eu diria que fumava de mais. Vamos adiante.
- EUFEMIA - (LEVANTANDO-SE, VIVAMENTE) Dr., o meu caso não é dos que se estudam na língua, não é... como disse, coisa de que se expõe amostra na vitrina.
- DR. - Por que?
- EUFEMIA - Porque... ninguém expõe contrabandos.
- DR. - Contrabandos!... Como contrabandos?
- EUFEMIA - Eu explico, mas só ao senhor.
- BIBI - Fazes cerimônia comigo, teu noivo?...
- EUFEMIA - Não é cerimônia, Bibi, é...
- CUSTODIA

CENA X

- CUSTODIA - (ENTRANDO PELA ESQUERDA APRESSADA) Desculpe-me, Dr. Eu estava lá dentro dando umas ordens. Sua senhora bem? Os meninos?...
- DR. - Todos bem, obrigado.
- CUSTODIA - Entã? Já a examinou, Dr.?
- DR. - Ia examiná-la agora, mas... pelos modos... acho-a muito escrupulosa.
- EUFEMIA - Sim, preciso ficar a sós com o Dr.
- CLEMENTE - (METRA PELO FUNDO COM O GUARDANAPO AO PESCOÇO, VENDO O MÉDICO DETEM-SE. TIRA O GUARDANAPO E, CHAMANDO BIBI À PARTE, PERGUNTA-LHE BAIXINHO) Que houve aqui com Iracema? Foi encontrá-la na varanda banhada em lágrimas. (CUSTODIA E EUFEMIA DISCUTEM NERVOSAMENTE)
- BIBI - Não sei.
- DR. - O Sr. é o pai?
- CLEMENTE - Não, Dr, padrinho apenas.
- BIBI - É verdade, não os apresentei. (APRESENTANDO) Coronel Clemente Lameira, meu pai. Dr. Patureba.
- DR. - Felismino Patureba, especialista de moléstias das senhoras, para o servir.
- CLEMENTE - Muito obrigado, Dr.
- CUSTODIA - Mas então, Dr... Como há de ser? ela insiste em ir só.
- DR. - No estado em que ela está é bom não contrariá-la. Somos vizinhos, a Casa de Saúde é aqui, a dois passos. É sair de uma porta e entrar em outra. Que tem isso? Ela vai comigo. Até l'a em casa é melhor porque temos tudo à mão.
- CUSTODIA - Mas então eu hei de deixar minha filha só, com um homem?
- DR. - (FOMALIZADO) Tu não sou homem, minha senhora.
- CUSTODIA - O senhor?!
- CLEMENTE - (À PARTE) Essa agora!...
- DR. - Eu sou médico, e o verdadeiro médico não tem sexo: é neutro.
- BIBI - Lá isso...
- EUFEMIA - (DESCIDIDA) Vou só. Só eu então (AO DR.) Vou pôr o chapéu. Com licença. (ENTRA À DIREITA)



CENA XI

- CUSTODIA - Mas... (TROCA OLHARES COM CLEMENTE) N'ao sei... mas acho isto assim n'ao sei como. Que eu não vá, enfim... at'o é bem porque não tenho coragem para essas coisas, mas uma pessoa da família... N'ao está direito.
- DR. - Por mim, minha senhora, pode ficar descansada. Não é para me gabar, mas te^o nho visto muita coisa. Por estas mãos tem passado o que o Rio tem de mais elegante.
- CLEMENTE - Há um meio. Não por causa do DR., em quem todos nós confiamos, mas pela maledicência.
- CUSTODIA - A língua do mundo.
- CLEMENTE - Eu vou na frente, meto-me lá num canto e quando o Dr. terminar o exame, apareço e volto com ela.
- DR. - É. Pode ficar na secretaria. Está muito bem. Enfim... eu estou por tudo.
- CUSTODIA - É só por causa da boca do mundo, Dr. O senhor não imagina esta vizinhança por aí. Não escapa ninguém.
- BIBI - Papai não tinha uma entrevista ao meio-dia?
- CLEMENTE - (DISTRALDO) Hein? Ora... vou à noite. (CUSTODIA E AO DR.) Bem, vou indo.
- CUSTODIA - Olhe, compadre... Fale-me pelo telephonio.
- CLEMENTE - Sim, sim.
- DR. - Espere na secretaria. (CLEMENTE SAI PELO FUNDO DIREITA)

CENA XII

- CUSTODIA - Será preciso ferro, Dr.?
- DR. - Não sei, minha senhora. Só vendo. Mas ainda que seja preciso não ser'a para hoje. Hoje farei apenas o exame.
- CUSTODIA - Seja tudo pelo amor de Deus! (EUFEMIA APARECE DE CHAPEU)
- EUFEMIA - Às suas ordens, Dr.
- CUSTODIA - (CHORAMINGANDO) Ah! minha filha... tem coragem.
- EUFEMIA - Eu vou apenas conversar com o Dr., mamãe. Preciso estar a sós com ôle.
- BIBI - (DAIXO A EUFEMIA) Ingrata!
- EUFEMIA - (COM UMA RABANADA) Não me amoles! (A CUSTODIA) Hoje decide-se o meu desti^o no: sim ou não!
- CUSTODIA - Que é isso, menina!...
- EUFEMIA - É o que lhe digo! Vamos, Dr.
- CUSTODIA - Você também nem parece homem, Bibi.
- BIBI - Que quer a senhora que eu faça, se ela não quer.
- CUSTODIA - Vai, minha filha. Deus te acompanhe.
- DR. - Às suas ordens, minha senhora. E fique tranquila. Esta não até hoje ainda não errou golpe. Fique tranquila. (CUSTODIA E BIBI ACOMPANHAM ATE O FUNDO. CUSTODIA APOIA-SE A UMA DAS CIBREIRAS, CHORANDO. BIBI PROSEGUE CONDUZINDO O MEDICO, QUE SE VAI TATRANDO, CURVADO SOBRE OS PASSOS)



CENA XIII

- IRACEMA - APARECENDO A DIREITA E, VENDO CUSTODIA A CHORAR, ADIANTA-SE NERVOSA, ABRAÇA-A E INTERROGA-A AFLITA) Que 'e? Que houve? (OLHANDO EM VOZBA) Onde est'a Sinhá ?
- CUSTODIA - Foi com o Dr. para a Casa de Saúde.
- IRACEMA - Para a Casa de Saúde?;